Enver Hoxha, Ramiz Alia e Nexhmije Hoxha

O P.T.A. e a Luta Contra o Revisionismo

2.ª EDIÇÃO

Edições Maria da Fonte

2.ª edição

Edições Maria da Fonte

EDIÇÕES MARIA DA FONTE

Livros publicados:

Colecção «TEXTOS MARIA DA FONTE»

1 — **Trotsky e o Trotskismo** — vários (2.ª edição)
2 — **Marx e os Sindicatos** — A. Losovski (4.ª edição)
3 — **Mao Tsé-tung e a Política de Partido** — Mao Tsé-tung (1.ª edição esgotada. Reedição a sair)
4 — **O P.T.A. e a Luta Contra o Revisionismo** — Enver Hoxha, Ramiz Alia e Nexhmije Hoxha (2.ª edição)
5 — **Dimitrov e a Luta Sindical** — Georges Dimitrov
6 — **Lenine — A Vida de um Revolucionário** — Yaroslavski
7 — **Combater o Revisionismo — Uma Tarefa Revolucionária** — Enver Hoxha
8 — **Sobre a Guerra e a Paz** — V. I. Lenine
9 — **Os Sindicatos da Classe Operária** — V. I. Lenine
10 — **As Classes, a Economia e a Frente Única** — Mao Tsé-tung

Colecção «ESTUDOS»

1 — **A Metade do Céu** — Claudie Broyelle (3.ª edição no prelo)
2 — **Castro, Debray Contra o Marxismo-Leninismo** — A. Petit

Colecção «DOCUMENTOS»

1 — **Sobre o Trabalho de Propaganda / Um Congresso Histórico** — Mao Tsé-tung, Chu En-lai e Wang Hong-wen (1.ª edição esgotada)
2 — **A Linha Política Revolucionária do P. C. do Brasil (M.-L.)**
3 — **Proclamação — Programa dos Comunistas (Bolcheviques) Revolucionários Soviéticos**
4 — **Guerra Popular — Caminho da Luta Armada no Brasil**
5 — **Programa e Estatutos da Internacional Comunista**
6 — **Sobre a Experiência da Guerra de Libertação Nacional e o Desenvolvimento do Exército de Libertação Nacional da Albânia**

Colecção «LIBERTAÇÃO NACIONAL»

1 — **Quem é o Inimigo? Qual é o Nosso Objectivo?** — Agostinho Neto (1.ª edição esgotada)
2 — **Manual Político do P.A.I.G.C.** (1.ª edição esgotada)
3 — **Textos e Documentos do M.P.L.A. sobre a Revolução Angolana** — Vários
4 — **A FRELIMO e a Revolução em Moçambique** — Mondelane, S. Machel

Colecção «LUTA OPERÁRIA»

1 — **Contra o Governo Provisório** — José Estaline
2 — **Os Comunistas e as Eleições** — V. I. Lenine
3 — **Relatório Sobre a Situação Internacional** — A. Idanov

Colecção «CULTURA POPULAR»

1 — **A Filosofia e a Arte ao serviço da Revolução** — Lu Sin, Michelle Loi e outros

A sair:

A Organização Comunista — V. I. Lenine
A Estratégia e a Táctica dos Comunistas — José Staline

O P.T.A. e a Luta Contra o Revisionismo

Colecção «Textos Maria da Fonte»

Dirigida por: Manuel Quirós

Editor: Maria Isabel Pinto Ventura

Tradutor: António Telo

Capa: Maria José Sacadura

© Para a versão Portuguesa de Edições Maria da Fonte

ENVER HOXHA, RAMIZ ALIA e NEXHMIJE HOXHA

O P.T.A. e a Luta Contra o Revisionismo

A CONFERÊNCIA NACIONAL DE ESTUDOS SOCIAIS

Durante a celebração do 25.° aniversário da libertação da Pátria e do triunfo da revolução popular, reuniu-se em Tirana, no mês de Novembro de 1969, a Conferência Nacional de Estudos Sociais, organizada pelo Instituto de Estudos Marxistas-Leninistas do C. C. do P. T. A., pela Universidade de Estado de Tirana, a Escola do Partido «V. I. Lenine» e o Instituto de Estudos Económicos do Conselho de Ministros da República Popular da Albânia.

A Conferência contou com a participação de 1400 quadros do Partido, do Estado, do Exército, das organizações sociais, estudiosos, filósofos, historiadores, economistas, juristas, professores, estudantes, escritores, trabalhadores da arte e da cultura, médicos, militantes dos estudos sociais, etc., provenientes de todo o país.

O camarada Enver Hoxha e outros membros do Comité Político Central do Partido do Trabalho da Albânia assistiram à sessão plenária da Conferência.

Os documentos da Conferência compreendem 4 co-relatórios, 84 comunicações e 60 intervenções apresentadas por investigadores, especialistas e trabalhadores de Tirana e das diferentes regiões do país.

Na última sessão plenária, os participantes na Conferência ouviram o relatório sobre o trabalho das suas

diferentes secções e o discurso de encerramento pronunciado pelo camarada Ramiz Alia, membro do Comité Político e Secretário do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia, «Para o constante reforço do trabalho no campo dos estudos sociais».

Este volume contém o discurso do camarada Ramiz Alia, membro do Comité Político do C. C. do P. T. A., o discurso de abertura da Conferência, pronunciado pela camarada Nexhmije Hoxha, membro do C. C. do P. T. A. e directora do Instituto de Estudos Marxistas-Leninistas, e os quatro co-relatórios apresentados na sessão plenária da Conferência.

RAMIZ ALIA

PARA O CONSTANTE REFORÇO NO CAMPO DOS ESTUDOS SOCIAIS DO TRABALHO

Camaradas,

A Conferência Nacional de Estudos Sociais, que se realiza no quadro das celebrações do 25.° aniversário da Libertação da Pátria, encerra hoje os seus trabalhos. Esta conferência constitui um importante acontecimento na vida ideológica e científica do país. Tornou-se uma tribuna do pensamento criador marxista-leninista sobre os grandes problemas sociais da nossa época e uma verdadeira escola de formação. Os relatórios e as comunicações que foram apresentados a esta conferência, bem como em alguns distritos e locais de trabalho, constituem estudos de um real valor. Alguns trouxeram uma nova contribuição à síntese científica da experiência revolucionária do nosso Partido, ao esclarecimento, a partir das posições do marxismo-leninismo, de alguns problemas históricos actuais e futuros.

A conferência nacional foi a cúpula de uma série de sessões científicas, organizadas em todo o país, quer na base quer nos organismos centrais, por ocasião do 25.° aniversário da Libertação. Estas sessões constituem uma grande acção de massas na qual participaram milhares de quadros e de trabalhadores, que prepararam relatórios e comunicações. A elas assisti-

ram igualmente outros milhares como auditores ou participantes activos nos debates. Eis um excelente exemplo da aplicação da linha de massas no domínio da ideologia e da ciência, uma aplicação do método da educação massiva dos quadros e dos trabalhadores em geral. Estas sessões científicas enriqueceram no conjunto a nossa experiência em matéria de estudos sociais, e constituem uma sólida base para um constante aperfeiçoamento e aprofundamento do nosso trabalho no futuro.

O pensamento social marxista-leninista tem a particularidade de ser sustentado e desenvolvido não por determinados indivíduos ou colectividades, mas sim pelas massas trabalhadoras, pelo nosso Estado, pelo Partido e sobretudo pelo seu Comité Central. Os relatórios, resoluções e todos os documentos principais do Partido, os discursos do camarada Enver Hoxha, são generalizações científicas de um profundo conteúdo revolucionário, de um grande e incontestável valor para a teoria e a prática da revolução e da edificação socialista. Baseando-se em análises científicas das situações e dos fenómenos, o Partido elaborou uma linha justa e de princípio, soube tomar posições revolucionárias a respeito dos mais complexos problemas nacionais e internacionais, combater vitoriosamente pela defesa do marxismo-leninismo, contra o revisionismo moderno titista e krutchevista.

Deste ponto de vista, o nível de desenvolvimento das ciências sociais não deve ser unicamente avaliado pelas monografias e estudos particulares, mas sobretudo pelo pensamento criador colectivo do Partido, pelo conjunto da sua actividade teórica, pelas radicais transformações que se deram na vida da nossa sociedade sob a sua condução e sob a bandeira do marxismo-leninismo.

Se considerarmos o problema sob este ponto de vista, podemos afirmar que no domínio das ciências sociais, longe de termos permanecido atrasados, avançámos mais do que em qualquer outro domínio do pensamento científico. O nosso Partido tem hoje um pensamento próprio, um pensamento claro e bem definido sobre todos os grandes problemas internos e externos, um pensamento de vanguarda, cientificamente baseado no marxismo-leninismo, que é apreciado e respeitado por todos os revolucionários do mundo.

A grande transformação que o marxismo-leninismo provocou no estudo da sociedade consistiu em ter baseado este estudo sobre fundamentos essencialmente científicos. As ciências sociais marxistas-leninistas não consistem, como alguns poderão pensar, em fórmulas e apreciações subjectivas; são ciências exactas, do mesmo modo que as ciências naturais. Se o critério consiste nos resultados práticos fornecidos, as imensas transformações que se realizaram na Albânia durante este último quarto de século em todos os domínios, demonstraram a eficácia da ciência social marxista-leninista, a clareza das suas teses teóricas e a exactidão das suas previsões científicas.

O Partido, dando grande importância ao estudo das ciências sociais, fez constantemente ressaltar a necessidade de um mais vasto e mais profundo desenvolvimento de cada um dos seus ramos particulares, favoreceu a organização de estudos sistemáticos em todos os domínios, para aplicar na prática a directiva do V Congresso sobre a estimulação do pensamento criador no domínio das ciências sociais marxistas, na nossa propaganda e em todo o nosso trabalho ideológico e cultural.

Nestes últimos anos, este trabalho foi orientado no bom sentido. Já sem falar nos resultados obtidos no domínio das ciências históricas e filológicas, onde os

estudos já vinham de trás, convém citar como importantes sucessos a redacção da história do Partido da Albânia bem como a publicação dos principais documentos do Partido e das obras do camarada Enver Hoxha. Está aí um grande tesouro de experiência revolucionária, uma bússola pela qual se orientam todas as ciências e os estudos sociais. Estes escritos são hoje estudados com zelo por centenas de milhares de pessoas e tornam-se um poderoso instrumento de mobilização e de educação.

Estudos organizados e sistemáticos foram igualmente empreendidos noutros ramos das ciências sociais, e nomeadamente nas ciências económicas, políticas, jurídicas, pedagógicas e estéticas. Também nestes domínios, procuramos ardorosamente criar e desenvolver o nosso pensamento marxista-leninista, afirmar a nossa metodologia marxista-leninista.

É igualmente de um alto valor ideológico e científico o trabalho massivo e de grande amplidão conduzido para a elaboração dos manuais das escolas e dos estabelecimentos de ensino superior.

Contudo, no que respeita ao desenvolvimento sistemático das ciências sociais e ao carácter de massa que é preciso dar-lhes, atraindo para as actividades de investigação os trabalhadores da base, o trabalho realizado até aqui não passa de um primeiro passo.

O ulterior reforço dos trabalhos de investigação sobre os problemas sociais é uma necessidade imperiosa da nossa época, ditada pela etapa actual do desenvolvimento da revolução socialista.

O nosso país encontra-se actualmente numa etapa avançada da edificação do socialismo e novos e complexos problemas nos estão a ser postos para a resolução dos quais é inexistente uma experiência histórica. Os princípios fundamentais do marxismo-leninismo estão na base de todo o nosso trabalho. Mas não

podemos esperar encontrar nas obras dos grandes clássicos soluções acabadas tanto para os problemas que nos preocupam como para os que surgirão no futuro. Assim, hoje mais do que nunca, é necessário desenvolver o pensamento criador marxista-leninista para definir as vias da edificação da sociedade socialista integral, combinando as verdades gerais do comunismo com a prática revolucionária do nosso Partido e do nosso povo. As ciências sociais marxistas-leninistas têm a função de iluminar o caminho a seguir pela prática revolucionária, de motivar cientificamente as nossas perspectivas de desenvolvimento, de se tornarem uma arma de combate nas mãos de Partido.

Actualmente é prioritário o reforço de todo o trabalho ideológico, enquanto condição essencial do progresso da revolução em todos os domínios, da sua vitória completa e definitiva. O objectivo deste trabalho é educar o homem novo de acordo com a moral e a concepção do mundo comunistas. É esta a principal frente de combate da luta de classes actualmente. Os inimigos do socialismo dão sempre uma particular importância à luta para estimular e manter vivas as sobrevivências da ideologia burguesa na consciência do homem albanês. É nestas sobrevivências que se fundamentam as suas esperanças de degenerescência da ordem socialista no seu conjunto. A têmpera ideológica dos homens constitui o factor determinante da sua participação activa e consciente na grande obra de edificação socialista, da sua atitude revolucionária em qualquer circunstância e em todas as situações. Também o reforço e a passagem a um estado superior do conjunto do trabalho ideológico do Partido, com o objectivo da educação comunista dos trabalhadores, têm hoje um profundo significado e uma importância vital.

É este o objectivo que os estudos sobre os problemas sociais servem e que devem servir cada vez

mais. O esclarecimento e a generalização dos problemas mais sentidos da evolução da sociedade actual a partir das posições da teoria marxista-leninista, contribuem para não limitar o trabalho ideológico e político a verdades e princípios gerais, mas a fazê-lo penetrar até ao fundo das questões, a agarrá-las mais concretamente. Contribuem para eliminar todo o formalismo e superficialidade no trabalho de propaganda e agitação, para o tornar mais claro e persuasivo, para o fazer penetrar profundamente no terreno da luta revolucionária, onde foram e são confirmados os princípios da ideologia proletária do Partido.

Por outro lado, entregando-nos à tarefa de elevar, através de estudos científicos, a prática revolucionária ao nível da generalização teórica, retiraremos todo o carácter de erudição do ensino da teoria marxista-leninista, tornaremos esta teoria mais acessível e mais compreensível às massas.

O reforço do trabalho de investigação é igualmente ditado pela necessidade contínua de melhorar o trabalho de direcção dos órgãos do Partido e do Estado.

A sociedade socialista e comunista é a primeira formação social da história da humanidade que nasce, se desenvolve e triunfa como consequência da aplicação consciente de leis objectivas. Edifica-se com base em programas e planos científicos, sob a condução do Partido da classe operária. Não é o acaso ou a espontaneidade, mas as acções conscientes que caracterizam o desenvolvimento das forças produtivas, das relações de produção, da instrução e da cultura, da formação ideológica das massas.

Nesta ordem de ideias, o constante melhoramento do trabalho de direcção científica do desenvolvimento da sociedade assume uma importância cada vez maior. Actualmente, sem generalizações científicas, não pode haver direcção satisfatória nem pelo Partido ou pelo

Governo, nem pelos comités do Partido, nem por nenhum dos elos do aparelho de Estado, nem pelas instituições económicas ou culturais, nem por nenhuma organização de massas. É por isto que o Partido nos recomenda constantemente que eliminemos dos nossos métodos de trabalho as manifestações características do praticismo estreito, do empirismo, da mera análise dos acontecimentos rotineiros, que impedem as pessoas de dissecar e aprender profundamente os fenómenos da vida, de se consagrar aos problemas fundamentais e de realizar correctamente as grandes tarefas que lhes incumbem.

Os estudos sobre problemas sociais a todos os níveis e em todos os domínios, a maneira científica de tratar os problemas teóricos e práticos, numerosos e complexos, que surgem ao longo do processo da edificação do socialismo, a determinação das medidas e vias actuais e futuras que conduzam à sua solução, são outros tantos factores que concorrem para a elevação constante do nível da direcção dos órgãos do Partido e do Estado.

Um dos principais objectivos das nossas ciências sociais consiste em generalizar a experiência da nossa revolução e da edificação do socialismo no nosso país. Esta experiência é um verdadeiro tesouro, que não terá valor se não for estudada e generalizada com base em fundamentos científicos.

O aparecimento da história do Partido do Trabalho da Albânia não nos deve fazer crer que esta tarefa já está completa. A redacção da história da luta de de Libertação Nacional empreendida pelo Instituto de Estudos Marxistas-Leninistas, e a da história da Albânia no período que se seguiu à Libertação, começada pelo Instituto de história e de linguística, representam uma nova contribuição neste domínio.

Mas para nós é importante elaborar e generalizar mais alargada e profundamente a experiência revolucionária do Partido e da revolução, não só à escala nacional mas também nos distritos, nas regiões, nas empresas, nas aldeias e nas instituições. Um exemplo estimulante neste sentido é o trabalho relativamente satisfatório e benéfico actualmente efectuado para a redacção da história da luta de Libertação Nacional, nos distritos, e de cada uma das brigadas do exército de libertação nacional.

A generalização da experiência histórica deve ser feita de tal maneira que se tirem ensinamentos para o presente e o futuro, ajudando os comunistas e os trabalhadores a compreender melhor, não só todo o caminho percorrido pelo Partido e pelo povo e a luta travada, mas também as actuais tarefas que é necessário realizar, armando-os para lhes permitir levar sempre para a frente a nossa grande causa.

A tarefa mais importante e mais actual das nossas ciências sociais é o estudo das questões teóricas e práticas do desenvolvimento da nossa sociedade para a edificação da sociedade socialista integral. Isto significa que, não negligenciando de modo nenhum o estudo da história do nosso povo, a generalização da experiência revolucionária do partido e das massas trabalhadoras, devemos voltar antes de mais os nossos estudos para os problemas actuais e a longo prazo, para os problemas que requerem uma solução tão pronta quanto possível e cuja sistematização ajuda directamente a atingir os objectivos do Partido. E tais problemas são muitos.

No presente momento, o Partido esforça-se particularmente por varrer todos os elementos estranhos da superestrutura da nossa sociedade e por melhorar ainda esta superestrutura. Neste sentido, os estudos podem debruçar-se sobre numerosos problemas relativos à eliminação do burocratismo, ao reforço e extensão da democracia proletária, nomeadamente o aperfeiçoamento das relações entre os quadros e as massas, o reforço do papel do controle pelas massas e sobretudo pela classe operária, o aperfeiçoamento da legalidade socialista, etc. Problemas extremamente importantes são os que dizem respeito à educação do homem novo, à sua formação de acordo com a concepção comunista do mundo, à luta contra as sobrevivências burguesas e pequeno-burguesas na consciência dos homens. Os nossos estudos neste domínio bem como no que se relaciona com a posterior revolucionarização da nossa escola, da nossa cultura e de toda a vida espiritual da nossa sociedade, devem ser o suporte e a motivação científica das orientações, dadas pelo Partido, acumular, elaborar e sintetizar a experiência teórica e prática, abrir novos caminhos e novas possibilidades, armar-nos da teoria no nosso combate.

O Partido trabalha actualmente com todas as suas forças para a solução de numerosos problemas sociais relacionados com as questões fundamentais da moral comunista, o conjunto das relações familiares, o modo de vida, a emancipação completa da mulher, a luta contra o conservantismo e os costumes atrasados, etc. Temos aqui um domínio de importância vital para o aprofundamento da revolução num sector onde muita coisa velha nos impede de avançar. O camarada Enver Hoxha faz notar constantemente que as antigas concepções e normas reaccionárias nestes domínios amarram o ardor revolucionário dos trabalhadores, particularmente as energias da juventude e das mulheres. A implacável guerra que o Partido declarou a tudo o que há de caduco e podre nesta matéria, não pode ser conduzida vitoriosamente sem se basear em estudos sérios que sejam capazes de descobrir as raízes

destes fenómenos, de esclarecer os erros que eles causam e o perigo que representam, e que nos armem no plano espiritual e prático para os liquidar. Contudo, é preciso reconhecer que até agora nos ocupámos pouco destes problemas e mesmo assim de uma maneira superficial. O Partido exige que realizemos, igualmente neste domínio, uma viragem radical. O nosso primeiro objectivo a atingir neste campo é dar forma às novas normas da moral comunista não só no nosso trabalho como na família, na vida pública, por todo o lado. É necessário que os nossos estudos neste domínio não se limitem a indicar a fonte dos antigos males e das antigas normas, verificando-os e enunciando-os, mas que, mantendo uma atitude crítica a seu respeito, elaborem os valores morais que se criam na nossa sociedade, que afirmem e alicercem tão solidamente quanto possível os novos usos e comportamentos socialistas. Neste domínio como em todos os outros, age a lei dialéctica do desenvolvimento através da luta dos contrários, a luta entre o novo que nasce e cresce, e o antigo que declina e morre. As ciências sociais marxistas têm como objectivo não só dar uma explicação teórica exacta e aprofundada desta lei, mas mostrar como é que ela atcua nos casos concretos da nossa vida quotidiana, e como é necessário que nos guiemos por ela em todas as tomadas de posição e em toda a acção prática.

Se actualmente damos uma importância primordial aos problemas ideológicos, políticos e sociais, não negligenciamos por isso os problemas económicos. A economia é a base de toda a ordem social e política, é o desenvolvimento económico que determina em definitivo todo o desenvolvimento da sociedade. O papel desempenhado pelas ciências económicas, que agora já é importante, cresce continuamente.

O que é pedido às ciências económicas é que estudem uma série de problemas relativos ao ulterior desenvolvimento das forças produtivas, e sobretudo ao ulterior aperfeiçoamento das relações de produção. Problemas tais como o das vias de edificação completa da base material e técnica do socialismo e o aprofundamento da revolução técnica e científica, do crescimento do rendimento do trabalho, e sobretudo do aperfeiçoamento da organização e do modo de remuneração do trabalho assim como da metodologia da planificação e da direcção da economia popular, etc., são tantos outros assuntos para estudos complexos e de uma imensa importância actual e futura. Para serem frutuosamente tratados, estes assuntos exigem uma análise científica do caminho percorrido e dos resultados obtidos até agora, da nossa situação actual neste campo e dos problemas que se nos põem. Estas questões, e outras similares, mostram bem a necessidade de estudar a experiência histórica adquirida, ligando sempre este estudo com a realização das tarefas imediatas e a longo prazo.

As investigações feitas até agora no domínio das ciências sociais distinguem-se pelo seu carácter de classe e militante, e pelo seu espírito de partido proletário. Estas qualidades devem ser preservadas e ainda mais desenvolvidas no futuro, numa luta implacável contra a ideologia burguesa e revisionista, contra toda a influência que estas possam vir a ter nas ciências e na vida do nosso país.

Esta tarefa é hoje particularmente importante, pois o marxismo-leninismo tem de enfrentar um ataque frontal, sem precedentes, de todos os seus inimigos, desde a burguesia e os sociais-democratas até aos trotskistas, aos anarquistas e aos revisionistas modernos. Todos têm um único e mesmo objectivo: destruir o

marxismo-leninismo, desviar as massas da revolução, do socialismo.

Com este objectivo, alguns deles, principalmente os revisionistas modernos, rejeitam todo o conteúdo revolucionário da ideologia proletária, conservando apenas a forma exterior, a fraseologia marxista e socialista. Outros, pelo contrário, particularmente os ideólogos burgueses, pretendem atingir o mesmc objectivo, dizendo que o marxismo-leninismo fracassou e é incapaz de resolver os problemas da evolução social actual. Para tornarem as suas afirmações mais persuasivas, invocam a degenerescência burguesa da União Soviética e dos outros países socialistas onde os revisionistas modernos chegaram ao poder.

Nestas condições, incumbe-nos desmascarar a essência reaccionária e anti-marxista das teorias burguesas e revisionistas, pôr a claro o seu papel de diversão ideológica, e denunciá-las até ao fim.

Em luta contra a ideologia burguesa e revisionista, as nossas ciências sociais têm a obrigação de defender os princípios do marxismo-leninismo, mostrar a sua correcção e vitalidade enquanto ciência sempre viva, arma activa para a destruição da antiga ordem burguesa e edificação da nova sociedade.

Para este efeito importa esclarecer o aspecto teórico da nossa prática revolucionária, das soluções vitoriosas fornecidas pelo nosso Partido aos grandes problemas da revolução e da edificação do socialismo, prática e soluções essas onde é preciso ver uma demonstração da vitalidade e da acção triunfante do marxismo-leninismo, da sua capacidade de fornecer uma resposta a todos os problemas que aparecem no caminho do progresso da sociedade.

A defesa do marxismo-leninismo exige igualmente que seja dada uma explicação científica de todos os fenómenos sociais do mundo, dos grandes problemas internacionais da nossa época, opondo-a à maneira anti-marxista como são tratados pela burguesia e pelos revisionistas. O estudo destes problemas também é importante porque a nossa sociedade e o nosso país não estão desligados do mundo exterior, do desenvolvimento do conjunto da sociedade humana.

É pois necessário estudarmos mais profundamente os problemas relativos ao desenvolvimento da revolução mundial, em particular à luta da classe operária e das outras forças revolucionárias nos países capitalistas e revisionistas, aos movimentos de libertação nacional, aos movimentos dos estudantes e da juventude em geral, etc.

Ao mesmo tempo, devemos seguir atentamente os processos de desagregação e decomposição do sistema capitalista mundial e da degenerescência geral, burguesa e revisionista, da União Soviética e dos outros países ex-socialistas, e daí tirar as devidas conclusões teóricas e práticas.

Isto ajuda-nos a compreender mais claramente as tendências objectivas do desenvolvimento actual da sociedade humana, a conhecer cada vez melhor os nossos inimigos e os nossos aliados, a edificar e a seguir sempre uma justa política marxista-leninista.

As ciências na Albânia socialista só se podem desenvolver numa direcção correcta se as grandes massas dos trabalhadores participarem nesse desenvolvimento tal como o nosso Partido e o camarada Enver Hoxha sublinharam. Nada pode progredir no nosso país fora da linha de massas.

Nesse sentido, também temos feito progressos. Milhares de camaradas, homens e mulheres, na capital e na província, nas empresas económicas, nas cooperativas agrícolas e nos estabelecimentos de ensino, foram encarregados de efectuar estudos sobre diversos problemas sociais.

Também os trabalhadores das nossas instituições de investigação saíram para fora dos muros das suas salas e bibliotecas e realizaram uma série de importantes estudos na base, nos lugares onde se produz e onde se luta contra as dificuldades, integrando também nesses estudos operários e camponeses.

Pode dizer-se que, para começar, os primeiros resultados não são maus, que são mesmo encorajantes. No entanto, existem todas as possibilidades para que seja alargado o círculo daqueles que se podem consagrar ao estudo dos problemas sociais, sobretudo na base. Para que isto aconteça, é necessário que lhes seja prestada uma maior e mais qualificada ajuda pelos órgãos do Partido e do Estado, e sobretudo pelas instituições científicas e de investigação especializadas, tais como o Instituto de Estudos Marxistas-Leninistas, a Universidade do Estado, a Escola do Partido, etc.

A prática dos últimos anos demonstrou que as sessões científicas constituem uma forma de trabalho interessante no campo das ciências sociais e que exercem neste domínio uma função estimulante. Com base na experiência adquirida, é necessário que estas sessões se transformem num elemento constitutivo orgânico do sistema de trabalho de cada órgão ou organização do Partido, do Estado ou de sectores económicos e sociais, se transformem em tribunas onde fermente o pensamento criador, onde sejam debatidos os problemas teóricos que nascem da nossa própria prática revolucionária. Esta forma de trabalho contribui para armar os trabalhadores com os ensinamentos do Partido e do camarada Enver Hoxha, com as ideias do marxismo-leninismo, e é estimulante para a participação das massas na generalização da experiência e para o estudo das questões teóricas.

O esforço tendente a dar aos estudos sociais um carácter de massa, a sua organização e o trabalho de

direcção bem concebido neste domínio constituem um aspecto da questão. O outro aspecto que ainda é mais importante, é o esforço para elevar o nível científico destes estudos.

E isto porque o valor de um estudo não pode ser julgado unicamente com base no número de sessões e de investigadores, no número de relatórios, monografias e artigos científicos. O que é decisivo é o grau de generalização teórica, os elementos novos que esses estudos fornecem à nossa teoria e à nossa prática revolucionárias, os resultados práticos que dão, o poder que tem de pôr em movimento as massas em diversas frentes da luta pelo socialismo e pela defesa da Pátria.

Contudo, é um facto que alguns dos nossos estudos ainda têm uma série de defeitos que lhe diminuem o valor científico. Têm muitas vezes um carácter marcadamente descritivo e incluem poucas generalizações e conclusões teóricas, ou então são muito gerais e não se baseiam em dados concretos. Bastantes vezes as conclusões formuladas não passam da repetição de teses e verdades gerais conhecidas. As generalizações não aparecem como a consequência lógica da análise científica dos factos e dos fenómenos sociais da prática revolucionária Albanesa. Nestes estudos, raramente se explicitam corajosamente novos fenómenos sociais, novas tendências objectivas observadas na evolução da nossa sociedade.

A elevação do nível científico dos nossos estudos sociais só poderá ser obtida graças à aplicação correcta e aprofundada dos princípios e dos critérios da metodologia marxista-leninista, que é a única científica.

Os ensinamentos do marxismo-leninismo, o exemplo da obra científica dos grandes educadores do proletariado, a educação destes ensinamentos na actividade criadora do Partido e do camarada Enver Hoxha indi-

cam-nos que os critérios científicos metodológicos sobre os quais é necessário orientar-se nos estudos sociais são: a representação verdadeira da realidade objectiva, o tratamento dialéctico materialista dos factos e dos acontecimentos, a análise de classe dos problemas e dos fenómenos, o espírito de partido proletário.

Quando dizemos que nos devemos basear nos princípios do marxismo-leninismo, isto não significa que enunciemos os princípios como fórmulas ou esquemas, e depois procuremos mecanicamente os factos para «demonstrar» a acção destes princípios na revolução e na edificação socialista na Albânia. Um tal método não traria nenhum progresso às nossas ciências sociais. Fundamentar o trabalho nos princípios marxistas-leninistas quer dizer guiar-se pela ideologia proletária, pelo método dialéctico materialista na forma de abordar os problemas, na análise dos factos e dos acontecimentos, na apreciação dos fenómenos sociais e nas conclusões teóricas.

O objectivo de qualquer ciência é a realidade, a vida. É este o princípio que nos deve conduzir nos estudos sociais. Qualquer estudo no campo das ciências sociais só tem valor dentro do âmbito da prática da edificação socialista, da luta contra o imperialismo e o revisionismo, pelo triunfo do socialismo à escala mundial. Os nossos estudos têm valor prático quando servem a luta revolucionária do Partido e do povo.

No estudo científico da nossa prática revolucionária é-nos pedido sobretudo que façamos ressaltar a legitimidade objectiva da evolução social, os novos fenómenos que aparecem e crescem no lugar dos antigos que vão desaparecendo. Orientando o trabalho neste sentido ajudamos a estimular os novos fenómenos sociais, as novas tendências objectivas, a acelerar o seu

desenvolvimento, a consolidá-los e a fazer-lhes receber uma consagração geral.

Nos nossos estudos sociais, assim como na nossa propaganda em geral, rejeitamos correctamente o antigo. Rejeitamos as taras antigas da sociedade feudal-burguesa, na base e na superestrutura, os costumes retrógrados e as concepções patriarcais, feudais e burguesas na consciência dos homens, as crenças religiosas; rejeitamos as concepções e a actividade traidora dos revisionistas. Certamente que esta denúncia é indispensável, mas é insuficiente. Denunciando o que é vetusto, reaccionário, é particularmente importante afirmar o que é novo, progressista, revolucionário. E nem sempre o fazemos até ao fim e de maneira satisfatória. A prática sempre mostrou que o antigo não pode ser eliminado senão através de uma luta, mesmo quando o novo o substitui plenamente. Denunciar o antigo é relativamente fácil, enquanto que lutar pela sua completa eliminação e pela vitória do novo é mais árduo. É precisamente para ultrapassar essas dificuldades, para abrir caminho ao novo que devem contribuir as ciências sociais.

Camaradas!

Ao encerrar a Conferência nacional dos estudos sociais, permiti que felicite, em nome do Comité Central do Partido, o Instituto de Estudos Marxistas-Leninistas, a Escola do Partido «V. I. Lenine», a Universidade de Estado de Tirana, e o Instituto dos Estudos Económicos, por terem organizado esta conferência de um elevado nível científico, que felicite os autores dos relatórios e das comunicações e todos os participantes nos debates desta conferência, que contribuíram para lhe assegurar o sucesso.

Que a experiência das sessões científicas e desta conferência nacional em particular, contribua para acti-

var e fortalecer a luta pela feliz aplicação das directivas do Partido e do camarada Enver Hoxha de modo a conseguir elevar a um estado superior o pensamento criador no domínio das ciências sociais marxistas-leninistas! Avancemos com uma confiança total na nossa força, na capacidade científica dos nossos homens, entreguemo-nos corajosamente ao estudo aprofundado de numerosos e importantes problemas, sirvamos com todas as nossas forças o desenvolvimento contínuo da revolução socialista na Albânia!

Viva o Partido do Trabalho da Albânia e o seu Comité Central, tendo à frente o camarada Enver Hoxha!

Glória ao marxismo-leninismo!

DISCURSO DE ABERTURA DA CONFERÊNCIA FEITO PELA CAMARADA NEXHMIJE HOXHA, DIRECTORA DO INSTITUTO DE ESTUDOS MARXISTAS-LENINISTAS JUNTO DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA

Camaradas :

Permiti que abra a Conferência nacional dos estudos sociais, organizada pelo Instituto de Estudos Marxistas--Leninistas junto do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia, pela Escola do Partido «V. I. Lenine», pela Universidade de Estado de Tirana e pelo Instituto de Estudos Económicos.

Esta conferência realiza-se no quadro do 25.° aniversário da libertação da pátria e da vitória da revolução popular.

Ao longo destes últimos vinte e cinco anos, nasceu e edificou-se uma Albânia inteiramente nova. De país agrário e semi-feudal, a nossa pátria passou a ser livre e soberana transformando-se num país socialista. Num quarto de século vimos realizarem-se transformações políticas, económicas, culturais e sociais de uma tal amplitude, que a Albânia, dominada pelos opressores estrangeiros, grandes latifundiários e a burguesia nacional reaccionária, não tinha conhecido durante vários séculos.

De país profundamente atrasado, mergulhado nas trevas e quase totalmente privado de indústria, onde a falta de cultura, a pobreza e a miséria amarravam grandes massas, a Albânia, hoje socialista, tornou-se um

país dotado de uma indústria que cresce, alarga-se e aperfeiçoa-se de dia para dia, uma agricultura avançada que se mecaniza, se intensifica cada vez mais, um país onde o analfabetismo não é mais do que uma triste recordação, onde a instrução e a cultura, as artes, as ciências e a técnica são bens das massas, de onde numerosas doenças e costumes odiosos foram eliminados. Hoje, no nosso país, homens e mulheres, velhos e novos, unidos como um só homem pelos mesmos objectivos e interesses na edificação completa da sociedade socialista e defesa da pátria socialista, sob a bandeira da ideologia proletária, do marxismo-leninismo, e sob a condução do glorioso Partido do Trabalho, vivem livres e felizes.

A libertação da Pátria, em 29 de Novembro de 1944, o triunfo da revolução popular e todas as realizações da edificação socialista no nosso país foram conseguidas, em primeiro lugar, graças à direcção sabedora e à justa linha do nosso Partido do Trabalho e do seu Comité Central, tendo à sua frente o camarada Enver Hoxha.

No dia 8 de Novembro de 1941 foi fundado o Partido Comunista da Albânia (hoje Partido do Trabalho da Albânia); este importante acontecimento marcou o começo da viragem mais radical na história do nosso povo e do nosso país, e o começo de uma época, inteiramente nova para nós.

Passados vinte e oito anos depois da sua fundação, e ao longo de toda a sua existência, o Partido do Trabalho elaborou em teoria e aplicou na prática uma linha político-ideológica e económico-social correcta, o que trouxe ao nosso povo os felizes dias que actualmente conhece.

Apoiando-se solidamente nos princípios fundamentais do marxismo-leninismo e aplicando-os de maneira criadora nas condições do nosso país, o Partido fortaleceu

o seu papel de direcção, enquanto partido da classe operária de um país na altura atrasado, em que a classe operária era pouco numerosa, combinou com sucesso a luta pela libertação nacional com a luta pela destruição do poder feudal burguês e a instauração do poder popular, conduziu vitoriosamente a união das largas massas do povo numa vasta frente sob a condução única do Partido Comunista.

Conduzidos pelo Partido, conseguimos promover um rápido desenvolvimento da economia socialista nacional num pequeno país, atrasado e cercado por inimigos imperialistas e revisionistas, e isto apoiando-nos principalmente nas nossas próprias forças.

De acordo com os ensinamentos do Partido e do camarada Enver Hoxha, definimos actualmente as vias e tomamos medidas eficazes para desenvolver e aprofundar a revolução socialista de maneira contínua, para aperfeiçoar as relações sociais socialistas e as relações socialistas de produção, para conduzir a revolução socialista até ao fim no domínio da cultura e da ideologia, para extinguir na nossa sociedade toda a tara e influência da antiga sociedade, para revolucionarizar os homens constantemente e sob todos os aspectos, para impedir a sua degenerescência revisionista e burguesa e cortar o caminho, de uma vez por todas, à aparição do revisionismo e ao retorno ao capitalismo.

Em todas as etapas do desenvolvimento da revolução e da edificação socialista, o nosso Partido analisou e pesou cada problema de um ponto de vista de classe, partindo sempre dos interesses actuais e a longo prazo da classe operária, do povo, do socialismo.

Também na véspera deste glorioso aniversário, o povo Albanês dirige os seus melhores pensamentos, os seus sentimentos mais calorosos e a sua mais profunda gratidão ao seu querido Partido, obreiro de todas

as grandes vitórias que ao longo deste quarto de século o nosso país alcançou.

Todos os anos, o nosso Partido e o nosso povo celebram o 7 de Novembro, dia da Grande Revolução Socialista de Outubro. Além de marcar a viragem mais radical nos destinos da humanidade e inaugurar a época da falência do capitalismo e do triunfo do socialismo à escala mundial, a vitória da Revolução de Outubro marcou igualmente uma grande viragem nos destinos do povo Albanês.

Jamais os ensinamentos da Revolução Socialista de Outubro deixarão de inspirar os operários, os camponeses e os povos submetidos, na luta revolucionária contra a opressão e a exploração. A sua chama, como sempre, queimará e destruirá todos os traidores ao marxismo-leninismo e à revolução proletária, a sua chama destruirá, em primeiro lugar, os revisionistas soviéticos que traíram as grandes vitórias da revolução de Outubro, da luta e do trabalho pleno de abnegação dos bolcheviques e de todos os povos da União Soviética, conduzidos pelo grande Lenine e por Staline.

O Partido do Trabalho da Albânia, com o camarada Enver Hoxha à sua frente, tem permanecido fiel às grandes ideias do marxismo-leninismo, e aplicou-as de maneira criadora, de acordo com as condições objectivas nacionais e internacionais. Além de ter defendido resolutamente estes ensinamentos e estas ideias, desenvolveu-os numa dura luta contra o fascismo, o imperialismo e o revisionismo moderno, titista e krutchevista.

«O marxismo-leninismo — como realçou o camarada Enver Hoxha — é a bússola que indica infalivelmente os pontos cardeais». Esta bússola infalível conduziu e conduzirá sempre o nosso Partido fazendo-o sempre avançar na justa via revolucionária, conservando sempre

intacta e levantada a bandeira triunfante da revolução proletária e do socialismo.

O Partido do Trabalho da Albânia, lado a lado com os outros partidos revolucionários da classe operária, e em primeiro lugar com o grande Partido Comunista Chinês, conduzido pelo presidente Mao Tsé-tung, prosseguirá consequentemente a sua luta de princípio intransigente contra o revisionismo moderno, que tem por epicentro o revisionismo soviético, até à sua completa destruição política e ideológica. Considera esta luta como um grande dever internacionalista que lhe cabe para defender a nossa doutrina vitoriosa do marxismo-leninismo e para o triunfo do socialismo à escala mundial.

Camaradas :

Poucos dias nos separam do glorioso 25.° aniversário da libertação da pátria e da vitória da revolução popular. Ao lado da classe operária e de todos os trabalhadores do país, e inspirando-se nas suas magníficas realizações, os trabalhadores dos sectores ideológicos do Partido e do Estado, das instituições científicas e das organizações de massa, que participaram em centenas de sessões científicas, esforçam-se por dar, também eles, a sua contribuição a esta conferência, respondendo à directiva do V Congresso do Partido no sentido de estimular o pensamento criador no domínio das ciências sociais marxistas-leninistas; esforçaram-se por traçar o balanço da luta do nosso povo sob a direcção do nosso Partido do Trabalho e de fazer generalizações da experiência do Partido e das massas no que diz respeito à vitória da revolução popular e à edificação do socialismo ao longo do último quarto de século.

A organização de estudos sobre os problemas sociais feita pelas organizações do Partido e das massas, pelos

organismos económicos, científicos, culturais e outros do Estado, as centenas de sessões científicas organizadas nos locais de trabalho, nas cooperativas agrícolas, nas escolas, na província e na capital, e isso até à realização da presente conferência, testemunha um novo impulso do pensamento criador no nosso país, com a participação não só dos intelectuais socialistas e dos especialistas, mas também dos quadros do Partido e do Estado, dos activistas dos sectores sociais e das largas massas de trabalhadores urbanos e rurais.

Tende a ser ultrapassada a opinião segundo a qual o nível de instrução e de formação teórica dos simples comunistas e dos simples trabalhadores constitui um obstáculo que os impede de se entregarem a estudos e de procederem a generalizações. Igualmente a ideia de que, para se dedicar a estudos, é necessário ser-se especialista com um nível de instrução e de formação teórica elevada, tende a ser ultrapassada.

Os temas dos problemas sociais abordados ao longo das sessões científicas e a maneira como esses problemas foram tratados são uma demonstração dos esforços desenvolvidos para refutar a tendência errada em acreditar nos «grandes» estudos, nos estudos «académicos», nos estudos pelos estudos, desligados da vida, da prática revolucionária, do desenvolvimento da nossa sociedade e das massas.

Os trabalhadores das ciências sociais, assim como toda a nossa nova intelectualidade, fundem-se cada dia mais com as massas. Virando-se para a vida, a realidade, a prática revolucionária, seguindo os ensinamentos do Partido sobre a orientação dos estudos no sentido da vida, da prática revolucionária das massas, que produzem, edificam e defendem a pátria socialista, os que se dedicam ao estudo dos problemas sociais foram capazes de ligar melhor as verdades universais descobertas e formuladas pelos clássicos do marxismo-

-leninismo à prática revolucionária Albanesa, de ligar mais estreitamente a sua vida a esta prática e às massas operárias e camponesas, de tornar mais acessível a essas massas a teoria marxista-leninista, e dar uma real contribuição à solução dos problemas que hoje preocupam o Partido e o país.

Estes sucessos no campo dos estudos sociais só são o começo do grande e aprofundado trabalho que é pedido pelo Partido nesta matéria, mas são um bom começo, um começo encorajador.

O Partido define-nos como tarefa ampliar e aperfeiçoar os sucessos obtidos, elevar cada vez mais o nível do pensamento criador das ciências sociais marxistas-leninistas baseando-nos nas obras dos nossos grandes educadores — Marx, Engels, Lenine, Staline, que iluminaram e iluminarão sempre o caminho do nosso Partido, apoiando-nos nos documentos e nos principais materiais do Partido e nas obras do camarada Enxer Hoxha, que constituem uma síntese aprofundada da experiência revolucionária do Partido e das nossas massas trabalhadoras, que representam o mais alto nível atingido pelas ciências sociais marxistas-leninistas no nosso país, e que ilustram a aplicação fiel e criadora do marxismo.

A conferência nacional dos estudos sociais propõe-se contribuir para a animação do pensamento criador no campo dos problemas sociais, promover o desenvolvimento ulterior destes estudos à luz das ideias imortais do marxismo-leninismo, dos ensinamentos do Partido, das suas directivas e das suas decisões, ajudar a compreendê-las e a aplicá-las mais aprofundadamente.

Serão apresentados quatro relatórios e umas oitenta comunicações sobre problemas ligados à luta de libertação nacional, à edificação do sistema económico e social e à revolução socialista no nosso país, sobre

problemas relativos ao movimento revolucionário mundial e à luta contra o imperialismo e o revisionismo.

Estes materiais foram preparados por trabalhadores das ciências sociais, por quadros do Partido, do Estado, da economia, da cultura, do exército e das organizações de massa, na capital e na província.

Os relatórios e a maioria das comunicações foram especialmente preparados para esta conferência e serão aqui lidos pela primeira vez. As outras comunicações foram escolhidas de entre os melhores materiais das sessões científicas feitas na província, nos locais de trabalho, nos departamentos ministeriais, nos órgãos centrais das organizações de massa e noutros organismos. Uma razoável quantidade de outros materiais válidos foram igualmente apresentados à base, mas bem entendido, só alguns foram escolhidos, particularmente os que tinham um carácter de maior generalização.

Os trabalhos da Conferência serão feitos em sessão plenária e em quatro secções. É em sessão plenária que serão apresentados os relatórios e que se encerrarão os trabalhos. As comunicações serão lidas nas secções onde se farão igualmente discussões. Além disto os relatórios e uma boa parte das comunicações serão estudadas na província e nos locais de trabalho.

Camaradas,

Permiti que vos exprima a minha convicção de que os trabalhadores científicos e os milhares de activistas e outras pessoas que se entregaram ao estudo dos problemas sociais por todo o país, tanto nos organismos centrais como na base, cumprirão dignamente o seu nobre dever para o desenvolvimento e consolidação das ciências sociais marxistas-leninistas, para a elevação contínua do pensamento criador neste domínio, para a afirmação geral e constante da nossa

ideologia proletária, o marxismo-leninismo, para uma cada vez melhor efectivação da linha revolucionária do nosso heróico Partido.

Em nome das instituições que organizaram esta conferência, saudamos e agradecemos de todo o coração aos dirigentes do Partido e do Estado, com o camarada Enver Hoxha à sua frente, assim como a todas as pessoas que nos honraram com a sua presença.

Viva o Partido do Trabalho da Albânia, o seu Comité Central, tendo à sua frente o camarada Enver Hoxha!

Viva o 25.° aniversário da libertação da pátria e do triunfo da revolução popular!

Glória ao marxismo-leninismo!

Camaradas,

Declaro aberta a Conferência Nacional de Estudos Sociais.

Bom trabalho!

NDREÇI PLASARI

SOBRE ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA REVOLUÇÃO NA ALBÂNIA

RELATÓRIO

A nossa revolução, que estalou na Albânia há 28 anos, sob a direcção do partido da classe operária e, que prosseguiu e prossegue sem interrupção, extirpando e destruindo tudo o que é caduco, reaccionário, e edificando uma nova sociedade, liberta da opressão e da exploração e altamente desenvolvida nos planos económico, social e cultural, é uma revolução fundamentalmente popular. Nunca como ao longo deste período histórico, as largas massas do povo Albanês participaram tão activamente na vida política, económica, social, nunca deram provas de tamanha energia e força criadora, nunca estiveram tão unidas, resolutas e seguras da vitória, tão conscientes da sua luta revolucionária e dos objectivos desta luta. Ao longo desta revolução produziram-se no sistema político, no regime social e nos domínios económico, ideológico e cultural, revolucionarizações de uma tal amplitude, transformações tão profundas e progressos tão impetuosos, sem precedentes na história do nosso país.

Na nossa revolução realizaram-se as leis gerais da revolução e os ensinamentos do marxismo-leninismo. Esta revolução é uma demonstração de aplicação criadora pelo nosso Partido destas leis e ensinamentos e traz ao mesmo tempo a marca das condições con-

cretas internas e externas nas quais ela se desenvolveu.

As características da nossa revolução foram estudadas nas obras do camarada Enver Hoxha, nos documentos e outros materiais do Partido e na História do Partido do Trabalho da Albânia. A exposição, para ser completa, exigiria um ou mais volumes. Este co-relatório tem apenas por objectivo resumir certos destes traços, enunciados sob a forma de conclusões.

I

Quando nasceu, a nossa revolução tinha por fundamento a luta pela libertação nacional. Foi ao longo desta luta que ela cresceu enquanto revolução anti-imperialista democrática, para em seguida se desenvolver e aprofundar enquanto revolução socialista.

A revolução é a consequência da exacerbação das contradições sociais num dado país, é inconcebível sem uma crise política geral que englobe as camadas dominantes e que toque todas as camadas da população do país.

Esta crise é provocada por factores económicos e políticos, pelo extremo agravamento da miséria das massas trabalhadoras, pelo seu descontentamento e as suas tentativas de destruir esta situação. Nas condições do nosso país a crise política geral que serviu de base objectiva à revolução foi desencadeada sobretudo por factores políticos, isto é, pela ausência de liberdade e supressão da independência nacional, pela submissão do país à Itália fascista, pela profunda cólera do povo e pelos seus esforços para sacudir o jugo que sobre ele pesava.

Isto não quer contudo dizer que os factores económicos não desempenharam nenhum papel. A miséria e a pobreza das massas trabalhadoras foram uma

importante base da nossa revolução. O Partido aproveitava constantemente esta stiuação para sublevar o povo e comprometê-lo na luta contra os ocupantes e os traidores. Contudo este factor só desempenhava um papel auxiliar. A questão essencial invocada para sublevar o povo era a da independência nacional, pois a contradição fundamental era entre o povo e os ocupantes fascistas. Era pois esta contradição que era necessário resolver em primeiro lugar, como condição indispensável para abrir caminho para a solução das outras.

A Albânia não era o único país em que os factores políticos constituiam a causa fundamental da crise política, da situação revolucionária. Este fenómeno desenvolve-se em muitos outros países, quer na época da segunda guerra mundial como actualmente. Hoje revela-se nos países que de uma maneira ou de outra estão submetidos, particularmente ao imperialismo americano e ao revisionismo soviético.

Podemos concluir que as situações revolucionárias que devem servir de base objectiva para o aparecimento da revolução nos países capitalistas e nos países burgueses-revisionistas podem ser suscitadas tanto por factores económicos-sociais — miséria, pobreza, crises económicas graves — como por factores políticos — supressão dos direitos políticos, supressão ou restrição da soberania e da independência nacional. Seja como for, os factores económicos e políticos nunca se podem apresentar isolados, separados uns dos outros. Encontramo-los sempre organicamente ligados. As circunstâncias de facto que se criam fazem aparecer em primeiro plano, conforme os países, ou os factores económicos ou os factores políticos.

Evidentemente que o estalar da revolução não é unicamente determinado por uma crise política grave, por uma situação revolucionária. Sabemos bem que para isso é necessário que se criem também condições sub-

jectivas — o empenhamento e a elevada consciência política das massas, a sua sólida organização. Estas condições só podem ser preparadas pelo partido revolucionário da classe operária.

O nosso Partido face a uma situação profundamente revolucionária, preparou as condições subjectivas da revolução num curto lapso de tempo. Pouco tempo depois da sua fundação era já reconhecido pelas largas massas do povo como o único dirigente da luta de Libertação Nacional, a sua linha política era adoptada pelas massas, que, organizadas, combatiam lado a lado com os comunistas pela sua aplicação.

Foi assim que a luta pela libertação nacional, que o povo Albanês levou a cabo desde o dia em que os fascistas agrediram e invadiram a Albânia, se converteu bem depressa, depois da formação do Partido Comunista, em revolução popular. O Partido preparou, no fogo na luta, as condições subjectivas indispensáveis, consciencializou profundamente as massas populares da necessidade imperiosa da luta e dos objectivos desta, uniu e organizou o povo, levantou-o para uma luta gigantesca. Mesmo sem a condução do partido a luta de libertação nacional ter-se-ia desenvolvido, mas nunca teria tomado as proporções que tomou, nunca se teria transformado em revolução, não teria dado ao povo a completa libertação nacional e sobretudo a emancipação social.

Numa situação revolucionária o partido da classe operária ou se põe à frente das massas, graças à sua política justa, à sua resolução e à sua capacidade de aplicar esta política até ao fim, ou então, pelo contrário, é afastado pela situação revolucionária, desmantelado e reduzido a um apêndice sem valor, pelo facto de não ter sabido elaborar uma linha política justa ou de não ter sido capaz de aplicar a sua própria linha política, apesar de justa, porque não soube persuadir as massas da justeza dessa linha. Sempre que o partido da classe operária se mostre incapaz de converter a situação revolucionária em revolução e de a dirigir, a bandeira da revolução é arrebatada por diversos destacamentos da burguesia que nunca são capazes de a conduzir até ao fim.

A nossa revolução, tendo-se desencadeado na base de uma situação geral revolucionária, desenvolveu-se interruptamente assegurando, conquista a conquista, às massas populares da Albânia vitórias de alcance histórico e de vital importância.

O desenvolvimento contínuo da revolução e as suas grandes vitórias foram determinadas por condições objectivas e subjectivas, internas e externas.

Condições internas: a revolução penetrou tão profundamente na vida do país que conseguiu pôr em movimento todas as classes e camadas sociais; ao longo do seu desenvolvimento realizou a selecção e a diferenciação das forças sociais, traçando entre elas uma nítida linha de demarcação sem zonas intermédias de neutralidade. À cabeça da revolução estava uma direcção única revolucionária marxista-leninista, resoluta, consequente, madura, capaz de compreender correctamente as situações e de se orientar sem enganos em qualquer circunstância, por mais difícil e complexa que fosse. Esta direcção revolucionária soube aplicar em todas as etapas, com fidelidade e de uma maneira criadora, as leis gerais da revolução, elaborar e pôr em prática uma linha política justa, solidamente apoiada nos princípios do marxismo-leninismo e nas condições reais internas e externas, uma política proletária que respondeu sempre aos interesses a curto e a longo prazo das largas massas trabalhadoras e do socialismo à escala nacional e internacional. Graças à sua justa política e à sua actividade revolucionária, soube criar e preservar constantemente uma

ligação de aço com as massas populares, com as forças motrizes da revolução, assegurando continuamente a sua participação vasta e directa na revolução e fornecendo-lhes uma elevada consciência política.

Condições externas: a nossa revolução desenvolveu-se no quadro da crise geral do capitalismo assim como nas circunstâncias favoráveis criadas durante a segunda guerra mundial e depois da guerra pela transformação da relação de forças a favor da revolução mundial, do socialismo. Beneficiou do apoio das forças revolucionárias mundiais. O Partido da classe operária, direcção da nossa revolução, soube compreender e utilizar correctamente as circunstâncias internacionais, o apoio e o sustentáculo das forças revolucionárias mundiais aplicando consequentemente o princípio de se apoiar principalmente nas suas próprias forças.

II

A nossa revolução atravessou três etapas: *a*) luta pela libertação nacional e pela vitória da revolução popular; *b*) construção da base económica do socialismo nas cidades e nos campos; *c*) edificação integral da sociedade socialista.

Estas etapas foram determinadas pelas tarefas estratégicas que foram executadas em cada uma delas, e pelas forças motrizes que participaram na realização destas tarefas sob a direcção do partido da classe operária.

Na primeira etapa: as tarefas estratégicas eram a libertação do país do jugo dos ocupantes, a conquista da independência nacional, a destruição do antigo aparelho de estado e a edificação de uma Albânia democrática e popular.

As forças motrizes nesta etapa eram: como forças principais a classe operária e o pequeno e médio

campesinato; como forças secundárias a pequena e a média burguesia urbana. À classe operária cabia o papel dirigente. O campesinato trabalhador representava o aliado mais próximo da classe operária e a mais importante força motriz.

Numa segunda etapa: os objectivos estratégicos eram o reforço do poder da democracia popular, enquanto forma de ditadura do proletariado, a abolição da base económica feudal e capitalista, a construção da base económica do socialismo nas cidades e nos campos, o estabelecimento da base material e técnica do socialismo.

As forças motrizes desta etapa eram: como forças principais a classe operária e o campesinato pobre; como forças secundárias o médio campesinato, a pequena burguesia urbana, a intelectualidade popular. A classe operária desempenhava o papel dirigente. O aliado mais próximo e a força motriz mais importante era o campesinato pobre.

Na terceira etapa: as tarefas estratégicas são o aperfeiçoamento da ditadura do proletariado, a construção completa da base material e técnica do socialismo, o aperfeiçoamento das relações socialistas de produção, a destruição da ideologia feudal-burguesa e o reforço da ideologia socialista, a moral comunista.

As forças motrizes nesta etapa são: a classe operária e o campesinato das cooperativas, a intelectualidade socialista. A classe operária detém o papel dirigente. O campesinato das cooperativas é o seu único aliado. A intelectualidade socialista é uma criação da ditadura do proletariado e serve a classe operária e o campesinato das cooperativas.

A primeira etapa decorre no período da Luta de Libertação Nacional; a segunda etapa compreende os primeiros planos quinquenais; a terceira etapa é a actual. Mas estes limites não estão rigidamente de-

marcados. A nossa revolução não só se desenvolveu de maneira contínua mas as suas etapas encadearam-se umas nas outras. Encontramos elementos da primeira etapa na segunda e da segunda na primeira, elementos da segunda etapa na terceira e da terceira na segunda.

Em cada etapa da nossa revolução foram correctamente levadas a cabo as tarefas políticas, económicas, sociais, ideológicas e culturais.

Mas cada uma das etapas é dominada pela realização de uma tarefa principal.

Durante a primeira etapa, a tarefa dominante era de ordem política e consistia na luta pela independência nacional e pela instauração do poder popular.

A tarefa dominante da segunda etapa era de ordem económica-social, ou, dito de outra maneira, a supressão da base económica feudal e capitalista, e a construção da base económica socialista.

Na terceira etapa, a tarefa dominante é de carácter ideológico, consiste na destruição da ideologia feudal-burguesa e no reforço da ideologia socialista.

O objectivo preponderante em cada etapa foi determinado pela contradição principal que marcou a vida do país em cada uma delas e pela necessidade objectiva de a realizar. Na primeira etapa a contradição entre o povo dominado e os ocupantes assim como entre as massas populares oprimidas, por um lado, e os latifundiários e a burguesia reaccionária, fantoche dos ocupantes, por outro lado. Na segunda etapa a contradição entre o poder popular (a ditadura do proletariado) e a base económica feudal-burguesa. Na terceira etapa a contradição entre a base económica do socialismo e as velhas concepções feudais-burguesas na consciência dos homens, assim como todas as sobrevivências da antiga sociedade na superestrutura.

No nosso país, na primeira etapa a revolução triunfou no domínio político, na segunda no domínio económico, e na terceira, actualmente em curso, o objectivo é a vitória no domínio ideológico e cultural.

Isto não significa que com a vitória da revolução num domínio determinado a luta nesse domínio cesse. A luta política prosseguiu mesmo depois da conquista da independência nacional e da instauração do poder popular, e hoje ainda continua. A luta no domínio económico continuou e continua no sentido de aperfeiçoar as relações de produção e acabar a construção da base material e técnica do socialismo. A luta ideológica também não foi colocada só na terceira etapa, mas logo desde a primeira e prosseguiu na segunda, até que na terceira etapa se tornou a principal de todas as tarefas estratégicas.

Só a realização de todas as tarefas estratégicas da revolução e o seu desenvolvimento em todos os domínios, sem descontinuidade e em ligação orgânica entre eles, lhe assegura a vitória definitiva.

Uma das razões da derrota da revolução na URSS reside no facto de, depois da morte de Staline, a revolução não ter prosseguido o seu caminho, não ter avançado efectivamente no domínio das relações sociais, no domínio ideológico e cultural, assim como no domínio político. Nesta inércia da sociedade socialista nasceu e cresceu uma classe burguesa de tipo novo, sem precedente, e por consequência, as relações socialistas de produção converteram-se gradualmente em relações de exploração à custa da classe operária e do campesinato trabalhador, estando o caminho aberto para uma crescente propagação, em extensão e em profundidade, da ideologia e da cultura burguesa-revisionista, enquanto que o poder político foi usurpado pelos revisionistas, representantes políticos

e ideológicos dos interesses da nova classe burguesa. Desta maneira a revolução recuou vindo a ser restaurado o capitalismo.

III

Três tarefas fundamentais foram realizadas para assegurar a vitória da revolução no domínio político:

Primeira tarefa: união das forças motrizes da revolução sob a direcção do partido da classe operária. Esta união realizou-se na Frente de Libertação Nacional.

Segunda tarefa: organização da insurreição geral armada e criação do Exército de Libertação Nacional, enquanto exército regular do povo e do novo Estado Albanês.

Terceira tarefa: constituição dos Conselhos de Libertação Nacional como poder político único do povo da Albânia.

Estas tarefas eram partes constitutivas, organicamente indivisíveis, dum único processo revolucionário e foram todas simultaneamente realizadas. A realização de cada uma delas contribuía para a realização das outras. Bastava que uma não fosse cumprida para impedir o triunfo da revolução popular.

Esta experiência é de uma grande importância teórica e prática.

Na organização da luta revolucionária armada na Albânia, o patriotismo do povo, as suas tradições de combate, a configuração montanhosa do nosso território, desempenharam um importante papel. Mas o papel determinante foi desempenhado pela estreita ligação das massas populares com o Partido, a sua profunda convicção na justeza da sua política e da sua capacidade, a unidade do povo em torno do Partido, unidade criada na base daquela ligação e desta convicção. Sem o apoio sólido e completo das massas

populares, nunca poderia ter havido luta armada revolucionária. No princípio, o Partido encontrava este apoio por assim dizer unicamente junto das massas populares das cidades, e foi nas cidades que a luta armada começou efectivamente. As guerrilhas nos campos só foram possíveis quando o Partido aí criou as suas bases, quando se ligou estreitamente ao campesinato, quando foi por este reconhecido como o único dirigente da luta de libertação; assim pôde criar o Exército de Libertação Nacional, fazer dos campos a base principal da insurreição e do campesinato a sua força principal.

Os ocupantes fascistas e os traidores sabiam bem onde residia a força invencível da luta armada; assim, para tentar quebrá-la, dirigiam o seu golpe principal contra a unidade do povo em torno do Partido, com o objectivo de a destruir e de separar o Partido das massas. Para alcançar este objectivo usaram também a demagogia e o terror dos ocupantes e dos traidores e sobretudo criaram organizações políticas, como o «Balli Kombetar» e o «Legaliteti».

Os inimigos não conseguiram destruir a unidade de aço do povo em torno do Partido. Esta unidade reforçou-se cada dia mais. É por isso que a insurreição armada na Albânia atingiu uma tal amplitude que nenhuma força a podia limitar ou apagar-lhe a chama renovadora; assumiu um conteúdo revolucionário tão profundo que serviu de meio decisivo para o triunfo da revolução.

Sem organizar uma tal luta armada e sem lançar as bases da unidade do povo em torno do Partido, os conselhos de libertação nacional não poderiam ter nascido nem o poder popular poderia ter sido instaurado. Os conselhos foram constituídos e reforçados paralelamente ao desenvolvimento e reforço da luta armada e à unidade do povo em torno do Partido.

O Exército de Libertação Nacional tinha como tarefas, além de quebrar e destruir as forças armadas ao inimigo, destruir também o aparelho governamental, ajudar o povo a erguer o seu poder político, organizar a criação dos conselhos de libertação nacional em cada região que libertava e servir de apoio armado a este poder.

Os grandes proprietários latifundiários e a burguesia reaccionária tentaram desesperadamente conservar o poder político. Com essa finalidade uniram-se aos ocupantes Italianos e Alemães. Com este mesmo objectivo puseram-se ao serviço dos imperialistas americanos e ingleses e solicitaram a sua ajuda para impedir a vitória da revolução popular na Albânia. Viram as suas posições dominantes escaparem-lhes passo a passo. Até ao último minuto antes da libertação completa do país e mesmo depois, tinham esperanças de restaurar o seu poder latifundiário-burguês. Mas o Exército de Libertação Nacional, o povo sublevado, reduziram o seu poder político a nada e sobre as suas ruínas estabeleceram o poder político popular, a ditadura do proletariado.

Os revisionistas afastaram na realidade a luta armada como factor decisivo para a instauração do poder popular, para a passagem ao socialismo. Esforçam-se por convencer as massas dos países capitalistas que se pode chegar ao socialismo sem derramar sangue, sem luta armada, através de eleições, «transformando o órgão da democracia burguesa que é o parlamento numa arma da vontade do povo, num órgão da verdadeira democracia, da democracia para os trabalhadores». A falsidade desta tese é clara se considerarmos que os revisionistas não defendem a insurreição armada porque não defendem a democracia popular, democracia dos trabalhadores, ditadura do proletariado. Defendem a manutenção do poder burguês. E mesmo onde a democracia para os trabalhadores, a ditadura do proletariado, estava estabelecida, como na União Soviética, na Checoslováquia, na Bulgária, na Polónia, na Hungria e noutros países, esta democracia foi enfraquecida e substituída pelo poder burguês-revisionista, por uma espécie de ditadura burguesa social-fascista.

A ligação orgânica do povo com o partido da classe operária, a luta armada e o poder popular materializavam-se nos conselhos de Libertação Nacional. Embora conhecidos principalmente como órgãos do poder popular, eram também órgãos da Frente de Libertação Nacional e da insurreição armada. Tomando conta das tarefas do poder nas zonas libertadas, os conselhos realizavam a unidade do povo em torno do Partido e preparavam politicamente o povo para a luta armada. Nas zonas ocupadas, os conselhos ilegais de libertação nacional cumpriam as funções de órgãos da Frente de Libertação Nacional, mobilizavam o povo para a luta anti-fascista, mas logo que a região ou a cidade em que operavam fosse libertada, tornavam-se automaticamente órgãos do poder político.

A experiência da nossa revolução confirma pois que não pode haver insurreição armada revolucionária sem o apoio das largas massas populares, sem a unidade dessas massas em torno da direcção revolucionária, atesta que sem luta armada revolucionária não se pode destruir o antigo poder dos grandes proprietários da terra e da burguesia, e levantar o poder popular, a democracia para os trabalhadores, a ditadura do proletariado; que sem conduzir vitoriosamente e ao mesmo tempo as três tarefas que consistem em unir o povo em torno do Partido da classe operária, em desencadear a insurreição geral armada e instaurar o novo poder político revolucionário, não pode haver vitória no domínio político.

IV

A via seguida na Albânia para conseguir o triunfo da revolução no domínio económico, para edificar o socialismo num país agrário atrasado, saltando a fase do capitalismo avançado, reveste uma particular importância.

A vitória no domínio político não tinha sentido sem a vitória no domínio económico. O poder popular não se podia ter mantido sem destruir a base económica feudal e capitalista e sem construir a nova base económica socialista. E, reciprocamente, a base económica do socialismo não se pode construir sem o triunfo da revolução no domínio político.

A vitória política foi das mais completas. O poder político, estabelecido na Albânia durante a Luta de Libertação Nacional, começou a realizar, logo a seguir à libertação, as tarefas da ditadura do proletariado. A independência nacional obtida no fim desta luta era completa. A Albânia tinha suprimido todas as relações de servidão impostas pelas potências estrangeiras, toda a dependência em relação aos estados imperialistas. O partido da classe operária desempenhava um papel de direcção única em todos os domínios da vida do país. Este partido contava com o sólido apoio das massas populares que se mostravam dispostas a seguir a via que ele lhes indicava.

São precisamente estes factores que serviram de arma principal ao desenvolvimento socialista do país, para ultrapassar as dificuldades e os obstáculos que continuamente surgiam no caminho de edificação do socialismo, e que eram resultado não só do estado atrasado do país, mas também das exigências de crescimento, da falta de experiência, das pressões e das manobras dos inimigos de classe, internos e externos, dos imperialistas e dos revisionistas.

É no domínio político, e mesmo depois da vitória da revolução neste campo, que os inimigos assestam sempre os seus golpes principais para destruir a ditadura do proletariado e do partido da classe operária, para reduzir a nada a unidade do povo em torno do Partido. No nosso país, os inimigos não o conseguiram. A vitória no domínio político não foi um só instante anulada ou enfraquecida, pelo contrário, consolidou-se cada vez mais. A contínua defesa e consolidação da vitória da revolução no domínio político assegurou a vitória igualmente no campo económico, e o país caminha num passo seguro para a edificação integral da sociedade socialista.

Isto prova que é impossível edificar um regime económico e social socialista sem a vitória política da revolução, sem a ditadura do proletariado, sem a direcção única do partido da classe operária. E inversamente, a ditadura do proletariado e o partido da classe operária não se podem manter sem uma ordem económica e social socialista.

Temos também uma demonstração disso nos países que apresentam um exemplo contrário ao nosso.

Na União Soviética e num certo número de países que já não são socialistas, a degenerescência burguesa-revisionista da ditadura do proletariado e do partido da classe operária foi acompanhada da transformação da ordem económica e social socialista numa ordem burguesa-revisionista, até a anulação da vitória da revolução em todos os domínios.

A realização das tarefas económicas da revolução na Albânia foi empreendida na segunda etapa, depois da vitória no domínio político.

A primeira tarefa tinha consistido na destruição da base económica do feudalismo e do capital estrangeiro. Quase ao mesmo tempo foi igualmente desmantelada a base económica da grande e da média burguesia do

país. O meio para conseguir isto foi a expropriação sem indemnização.

Para estabelecer a propriedade socialista dos principais meios de produção na indústria, na construção, nos transportes, no comércio, aplicou-se imediatamente a forma mais elevada de propriedade, a propriedade social de todo o povo sob a forma de propriedade de Estado. Não foi objectivamente necessário recorrer ao capitalismo de Estado ou a qualquer outra forma intermédia de propriedade.

A terra tirada aos grandes latifundiários, aos grandes comerciantes, aos camponeses ricos, no começo da reforma agrária, que constituía uma verdadeira revolução nos campos, foi entregue aos camponeses pobres sob a forma de propriedade privada, mas limitada a cinco hectares e sem direito de compra, de venda, ou de qualquer outra forma de alienação.

A socialização da propriedade privada dos pequenos produtores nas cidades mas sobretudo nos campos, constituía um grande e árduo problema a resolver. As explorações agrícolas parceladas de 0,1 a 5 hectares ocupavam a parte mais importante na economia nacional. Este problema foi resolvido pelo Partido graças a um grande trabalho de persuasão e de organização através da união voluntária e gradual de pequenos produtores urbanos em cooperativas de artesanato e dos pequenos produtores rurais em cooperativas agrícolas de produção, instituindo assim a propriedade social (socialista) de grupo.

Depois da construção da base económica do socialismo nas cidades e nos campos, o maior problema da revolução relacionado com as relações económicas e sociais continuava a ser o aprofundamento e o aperfeiçoamento contínuo da sua característica socialista em todos os domínios: no campo da propriedade, a elevação do grau de socialização das cooperativas, preparando as condições objectivas para a sua conversão em propriedade comum de todo o povo; no domínio da repartição, o objectivo era reduzir gradualmente a diferença entre os altos e os baixos salários, fazer crescer gradualmente o fundo de consumo de toda a sociedade, aperfeiçoar o modo de remuneração nas cooperativas agrícolas, etc.; no domínio da gestão e da organização, aperfeiçoar o sistema de planificação no seu conjunto, etc.

O Partido encara o problema do aperfeiçoamento e do aprofundamento do carácter socialista das relações económicas e sociais como uma necessidade objectiva do desenvolvimento contínuo da revolução em direcção ao comunismo, como uma garantia contra o aparecimento de camadas burguesas privilegiadas, contra a degenerescência burguesa-revisionista da ordem económica e social socialista, contra o aparecimento do que se produziu na União Soviética.

As relações socialistas de produção nas cidades como nos campos foram criadas sem esperar que as forças produtivas estivessem altamente desenvolvidas e que a correspondente base material e técnica do socialismo estivesse construída. Não se tratou de um puro acaso mas de uma necessidade objectiva. Foi uma exigência da construção do sistema político socialista que não podia manter como base uma ordem económica e social capitalista, sendo igualmente uma necessidade do desenvolvimento das forças produtivas que estava muito atrasado. Se, no decurso destes últimos vinte e cinco anos, conseguimos um desenvolvimento tão impetuoso das forças produtivas em todos os ramos da economia popular e muito especialmente na indústria (*), foi devido principalmente às relações de produção socialistas.

(*) Desenvolvimento sem precedentes no nosso país.

Não poderia ter sido de outra maneira num país onde triunfou a revolução no domínio político, onde se instaurou verdadeiramente a democracia para os trabalhadores, a ditadura do proletariado. Não poderíamos ter adiado para as calendas gregas o estabelecimento das relações de produção socialistas pela simples razão de que não tínhamos atingido um nível suficientemente elevado no desenvolvimento das forças produtivas. Só nos países como por exemplo a Jugoslávia, em que o poder político nunca foi, de facto, uma democracia para os trabalhadores, uma ditadura do proletariado, pode acontecer que as posições económicas da burguesia se conservem intactas utilizando o pretexto de que a correspondente base material e técnica do socialismo ainda não está preparada. Quanto à União Soviética e a certos outros países, quando a ditadura do proletariado aí se converteu numa ditadura burguesa-revisionista, empreenderam-se pretendidas reformas económicas que nada têm a ver com as relações económicas e sociais socialistas. Estas reformas conduzem ao restabelecimento de relações económicas e sociais burguesas, que só diferem das clássicas relações capitalistas pela forma.

Edificando e aperfeiçoando constantemente as relações socialistas de produção, o Partido nunca descurou o desenvolvimento das forças produtivas, a construção da base material e técnica do socialismo. Ao longo de todo o período do pós-guerra, a política do Partido visou o desenvolvimento acelerado da economia popular, das forças produtivas em geral. Os brilhantes resultados obtidos são por demais conhecidos.

Assim como os meios de produção, o nível da capacidade produtiva, hoje atingido pelos nossos homens é obra da Albânia socialista. A base material e técnica, extremamente retardatária e restrita, herdada do

passado não permitia nenhum passo em frente. Hoje já não existe nenhuma marca desta base. Tudo o que no nosso país é construído é novo, como novos são a classe operária industrial, o campesinato cooperativo e a intelectualidade.

Mas apesar do ritmo rápido de desenvolvimento das forças produtivas, era objectivamente impossível edificar plenamente o mundo material e técnico do socialismo ao mesmo tempo que a sua base económica. Isso será realizado ao longo da etapa de edificação da sociedade socialista integral.

A construção da base material e técnica do socialismo num país é uma necessidade objectiva para preservar e desenvolver a vitória da revolução no domínio económico e político, da mesma maneira que a edificação das relações socialistas de produção são necessárias para preservar e consolidar a vitória da revolução no domínio político e em todos os outros.

O fundamental para o desenvolvimento das forças produtivas é a industrialização do país, prioritariamente a criação e o desenvolvimento da indústria pesada, sem que se descure a indústria ligeira, de modo a garantir um desenvolvimento harmonioso da indústria e da agricultura, assim como a base de uma economia com múltiplos ramos.

Isto é indispensável para criar uma poderosa, estável e independente economia nacional. Sem isto não se pode preservar a independência política nacional de um país e muito menos construir o socialismo.

Com base nestas posições revolucionárias, o Partido refutou e denunciou como anti-marxistas os «conselhos» dos revisionistas jugoslavos e depois dos revisionistas krutchevistas e as suas tentativas de manter a Albânia socialista como país agrário, produtor de matérias-primas para as metrópoles «socialistas», isto

é, desprovido da base material e técnica própria do socialismo.

Os revisionistas soviéticos consideram supérfluo, ler funesto, que cada país socialista possua uma economia independente e desenvolvida, em todos os ramos, tendo a sua base material e técnica apropriada. Todos os países socialistas, segundo eles, podem apoiar-se sobre a base material e técnica e sobre o potencial económico dos países socialistas avançados, principalmente da União Soviética. A sua «justificação» baseia-se na «existência do sistema socialista mundial», na «divisão socialista do trabalho», na «integração económica de todo o sistema socialista mundial». Brejnev «enriqueceu» ainda esta «argumentação» pela «existência da ditadura internacional do proletariado». A tese e as justificações revisionistas não têm nada a ver com o marxismo-leninismo, são o resultado da ideologia burguesa revisionista, de julgamentos feitos a partir de posições chauvinistas de grande potência, dos objectivos imperialistas dos novos czares russos.

O Partido não considerou o sistema socialista mundial como uma «commonwealth» imperialista ou como um estado único, mas como um grupo de países soberanos e amigos que têm o mesmo objectivo: a edificação do socialismo e do comunismo; que têm o mesmo inimigo: o capitalismo mundial, o imperialismo. Construir em primeiro lugar a base material e técnica do socialismo, para que, como dizia Staline, cada país avance com as suas próprias forças. É sobre esta base marxista-leninista que o Partido edificou as suas relações económicas com os países socialistas.

O nosso Partido sempre considerou a ajuda dos países socialistas maiores e mais avançados como necessária e importante para a edificação da sociedade socialista no país, e isto é ainda mais relevante na Albânia que não teve ainda possibilidades de assegurar uma acumulação interna suficiente para fazer inteiramente face a todos os investimentos e grandes trabalhos necessários para o desenvolvimento acelerado da economia nacional. Esta era a ajuda internacionalista que a União Soviética dantes nos prestava e que a República Popular da China sempre nos deu e dará.

O Partido subordinou sempre a ajuda externa à construção da base material e técnica do socialismo no país e ergue-se contra os objectivos dos revisionistas que procuravam subordinar a edificação do socialismo na Albânia à ajuda externa.

É evidente que quando falamos em ajuda externa a entendemos como ajuda dos países socialistas, pois naturalmente não se põe a hipótese de ajuda externa vinda de um país capitalista. É absurdo acreditar que um país capitalista, mesmo que menos imperialista que os Estados Unidos da América, ajude um outro país a construir o socialismo. Logo que um país dito socialista recebe uma ajuda de um país capitalista sob a forma de crédito, de donativos ou sob qualquer outra forma, temos aí a melhor prova de que este país não é realmente socialista ou que deixou de o ser. O exemplo mais significativo neste sentido é-nos dado pela Jugoslávia titista, dominada pelo capital imperialista estrangeiro.

O nosso Partido e o nosso povo sempre tiveram uma justa concepção da questão da ajuda estrangeira e não caíram nas armadilhas que lhes foram feitas pelos imperialistas americanos, ingleses e outros, que se apressaram a oferecer a sua ajuda para submeter o povo Albanês. Recusámos a «ajuda» imperialista, sob toda e qualquer forma, mesmo em 1945-46 quando faltava pão ao nosso povo, mesmo em 1961-62 quando a direcção krutchevista cortou toda a ajuda ao nosso

país e rompeu todas as relações com a Albânia socialista, com o objectivo de nos fazer vergar.

A mobilização de todas as capacidades e recursos internos económicos e financeiros, morais e políticos em primeiro lugar, e depois a ajuda internacionalista dos países socialistas foi a via mais justa e mais segura, a via revolucionária marxista-leninista da construção do socialismo num dado país.

Esta via fundamenta-se no princípio revolucionário do apoio nas nossas próprias forças, na primazia dada ao factor interno em relação ao factor externo para assegurar a vitória da revolução e construir o socialismo num dado país.

Na evolução dos acontecimentos também se podem criar conjunturas em que o factor externo se torna mais determinante que o factor interno, como é o caso de certos países como a Bulgária, Roménia, Checoslováquia, Hungria, etc., em que o exército vermelho desempenhou o papel principal na sua libertação e na criação de condições próprias à instauração do poder popular. De qualquer modo, para a revolução no seu conjunto, para o seu futuro, o papel principal depois da vitória política é desempenhado pelo factor interno.

Na Albânia, o factor interno foi sempre o factor determinante para a vitória da revolução tanto no domínio político como no domínio económico, e mesmo actualmente na luta pela sua vitória completa e definitiva.

V

A nossa revolução caracteriza-se pelo facto de assentar sobre uma larga base social.

Esta característica está condicionada pelas circunstâncias históricas em que a nossa revolução se desenvolveu.

O conteúdo democrático-anti-imperialista da revolução na sua primeira etapa não podia deixar de marcar a segunda etapa, pelo simples facto de que a revolução se desenvolveu de maneira contínua. Nestas condições, o Partido e o poder popular deviam utilizar necessariamente os laços criados com as largas massas do povo no decorrer da luta de Libertação Nacional, pois isto ajudava o desenvolvimento da revolução, mas deviam também aniquilar todos os elementos da burguesia, que, embora tivessem participado na luta, se ligaram, quando esta luta acabou, à contra-revolução, pois eram atingidos pelas reformas económicas e sociais de conteúdo socialista.

Na Albânia a questão nacional influenciou particularmente a extensão da base social da revolução.

A Albânia foi durante muitos séculos um país oprimido e explorado pelos opressores estrangeiros. A libertação do jugo estrangeiro, a liberdade e a independência nacional, eram o sonho e a aspiração não só dos pobres mas de todo o povo, exceptuando os feudais e um punhado de burgueses ricos que foram sempre os instrumentos dos dominadores estrangeiros. Este sonho e esta aspiração só foram realizados na via traçada pelo Partido e sob a sua direcção, com a vitória da revolução no domínio político, com a destruição do poder dos proprietários latifundiários e da burguesia e a instauração do poder popular.

Depois da guerra, a independência nacional conquistada à custa de tanto sangue vertido e de tantos sacrifícios, foi constantemente ameaçada pelos imperialistas americanos e ingleses, pelos chauvinistas gregos, pelos neo-fascistas italianos, pelos revisionistas jugoslavos e mais tarde pelos revisionistas soviéticos, todos inimigos da revolução, do socialismo em geral e do povo Albanês em particular.

Assim, a libertação nacional ligou-se organicamente à libertação social, à conquista e à salvaguarda da independência nacional, foi inseparável da instauração e da manutenção da ditadura do proletariado, da edificação da sociedade socialista. Sem a instauração e o reforço da ditadura do proletariado, sem a edificação do socialismo era e continua a ser impossível assegurar a independência nacional, sendo a recíproca igualmente verdadeira.

Assim se explica que a classe operária e o campesinato pobre não fossem os únicos interessados na via do socialismo, mas que a isto também se ligassem a pequena burguesia e o campesinato médio, a maioria dos intelectuais da antiga sociedade e os elementos progressistas e patriotas das altas camadas sociais.

O nosso Partido tinha de levar em linha de conta esta circunstância.

Ligando organicamente a Libertação nacional à Libertação social, o Partido fez da construção da sociedade socialista a condição da independência nacional. Uma atitude contrária conduz ao nacionalismo burguês, afasta da via do socialismo e do internacionalismo proletário.

A via seguida pelo nosso Partido para a resolução da questão nacional, fazendo da construção da sociedade socialista a condição dessa resolução, ligando organicamente a luta pela conquista e salvaguarda da independência nacional à luta pela instauração e salvaguarda da ditadura do proletariado, para a edificação do socialismo e arrastando nesta luta as largas massas populares, constitui a mais justa via revolucionária, que assegura ao mesmo tempo uma verdadeira libertação social de toda a opressão e exploração capitalista. Isto é um precioso ensinamento para os povos dos países oprimidos pelos imperialistas e pelos revisionistas soviéticos ou dependendo deles, que lutam para sacudir o jugo estrangeiro e para conquistar uma completa independência nacional.

Na ausência duma classe operária industrial numerosa, o campesinato e a juventude desempenharam na Albânia um papel particularmente importante.

O nosso campesinato que representava a imensa maioria da população e se compunha de 77 % de camponeses pobres tinha e tem ainda tradições patrióticas profundamente arreigadas, assim como uma energia revolucionária intensa, adquiridas nas lutas pela liberdade e pela terra e reafirmadas nas lutas contra os ocupantes fascistas e os traidores, na luta pela edificação do socialismo e pela defesa da pátria socialista.

O campesinato trabalhador convenceu-se pela sua própria experiência da justeza da política do Partido, da sua capacidade para defender os seus interesses, para realizar as suas aspirações e trazer-lhe melhores dias. O campesinato olhou e olha sempre para o Partido da classe operária como o seu próprio partido.

Desta maneira, o campesinato da Albânia, sob a condução do Partido, desempenhou um papel decisivo em todas as etapas da revolução tornando-se o mais sólido apoio da classe operária e do seu Partido.

Sem este apoio, a revolução popular não poderia ter sido feita, a ditadura do proletariado não poderia ter sido instaurada e mantida. Para a instauração deste poder, os camponeses pobres e médios verteram o seu sangue e, no conjunto, deram mais que qualquer outra classe ou camada social no país. Pelo seu entusiasmo e o seu trabalho, o campesinato trabalhador deu e continua a dar uma considerável contribuição ao desenvolvimento da economia e da cultura socialista. Ao mesmo tempo, a ditadura do proletariado e a nova ordem social trouxeram-lhe vantagens que

nunca tinha obtido nem teria podido obter ao longo de todos os séculos passados.

É por este motivo que o campesinato albanês considera a ditadura do proletariado como o seu próprio poder e que está pronto a defendê-la por todos os meios, tal como a classe operária a defende.

O nosso campesinato está armado. Nunca os governos dos países capitalistas ou dos países revisionistas ousariam fazer tal coisa.

A experiência da nossa revolução indica que todo o campesinato trabalhador, pobre e médio, na sua situação real, pode servir de principal sustentáculo, de aliado da classe operária, não só na revolução democrática anti-imperialista para a libertação nacional, para a instauração do poder dos operários e camponeses revolucionários, mas também na revolução socialista, no reforço da ditadura do proletariado e na edificação da sociedade socialista.

A nossa juventude foi a força mais viva da revolução e a mão direita do Partido da classe operária em todas as etapas. Só uma pequena parte da juventude proveniente das camadas dos latifundiários e da burguesia reacionária foi hostil à revolução, durante e depois da Luta de Libertação nacional.

No começo, foi sobretudo a juventude das cidades, operária e escolar, que se destacou. A juventude escolar provinha principalmente da pequena e média burguesia urbana. Foi das primeiras forças a aderir às ideias comunistas e a lançar-se com todas as suas energias no movimento democrático anti-fascista, ao lado da juventude operária. Conduzida pelos comunistas e inspirada pela classe operária, tornou-se o veículo das ideias comunistas entre as massas populares e desempenhou um papel importante na propagação da linha revolucionária do Partido Comunista.

Através da juventude operária e escolar que militava nas primeiras organizações da Juventude Comunista, o Partido sublevou a juventude camponesa que se transformou na força mais numerosa da revolução. Para transformar a juventude na força mais viva da revolução popular e da edificação socialista do país, o Partido trabalhou em dois sentidos: comprometeu-se na acção revolucionária e mostrou como ela satisfazia as suas exigências naturais, materiais, culturais e espirituais.

No fim de cada etapa da revolução a nossa juventude não só viu realizados os seus ideais do passado, como anteviu para o futuro a satisfação das suas aspirações e das suas novas exigências materiais, culturais e espirituais. E esteve sempre cada vez mais convencida que estas aspirações e estas exigências seriam satisfeitas.

O trabalho entre a juventude teve por fundamento a ideologia marxista-leninista proletária visando a sua educação comunista.

Por natureza a juventude é pelo novo contra o que está envelhecido. Não suporta a exploração e a opressão e mostra-se pronta a combater para sacudir o seu jugo. Mas não está preparada para sozinha encontrar o caminho justo. Só o partido da classe operária lhe pode indicar este caminho, como anconteceu na Albânia.

Quando a inesgotável energia revolucionária e progressista da juventude se alia à da classe operária e das outras massas trabalhadoras e é dirigida pelo partido revolucionário da classe operária para um objectivo único: — abolição da opressão e da exploração latifundiário-burguesa ou imperialista, a edificação de um regime político-social novo que assegure a libertação das massas populares e o progresso geral do país — não há força que possa enfrentar a revolução

e impedir o seu triunfo em todos os domínios. Acontece de forma diferente nos países capitalistas e revisionistas em que muitas vezes a juventude consome as suas energias em vias que nada têm de comum com a revolução. Enganada, agarra-se a formas ditas novas do antigo modo de vida burguês e escorrega na via dos desregramentos e de crimes de toda a espécie, ou passa ao anarquismo e ao aventureirismo ou apega-se ainda, na utopia e no desespero.

A experiência da luta revolucionária da nossa juventude, do trabalho do Partido para fazer dela uma gigantesca força da revolução popular e da edificação da sociedade socialista, constitui um grande tesouro e é de um interesse sempre actual para fazer com que no futuro, a juventude Albanesa não sofra a influência da ideologia burguesa-revisionista, para que permaneça sempre uma juventude revolucionária.

Também não é de somenos importância a experiência que o Partido adquiriu no domínio da emancipação da mulher.

Tal como a juventude, a mulher albanesa participou ampla e activamente na revolução. As mulheres encontraram na política e na actividade revolucionária do Partido a via que as liberta de toda a espécie de opressão, que quebra as cadeias que as mantiveram durante séculos na servidão, via essa que faz delas combatentes revolucionárias gozando dos mesmos direitos que os homens e tendo as mesmas capacidades deles.

O Partido ensinou às mulheres Albanesas a não esperarem esta libertação de outrem, como a burguesia apregoou com fins demagógicos, e a conquistarem elas mesmas a sua liberdade e os seus direitos batendo-se, participando directa e activamente na revolução, na produção e na vida política e social, elevando o seu nível cultural, técnico e ideológico. Só a liberdade e os direitos conquistados à custa de sangue vertido

através de esforços e de trabalhos são reais e duráveis. É assim que se explicam os imensos progressos que se verificam no nosso país na promoção e emancipação das mulheres; é precisamente nisto que reside a garantia essencial de ser levada até ao fim a grande luta conduzida pelo Partido para a sua completa emancipação.

O Partido considerou a luta pela emancipação da mulher como uma parte integrante da revolução nas suas diversas etapas e em todos os domínios, como uma necessidade objectiva para o feliz desenvolvimento da revolução e o seu triunfo, para a edificação da sociedade socialista e comunista.

A existência de uma larga base social não enfraqueceu um milímetro o papel dirigente da classe operária na revolução e não alterou o seu conteúdo fundamentalmente proletário.

O papel dirigente da classe operária e o carácter proletário da revolução foram assegurados pela direcção única do partido da classe operária e pela política deste partido.

Foi graças ao seu partido, que a classe operária albanesa conseguiu ultrapassar todos os obstáculos que resultavam do seu incompleto desenvolvimento enquanto classe, assim como do seu baixo nível ideológico, técnico e cultural no período da Luta de Libertação Nacional e nos primeiros anos a seguir à libertação.

O Partido soube imprimir o espírito proletário da sua política e da sua actividade revolucionária na actividade das largas massas populares, apesar de a classe operária representar uma ínfima parte dessas massas. Uma das formas mais eficazes do Partido para atingir este objectivo foi a grande organização da Frente Democrática. Graças à Frente Democrática, todas as forças motrizes, todos os aliados da classe

operária nas diversas etapas da revolução foram organizados e influenciados pela política proletária do Partido. Isto permitiu ao Partido exercer melhor a direcção da classe operária em todos os domínios e mobilizar as largas massas para o cumprimento das tarefas-programa.

Na terceira etapa da revolução, (agora que dispomos de uma jovem classe operária industrial, com uma consciência socialista muito elevada, com um nível de formação técnica e cultural satisfatório, com uma rica experiência de organização e de luta revolucionária, e que a base económica do socialismo nas cidades e nos campos está de pé), as condições objectivas exigem que a classe operária albanesa participe em maior número e directamente na salvaguarda do carácter do Partido e da ditadura do proletariado, na aplicação da sua política proletária de modo a assegurar a inviolabilidade da direcção da classe operária na construção integral da sociedade socialista e do comunismo, a impedir a degenerescência burguesa-revisionista do Partido e da ditadura do proletariado, e a não voltar atrás no caminho para o capitalismo, como aconteceu na União Soviética. Estes objectivos conseguem-se através do controle directo e apertado da classe operária em todos os domínios da vida, sobre os quadros, sobre as acções do poder político e sobre os próprios órgãos e as organizações do Partido.

A existência de uma larga base social também não atenuou a luta de classes, que é uma necessidade objectiva para a solução das contradições de classe. O Partido do Trabalho da Albânia sempre considerou a luta de classes como uma força motriz primordial para o triunfo da revolução nos domínios político, económico-social e ideológico.

As forças motrizes, os aliados da classe operária, os principais inimigos de classe nesta ou naquela

etapa da revolução foram determinados na base de uma análise de classe, científica, das contradições fundamentais, das circunstâncias objectivas internas e externas, na base dos interesses que tal ou tal classe ou camada tinha no cumprimento das tarefas estratégicas.

O Partido, juntamente com as massas populares, conduziu uma dura luta de classe contra os inimigos da revolução, de dentro e de fora.

Ao mesmo tempo, travava-se uma luta de classe entre as classes e as camadas aliadas, as forças motrizes da revolução. Esta luta de classes difere da luta contra os inimigos, que se fundamenta em contradições antagónicas, mas foi indispensável para resolver as contradições não antagónicas, inevitáveis no seio do povo.

Mas o carácter de classe da revolução foi preservado em primeiro lugar pela direcção única e sem partilha do Partido da classe operária, e pela aplicação constante da sua política proletária, em todos os domínios da vida do país.

* * *

A experiência da nossa revolução é, para os comunistas e todos os trabalhadores albaneses uma grande escola que assegura a elevação do seu nível político e ideológico, a sua têmpera revolucionária, é uma fonte inesgotável de ensinamentos e de inspiração revolucionária na luta pela edificação integral da sociedade socialista no nosso país, assim como na luta contra o imperialismo e o revisionismo internacional.

Esta experiência constitui um desenvolvimento criador do marxismo-leninismo e ao mesmo tempo um enriquecimento da sua teoria e da sua prática revolucionária.

A experiência da nossa revolução é a experiência do Partido do Trabalho da Albânia, a experiência das massas trabalhadoras albanesas, a experiência da sua heróica luta revolucionária. Nesta experiência reflecte-se a fidelidade do nosso Partido ao marxismo-leninismo, a sua determinação e a sua elevada maturidade, o seu pensamento criador, o seu ardor revolucionário, reflectem-se também as forças criadoras e as virtudes revolucionárias da nossa classe operária, do nosso campesinato trabalhador, do nosso heróico povo; nela se realizam a têmpera proletária, as energias revolucionárias inesgotáveis e a abnegação dos nossos quadros, a maturidade, a clarividência e a capacidade criadora do camarada Enver Hoxha, o educador e o dirigente marxista-leninista querido do Partido e do povo Albanês.

FOTO ÇAMI

A ULTERIOR REVOLUCIONARIZAÇÃO DA VIDA DO PAÍS E CERTAS QUESTÕES DA TEORIA E DA PRÁTICA DO SOCIALISMO

RELATÓRIO

Os vinte e cinco anos da Albânia livre e socialista são um vivo testemunho da justeza e da grande força transformadora das ideias triunfantes do marxismo--leninismo e da capacidade do Partido do Trabalho da Albânia para as aplicar de maneira criadora na prática albanesa da revolução e da edificação socialista. A inquebrantável fidelidade aos princípios, a intransigência em relação a todos os inimigos políticos e ideológicos do socialismo e do marxismo-leninismo foram e continuam a ser o traço fundamental de toda a actividade do Partido e o factor decisivo que assegurou o desenvolvimento vitorioso e contínuo da nossa revolução.

«A experiência adquirida no desenvolvimento da nossa revolução, diz o relatório da VI reunião plenária do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia de Outubro de 1968, é a experiência de um país em que o processo de consolidação e de reforço da ditadura do proletariado foi feito e faz-se de uma maneira ininterrupta e consequente, em que o Partido, conduzindo resolutamente a luta de classes, esmagou com determinação todos os inimigos, não lhes permitindo uma única vez fazer recuar o processo revolucionário para a contra-revolução burguesa e a restaura-

ção do capitalismo, nem pôr seriamente em perigo, mesmo por pouco tempo, a ditadura do proletariado, os objectivos do socialismo. Esta experiência do nosso Partido testemunha irrefutavelmente a sua justa linha marxista-leninista, a condução revolucionária e clarividente do seu Comité Central, com o camarada Enver Hoxha à frente».

UMA NOVA CONTRIBUIÇÃO À EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DA DITADURA DO PROLETARIADO

O período que atravessamos é um dos mais ricos e mais criadores na gloriosa história do nosso Partido. Generalizando, a partir de posições marxistas-leninistas, a sua rica experiência, e tirando os ensinamentos da experiência positiva e negativa do movimento comunista e revolucionário mundial, o Partido tendo à sua frente o camarada Enver Hoxha, consagrou-se nos últimos anos à elaboração teórica e à resolução prática de numerosos problemas importantes e de princípio relativos à política interna e externa, dando deste modo uma notável contribuição ao tesouro do marxismo-leninismo, ao seu enriquecimento, sobretudo à experiência histórica da ditadura do proletariado.

Nestes últimos anos, o Partido do Trabalho da Albânia contribuiu para o desenvolvimento do pensamento marxista-leninista elucidando, aprofundando e elaborando uma série de problemas respeitantes à actual evolução mundial, à estratégia e à táctica do movimento comunista internacional, ao desenvolvimento desse movimento, principalmente nas condições de luta entre o marxismo-leninismo e o revisionismo, ao desenvolvimento ininterrupto da revolução socialista e da edificação integral da sociedade socialista, à obtenção da vitória da via socialista sobre a via capilista.

Em todos estes domínios e lado a lado com o Partido Comunista Chinês, conduzido pelo grande marxista-leninista e estratega da revolução que é o camarada Mao Tsé-tung, o nosso Partido conduziu uma luta de grande amplitude, resoluta e de princípio contra o revisionismo moderno, a maior traição que a história do comunismo internacional conheceu. Esta luta não se reduziu simplesmente a uma luta pela defesa dos princípios do marxismo-leninismo, mas contribuiu para o desenvolvimento ulterior da teoria revolucionária do proletariado. A experiência histórica indica que depois de cada grande viragem revolucionária ou contra-revolucionária na vida da sociedade, bem como, depois de cada grande batalha contra os seus adversários ideológicos, que, precisamente neste período de alterações se lançam ao ataque, o marxismo-leninismo guindou-se sempre a um novo estádio mais elevado. É o que se produziu no passado, é o que ainda hoje acontece.

O aparecimento do revisionismo moderno e a sua consequência, a degenerescência burguesa da União Soviética e de certos outros países socialistas, colocaram-nos dois grandes deveres históricos: o de lutar para desmascarar e esmagar a traição revisionista e o de detectar as causas deste fenómeno regressivo e de determinar o que há a fazer para lhe barrar o caminho de futuro nos outros partidos e países socialistas.

Para além do mais, a contra-revolução revisionista que se realizou na União Soviética é um fenómeno novo, é uma contra-revolução sem precedente na história. Se a tragédia que aconteceu nesses países não pôde ser prevista, isto explica-se, entre outras razões,

porque aí não existia a experiência de um tal fenómeno. Três particularidades essenciais distinguem as contra-revoluções revisionistas das contra-revoluções conhecidas até à altura.

Ao contrário das outras contra-revoluções, não foi conduzida pelas antigas classes despojadas do poder, mas por uma nova classe burguesa que se formou gradualmente nas condições do socialismo, por influência burguesa do interior e à pressão do imperialismo do exterior.

Não parte de baixo, mas sim do alto, dos quadros dirigentes da classe no poder, que degeneraram em elementos burgueses e que, para conseguir os seus fins, utilizam o partido no poder e o poder existente.

Não se faz recorrendo à força armada, faz-se de uma maneira pacífica, mascarada de fraseologia socialista e corroendo gradualmente e de dentro o sistema socialista.

Sem subestimar de modo nenhum o perigo da contra-revolução proveniente das antigas classes exploradoras ou dos seus vestígios, que enquanto vivam não renunciam aos sonhos de reconstruir o seu paraíso perdido, nem sobretudo o perigo da agressão imperialista e social-imperialista, que é um perigo particularmente real para os pequenos países como o nosso, a amarga experiência do que se produziu na União Soviética e noutros lados testemunha a particular importância que devemos dar à luta contra o perigo da degenerescência burguesa-revisionista.

Mas, se o desencadear da contra-revolução das antigas classes e a agressão exterior imperialista **não dependem só de nós mas também da atitude dos nossos inimigos**, pelo contrário **depende unicamente de nós** permitir que se produza a contra-revolução pacífica revisionista. Esta não é uma fatalidade inevitável,

do mesmo modo que o não são também os dois outros perigos, pois se prosseguirmos uma política justa, se mantivermos uma alta vigilância e se tomarmos todas as medidas apropriadas, mesmo no caso em que as antigas classes exploradoras e os imperialistas estrangeiros ousem lançar-se numa aventura, esta estará condenada ao insucesso. A contra-revolução revisionista não é uma necessidade objectiva no desenvolvimento do socialismo, pois não deriva da natureza do socialismo, como por exemplo a revolução deriva da natureza do capitalismo.

Mas como é que este perigo pode ser prevenido? O nosso Partido preocupou-se desde o início com este problema, e na medida em que as circunstâncias e as suas possibilidades lhe permitiram, esforçou-se por detectar as causas da degenerescência revisionista e por tirar os ensinamentos e as conclusões úteis do que se produziu na União Soviética e noutros países. Estes ensinamentos e conclusões foram enunciados pelo Partido numa série de importantes documentos do seu Comité Central, e particularmente em numerosos discursos programáticos do camarada Enver Hoxha. Com base nestes materiais, sobretudo depois do V Congresso do Partido, um grande processo, que denominamos de revolucionarização ulterior da vida do país, foi iniciado.

Qual o sentido e os objectivos deste processo e quais algumas das suas particularidades essenciais?

A luta pela revolucionarização da vida do país não tem por objectivo barrar unicamente o caminho ao revisionismo e à restauração do capitalismo, para manter, se é que o podemos dizer, o status quo, ou para não retroceder. De facto, não podemos cortar o caminho ao revisionismo e à restauração do capitalismo parando onde estamos, é preciso para isso aprofundar a revolução socialista em todos os domínios e condu-

zi-la até ao fim. Assim, o principal objectivo do processo de revolucionarização é o de nos fazer avançar constantemente, de assegurar o desenvolvimento ininterrupto da revolução na via do socialismo e do comunismo, de tal modo que nunca possamos voltar atrás. A realização deste objectivo exige que seja barrado o caminho a todo o perigo de restauração do capitalismo quer interno quer externo.

Se considerarmos a questão sob este ponto de vista verificamos que o processo não começa só hoje. O facto de na Albânia não ter surgido a degenerescência que surgiu noutros países, demonstra que a nossa linha geral foi justa, que a nossa revolução se desenvolveu de maneira contínua e consequente. Não se trata de uma revolução nova, mas da continuação do processo revolucionário começado com a criação do Partido e que se desenvolveu sempre sob a sua condução. Eis porque falamos de revolucionarização **ulterior** da vida do país. Mas, se bem que revolução contínua, a revolução socialista desenvolve-se por etapas. Cada uma das etapas tem as suas particularidades, traz alguma coisa de novo, marca um passo em frente no desenvolvimento da sociedade. É uma tal etapa que constitui igualmente hoje a revolucionarização ulterior da vida do país. Assim, devemos considerar esta revolucionarização ulterior não como uma simples continuação, mas como uma etapa nova, superior, no desenvolvimento da revolução, de acordo com as novas condições e as novas tarefas.

Sob este ponto de vista, as medidas que tomamos para fazer avançar a revolução, não são só ditadas pela experiência negativa do que aconteceu na União Soviética, e noutros sítios, mas também pelo nível de desenvolvimento atingido no nosso país, bem como pelas exigências da edificação completa do socialismo e da marcha para o comunismo.

O socialismo, enquanto primeiro estádio da formação sócio-económica do comunismo, é engendrado pelo capitalismo, constrói-se sob a base material-económica e humana que herda do passado.

É por isso que durante um longo período de tempo subsistem as taras da antiga sociedade que não existem só no domínio ideológico, na consciência dos homens, como muitas vezes se pensa, mas também em todos os domínios da vida económica, política, social, educativa, cultural, organizativa, etc. Toda a subestimação da luta contra estas taras é erro de muito pesadas consequências, como o demonstra a amarga experiência da União Soviética.

A luta contra os vestígios do antigo sistema começa com o nascimento do novo sistema social socialista e cresce continuamente. A etapa que atravessamos caracteriza-se justamente por um ataque frontal contra esses vestígios, para liquidar tudo o que é velho na vida da nossa nova sociedade. Estas taras serão completamente eliminadas no comunismo, mas o desenvolvimento para o comunismo não é possível sem as combater a partir de hoje e sem introduzir gradualmente as normas e os princípios comunistas na vida da sociedade.

O socialismo e o comunismo enquanto dois estádios do mesmo sistema social, não podem ser nitidamente demarcados. O comunismo emana do socialismo e é a sua continuação directa. Não se realizará do dia para a noite. Não há nenhum limite nítido que indique que a construção do socialismo está acabada e que estamos no comunismo. A passagem do socialismo ao comunismo é um processo contínuo. As premissas do comunismo estabelecem-se e desenvolvem-se desde o início da construção do socialismo e cada vez mais à medida que nos aproximamos do comunismo.

Nesta questão devemos ter sempre presente não só a ligação entre o socialismo e o comunismo, mas também aquilo que os distingue. Foi demonstrado, no plano teórico e prático, que do capitalismo só podemos passar directamente ao socialismo, que este estádio é necessário para todos os países. Só através do socialismo podemos passar ao comunismo. A construção do comunismo é o objectivo final do Partido. Mas ainda estamos longe deste objectivo, e é ainda preciso muito tempo para o atingir.

Donde resulta que, trabalhando para o presente, devemos ter constantemente em consideração o futuro, e reforçando as posições do socialismo devemos lançar e fazer crescer gradualmente as jovens raízes do comunismo. Por outro lado, não podemos esquecer um só momento o nível atingido, as condições objectivas e subjectivas do país, não nos apressarmos a tomar medidas para a vitória das quais as condições ainda não estão criadas, pois tal maneira de agir falsearia e comprometeria a nossa causa.

O processo de revolucionarização, enquanto processo de aprofundamento da revolução na via do socialismo e do comunismo, não é uma tarefa temporária que termine com a adopção de certas medidas nos diversos domínios da vida. A particularidade que distingue a revolução socialista de todas as outras, consiste no facto de ela não se acabar com a tomada do poder e a substituição do antigo regime. É uma revolução contínua que prossegue ao longo de todo o período histórico de ditadura do proletariado, e a sua missão só estará completa quando for afastado todo o perigo de retorno ao capitalismo, quando a vitória completa e definitiva do comunismo estiver assegurada.

A ulterior revolucionarização da vida do país caracteriza-se na Albânia por certos traços, dos quais os mais importantes são os seguintes:

Não toca só certos aspectos da vida do país, mas a totalidade desta vida, todos os domínios, a base e a superestrutura e acima de tudo o homem, a sua consciência e a sua concepção do mundo.

Não é uma acção administrativo-burocrática, mas um grande movimento revolucionário que se realiza com a participação directa das largas massas do povo, aplicando o método da linha de massas, do comprometimento das massas em acções revolucionárias de massa.

Não é um processo espontâneo, mas um processo organizado e dirigido pelo Partido, em que tudo se faz na base de directivas do Partido e em que o Partido recolhe e generaliza toda a iniciativa e todo o movimento revolucionário das massas que venha da base.

Na luta pela revolucionarização ulterior da vida do país, o nosso Partido acumulou e acumula sempre uma experiência nova, avança por vias e caminhos ainda não percorridos.

O movimento comunista tinha uma rica experiência sobre a maneira de levar a cabo a revolução e de estabelecer as bases do socialismo. Esta experiência tem por fundamento a revolução de Outubro e a edificação do socialismo na União Soviética. Apesar das baixas calúnias do revisionismo moderno, esta experiência não perdeu nada do seu valor internacional. Os marxistas-leninistas sempre aprenderam e continuam a aprender com ela.

O aparecimento do revisionismo e a degenerescência burguesa que dele é a consequência na União Soviética e em certos outros países socialistas, trouxeram uma nova experiência, não já positiva, mas negativa,

sobre a possibilidade de sapar a revolução e restaurar o capitalismo pela via da contra-revolução gradual e pacífica revisionista.

Faltava ao movimento comunista uma experiência elaborada no que se refere aos meios de impedir que a revolução e a edificação socialista parem e arrepiem caminho, aos meios de conduzir a revolução até ao fim, de edificar a sociedade socialista integral e passar ao comunismo. A União Soviética não pôde criar esta experiência porque o seu processo revolucionário foi interrompido pelo processo contra-revolucionário. Esta nova experiência está em vias de se criar actualmente. O Partido do Trabalho da Albânia e o Partido Comunista Chinês dão a contribuição fundamental. No futuro, esta experiência enriquecer-se-á cada vez mais. A sua criação representa uma nova e grande contribuição para a teoria e a prática do socialismo científico.

Em que consiste exactamente o elemento novo desta experiência?

DA RELAÇÃO ENTRE OS FACTORES OBJECTIVOS E SUBJECTIVOS NO SOCIALISMO

A relação entre o factor objectivo e o factor subjectivo é um dos problemas mais importantes da teoria e da prática da revolução e do socialismo. A primazia absoluta dada a um ou a outro destes factores conduz no campo da teoria ou ao materialismo vulgar ou ao idealismo, enquanto que na prática conduz ou ao oportunismo ou ao aventureirismo.

Nos últimos anos da sua vida Engels explicou a maneira correcta de compreender e aplicar o materialismo histórico de Marx. Criticou a deformação vulgar

da concepção materialista da história e ressaltou particularmente o papel do factor subjectivo. Apesar disto, o mal contra o qual Engels lutou não pôde ser evitado. Depois da sua morte, o oportunismo bernsteiniano propagou-se na II Internacional. Tinha por base a teoria do espontaneísmo. Esta encontrou a sua expressão condensada na chamada «teoria das forças produtivas» e no slogan de triste memória de Bernstein «o movimento é tudo, o objectivo não é nada». Na Rússia, a corrente oportunista do «economicismo» era uma variante desta teoria.

Foi a Lenine que coube o mérito histórico de ter desmascarado e desmantelado o oportunismo da Segunda Internacional traidora. Pela primeira vez na história do pensamento marxista Lenine descobriu as raízes ideológicas do oportunismo, que consistem precisamente em preconizar o espontaneísmo e o economicismo no movimento revolucionário da classe operária. Defendeu e realçou o papel do factor consciente e formulou a conhecida tese segundo a qual sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário.

Nas actuais condições, torna-se necessário voltar a este problema, devido às grandes deformações que se produziram na teoria e na prática, sobretudo pela mão dos revisionistas modernos, que só vêem a importância e o papel das condições de vida materiais, da base, da economia e escorregam assim para uma nova variante do economicismo, do materialismo vulgar, do espontaneísmo. Esta deformação encontrou a sua expressão condensada na tese de Krutchev segundo a qual no período do socialismo o aspecto económico do marxismo aparece em primeiro plano. Em certa medida é aqui que se situa a base teórica do economicismo krutchevista, que conduz às suas concepções sobre o «comunismo de Gouslach», à transformação do Partido numa organização económica para

a gestão da indústria e da agricultura, ao facto de pôr o interesse material na base de toda a actividade humana, à primazia absoluta da educação económica técnico-profissional dos trabalhadores, às suas elocubrações sobre o Partido e o Estado de todo o povo, sobre a coexistência pacífica, a competição pacífica e a via pacífica. É igualmente sobre esta base que se desenvolveram as outras concepções revisionistas sobre a integração do capitalismo no socialismo através do desenvolvimento do capitalismo monopolista de estado, sobre a pretensa via não capitalista de desenvolvimento, sem a condução da classe operária e do seu partido revolucionário, sobre a conciliação da ideologia marxista-leninista com a ideologia burguesa-clerical, sobre a fusão dos partidos comunistas em vastas frentes de libertação nacional ou com os «partidos burgueses da classe operária», etc., etc.

Assim se confirma, mais uma vez, o que já o grande Lenine tinha dito há mais de meio século, que a raiz ideológica do oportunismo no movimento operário é a teoria do espontaneísmo, o economicismo, a negação do papel do elemento consciente. Foi a base ideológica do actual revisionismo bernsteiniano, e é também a base ideológica do actual revisionismo krutchevista.

Mesmo no socialismo, o ponto de vista materialista segundo o qual o ser social, a base, a economia são determinantes, permanece absolutamente actual, mas a sua relação com a consciência social, com a superestrutura, com a política modifica-se consideravelmente. No socialismo, enquanto sistema que não nasce nem se desenvolve espontaneamente, o papel do factor subjectivo reveste uma importância primordial. Este factor condiciona directamente não só os ritmos de desenvolvimento, mas também o próprio futuro do socialismo. A novidade da nossa prática revolucionária

reside precisamente no retorno a uma justa compreensão e aplicação marxista-leninista da relação entre os factores objectivo e subjectivo, considerando o primeiro como primário e dando a prioridade ao segundo.

Sabemos que a consciência dos homens é determinada em definitivo pela sua existência, que é o reflexo no espírito das condições materiais nas quais os homens vivem e trabalham. Mas, enquanto representação no espírito e não representação fotográfica, a consciência, regra geral, vai a reboque, modifica-se depois das condições de vida materiais. Além disso, as taras do capitalismo, assim como o mundo exterior capitalista e revisionista que nos cerca exercem uma influência negativa na consciência dos homens no socialismo. Todos estes factores se podem transformar em causas da degenerescência dos homens, ocasionar a modificação da sua concepção do mundo, o que abre caminho à contra-revolução política, e seguidamente mesmo à transformação das suas condições de vida materiais de socialistas em capitalistas. Ora, as condições de vida materiais não são dadas de uma vez por todas, são os homens que as criam e as transformam com a sua actividade prática revolucionária. Mas a actividade dos homens é uma actividade consciente. Assim, a direcção na qual desenvolvem a sua actividade depende muito da sua mentalidade e da sua consciência, das ideias que os conduzem, dos ideais que os inspiram, dos motivos que os animam na vida e no trabalho. É por isso, que o nosso Partido, não subestimando de maneira alguma o papel determinante das condições materiais-económicas no desenvolvimento da sociedade para o socialismo e o comunismo, deu e dá sempre uma importância primordial ao papel do homem, armado de uma ideologia revolucionária.

A superestrutura da sociedade é determinada pela base, reflecte a base e serve-a. Mas não é um pro-

duto passivo desta. O seu papel no socialismo, ao contrário do papel que desempenhou no passado, não se manifesta só, como geralmente se dizia, no facto de poder acelerar ou entravar o desenvolvimento do país, mas em poder determinar o próprio futuro, a via deste desenvolvimento. A degenerescência burguesa do socialismo na União Soviética e noutros países foi determinada em primeiro lugar pela degenerescência da superestrutura. O nosso Partido, generalizando esta experiência assim como a sua, sem negar nem subestimar de maneira alguma o papel determinante da base económica no desenvolvimento da sociedade socialista, dá uma importância primordial ao reforço e ao aperfeiçoamento da superestrutura socialista, à luta contra todas as manifestações estranhas, à sua depuração de quaisquer vestígios da antiga superestrutura, vendo nisto uma das garantias essenciais para assegurar o desenvolvimento ininterrupto da revolução socialista.

A economia, disse Lenine, é primordial, mas na época da ditadura do proletariado a política tem de ter a todo o custo a primazia sobre a economia. Se fizermos doutro modo, abrimos caminho ao economicismo, ao tecnocratismo e ao burocratismo. A política é a expressão condensada da economia e é condicionada por esta última, mas por outro lado o sistema económico sofre a influência activa da política. A propriedade social dos meios de produção é justamente a base material que determina o carácter da política no socialismo. Mas se a política burguesa, de que nomeadamente o revisionismo é uma manifestação, aparece em primeiro plano, então a propriedade social perde de facto o seu carácter socialista, a economia, se bem que por uns tempos possa conservar a sua aparência exterior socialista, transforma-se de facto numa economia de capitalismo de estado de um tipo particular,

que se desenvolve no interesse da camada ou da nova classe burguesa que detém o poder e que pratica uma política burguesa.

Dar a primazia à política não significa subestimar a política à economia nem negligenciar a economia em nome da política, mas significa analisar cada problema económico e o desenvolvimento da economia no seu conjunto de um ponto de vista político e fazer com que esse desenvolvimento se processe na direcção definida pela política proletária. O Partido é tanto contra o economicismo e o tecnocracismo como contra o «politiquismo», que substitui o conhecimento aprofundado e a direcção científica do trabalho por frases e slogans políticos gerais. Em cada questão, o aspecto político e o aspecto técnico formam um todo, em que a primazia do primeiro sobre o segundo deve ser sempre rigorosa.

DA LUTA DE CLASSES E DA QUESTÃO DA VITÓRIA DA VIA SOCIALISTA SOBRE A VIA CAPITALISTA

Os clássicos do marxismo-leninismo realçaram e a prática confirmou que todo o afastamento da luta de classes, qualquer falta de continuidade nessa luta, qualquer incompreensão e deformação deste problema, tanto nas condições do capitalismo como nas do socialismo, são erros de muito pesadas consequências. É esta a base da traição dos revisionistas modernos, é aí que devemos ver uma das causas mais importantes da tragédia revisionista que ocorreu na União Soviética e noutros países. Na base desta experiência nova, a teoria e a prática da luta de classes nas condições do socialismo estão agora desenvolvidas e

enriquecidas. Quais são as mais importantes conclusões que podemos tirar neste campo?

Contrariamente às concepções dos revisionistas modernos que suprimiram a luta de classes da vida da sociedade socialista e que só falam na unidade dessa via, o nosso Partido permanece fiel à concepção marxista-leninista segundo a qual a luta de classes continua não só no período de passagem do capitalismo ao socialismo, quando as classes exploradoras ainda existem, mas mesmo depois da sua liquidação enquanto classes em si, ao longo de todo o período de edificação da sociedade socialista e da passagem ao comunismo, e esta luta de classes permanece uma das principais forças motrizes da sociedade.

É importante não só admitir a luta de classes mas também ter uma justa concepção da amplitude desta luta no socialismo. Toda a concepção estreita e unilateral tem funestas e perigosas consequências. A experiência mostra que mesmo depois da construção da base económica do socialismo e da liquidação das classes exploradoras, a ponta de lança da luta de classes não é só nem principalmente dirigida na frente exterior, só ou principalmente contra os inimigos de fora, como se considerava no passado. Uma tal concepção tem como consequência directa a atenuação da luta de classes no interior do país, luta esta que, como sublinhou o camarada Enver Hoxha, não podemos esquecer se não quisermos ser severamente punidos pela história. E mesmo no interior do país esta luta não é só dirigida contra os restos das classes exploradoras, contra os seus agentes e os dos inimigos externos — espiões, sabotadores e agentes de diversão — mas estende-se também ao seio do povo e do Partido, desenvolve-se em todos os domínios da vida política e económica, ideológica e cultural, organizativa e militar.

A particularidade da situação da classe operária no socialismo consiste no facto de conduzir a sua luta de classes não só na base, como no capitalismo, mas também na cúpula, pela via da ditadura do proletariado. Se desenvolvermos esta luta só ou principalmente da cúpula, não atingimos os seus objectivos, além de que uma tal maneira de agir arrisca-se a provocar outras tristes consequências. Assim, o nosso Partido segue com firmeza o princípio de aplicar consequentemente na luta de classes a linha de massas, apoiar-se solidamente nas massas e organizá-las de maneira a que elas mesmas desenvolvam essa luta. Isto é de uma importância decisiva mesmo para a sua educação e a sua têmpera revolucionária.

A luta de classes nas condições de ditadura do proletariado não se desenvolve em linha recta. Não aumenta ou atenua de uma forma contínua, mas, como sublinhou o camarada Enver Hoxha, «desenvolve-se com fluxos e refluxos e em zigue-zagues, tão depressa se reforça como se atenua, por vezes agrava-se e outras vezes acalma-se, mas nunca pára ou se extingue». Esta é a única compreensão justa desta questão, que decorre da dialéctica própria da vida e que impede o oportunismo ou o sectarismo.

A compreensão e a justa aplicação da relação entre a luta de classes, as contradições e a unidade do povo e do Partido no socialismo, são de uma particular importância. Admitir tão só a unidade e negar as contradições e a luta de classes como o fazem os revisionistas, significa cair na metafísica em teoria e no oportunismo em política. Da mesma maneira, admitir só as contradições e a luta de classes e negar a unidade equivale a cair igualmente, sob outra forma, na metafísica em teoria e no aventureirismo e no sectarismo em política. Estas duas deformações têm por

fundamento a incorrecta compreensão da lei dialéctica sobre a unidade e a luta dos contrários e das características específicas da acção desta lei nas condições do socialismo.

Para o desenvolvimento da revolução e a edificação vitoriosa do socialismo, devemos admitir dois tipos de contradições na sociedade socialista e fazer sempre uma nítida divisão entre elas. Os oportunistas e os revisionistas vêem sempre as contradições na sociedade socialista como contradições no seio do povo, não admitindo a existência de contradições antagónicas. Fundamentados nesta concepção, apagam a fronteira com os inimigos de classe e negam a luta de classes no socialismo. Por outro lado, é necessário admitir que as contradições no seio do povo são características do socialismo, senão desconheceríamos o que distingue o capitalismo do socialismo. Toda a confusão entre estas contradições de natureza diferente conduz quer a atitudes oportunistas quer a atitudes sectárias. Não esqueçamos que em determinadas condições, como resultado quer das acções do inimigo quer dos nossos erros, as contradições no seio do povo podem transformar-se em contradições antagónicas. Para impedir que isto aconteça é indispensável estar sempre vigilante e seguir uma política justa.

O problema de saber quando é que a questão da vitória da via socialista sobre a capitalista pode ser considerada como resolvida é posto igualmente de uma maneira nova. Esta questão tem a sua história. Lenine fundamentou com argumentos científicos a possibilidade da vitória do socialismo num só país e lançou as bases do programa a seguir para a edificação da sociedade socialista. A prática confirmou a correcção das ideias de Lenine. Staline desenvolveu mais a teoria leninista da revolução socialista. Sublinhou que

a burguesia pode ser vencida e a sociedade integral socialista construída com as forças internas do povo do país da revolução triunfante, mas que esta vitória não podia ser considerada como definitiva enquanto exista o cerco capitalista e, portanto, o perigo de agressão e de restauração do capitalismo. Embora unilateral por falta de experiência histórica esta conclusão de Staline também foi plenamente confirmada pela prática.

Os revisionistas krutchevistas também falsearam esta questão. No XXI Congresso do Partido Comunista da União Soviética, Krutchev avançou a tese de que, desde essa altura, tanto na União Soviética como nos outros países socialistas já nenhum perigo ameaçava o futuro do socialismo, viesse do interior ou do exterior, que a vitória não só completa mas definitiva do socialismo estava conseguida. Esta tomada de posição anti-marxista, que foi igualmente transcrita no programa do Partido Comunista da União Soviética aprovado no XXII Congresso, foi refutada pela própria realidade. A traição revisionista e a consequente restauração do capitalismo na União Soviética e em certos outros países socialistas, desmascararam toda a falsidade desta tese e demonstraram que o perigo para o futuro do socialismo não provinha só da contra-revolução das classes exploradoras ou dos seus vestígios no país, nem só da agressão imperialista externa, mas igualmente da degenerescência pacífica interna burgueso-revisionista.

Se o perigo proveniente das classes exploradoras desaparece com a sua liquidação enquanto classes e de todos os seus vestígios, se também o perigo de restauração proveniente da agressão imperialista pode ser afastado com a mudança da relação de forças a favor do socialismo, o outro perigo, que provém da degenerescência pacífica burgueso-revisionista

subsistirá durante muito tempo. Por quanto tempo? Enquanto os seus fundamentos existirem. Quais são os seus fundamentos? São de duas espécies: as taras do capitalismo no interior do país e a influência e a pressão do mundo capitalista no exterior. Estas bases só serão suprimidas quando a vitória do comunismo à escala mundial for uma realidade e quando essa vitória possa ser considerada como definitiva.

Por todas estas razões, sustentamos que, ao longo de todo o período histórico de passagem do capitalismo ao comunismo, prossegue a luta de classes, prossegue a luta entre as duas vias. O perigo de voltar para trás é sempre um perigo, uma possibilidade, mas nunca uma necessidade. Sobrestimar este perigo e fazer dele uma preocupação exclusiva semeia o pessimismo, a falta de confiança no futuro, paralisa a vontade e os esforços, assim como a sua subestimação conduz ao relachamento da vigilância e põe em perigo as vitórias conseguidas. Nunca sobrestimando os perigos, mas mantendo constantemente toda a nossa vigilância, temos plena confiança na vitória, somos optimistas quanto ao futuro, pois, apesar de todos o ziguezagues da história, a vitória do socialismo e do comunismo é inevitável.

SOBRE A REVOLUÇÃO IDEOLÓGICA E CULTURAL

A revolução socialista, enquanto revolução contínua e multilateral, comporta tanto a transformação do mundo objectivo como a do mundo subjectivo. A revolução ideológica e cultural é uma parte integrante da revolução socialista e tem como objectivo principal assegurar, com base na transformação do mundo objectivo e lutando contra todas as influências de

ideologias estranhas à ideologia socialista, a educação comunista dos trabalhadores, formar e temperar o homem novo.

Segundo a sua própria lei de desenvolvimento, a revolução socialista triunfa em primeiro lugar no domínio político, depois no domínio económico e finalmente no domínio ideológico. Ora, por diversas razões, as taras do capitalismo desaparecem da consciência dos homens mais dificilmente do que nos outros domínios da vida. E estas taras, não só impedem os homens de tomar uma parte activa e consciente na grande edificação socialista, mas contêm o germe da sua degenerescência, da destruição do socialismo.

Os inimigos de classe depositaram sempre grandes esperanças nas sobrevivências e manifestações estranhas à ideologia burguesa e revisionista. Mas, para realizar os seus desígnios contra-revolucionários, nas actuais condições da relação de forças no mundo e no interior do país, estes inimigos, não negligenciando o recurso à força armada, dão e darão cada vez mais, no futuro, uma particular importância à luta na frente ideológica e cultural, com o objectivo de desorientar os espíritos.

A história testemunha que todas as classes que lutaram para estabelecer o seu domínio político e económico na sociedade tiveram de se entregar em primeiro lugar a um trabalho de mentalização dos espíritos de formação da opinião pública. Isto é verdadeiro para todas as viragens, sejam elas revolucionárias ou contra-revolucionárias. Isto é sobretudo verdadeiro para a contra-revolução pacífica revisionista. Esta contra-revolução tem como prelúdio a propagação da ideologia burguesa. A forma mais apropriada de penetração desta ideologia nas condições do socialismo é o revisionismo — ideologia burguesa vestida de uma fraseologia socialista.

Daí o valor de princípio da importantíssima tese do V Congresso do Partido, segundo a qual «enquanto a vitória completa da revolução socialista não estiver assegurada no domínio da ideologia e da cultura, as vitórias da revolução socialista no domínio político e económico não podem ser asseguradas nem garantidas».

Daí também a outra conclusão de princípio do nosso Partido, ou seja que a vitória da via socialista sobre a via capitalista só pode ser considerada como conseguida e assegurada quando o for nomeadamente na frente ideológica, na luta de classes no plano ideológico, e isto não só à escala nacional mas também internacionalmente.

O factor determinante em toda a actividade é o homem. Abstraindo das condições sócio-económicas o papel activo do homem na vida depende de dois factores: a) da sua concepção do mundo e da sua consciência e b) da sua cultura, da sua instrução e das suas capacidades técnico-profissionais. Estes dois aspectos da educação comunista estão estreitamente ligados entre si e são indispensáveis ao desenvolvimento geral do homem. Mas em todos os casos a educação ideológica, política e moral tem e deve ter a primazia. São os homens que fazem a revolução, são eles também que fazem a contra-revolução. Mas não nascem nem revolucionários nem contra-revolucionários, tornam-se uma coisa ou outra ao longo da sua vida. Tudo depende das condições sócio-económicas em que estão enquadrados e da maneira como a sua educação é feita. É a razão pela qual, sem de maneira nenhuma subestimar e mesmo reforçando constantemente o trabalho para o controle da ciência e da técnica, para o desenvolvimento da instrução e da cultura, o nosso Partido coloca em primeiro plano a educação e a têmpera dos homens no sentido da

sua transformação em autênticos revolucionários. Disto decorre a grande importância da palavra de ordem do Partido: «Pensemos, trabalhemos e vivamos como revolucionários», que constitui a essência da educação comunista e a garantia de que a causa da revolução e do socialismo avançará constantemente.

A luta no domínio ideológico é e deve ser uma luta contra todas as formas de ideologia burguesa e a sua variante mais perigosa para o futuro do socialismo, o revisionismo. Esta luta deve ser conduzida não só no domínio teórico mas, o que ainda é mais importante, na consciência de cada um para a purificar de tudo o que seja estranho à ideologia socialista.

Na base da ideologia burguesa e revisionista, e em todas as formas de ideologia das classes exploradoras reside o sentimento da primazia do interesse individual, o egoísmo e o individualismo que emanam ao fim e ao cabo da propriedade privada sobre a qual se apoia aquela ideologia. Assim, na luta ideológica para a educação revolucionária dos trabalhadores, o golpe principal é e deve ser dado precisamente neste sentimento, com o objectivo de subordinar o estreito interesse pessoal ao interesse geral da sociedade.

Saber qual destes dois interesses deve ter a primazia, é uma questão essencial de princípio. O socialismo, enquanto sistema que tem a sua base sobre a propriedade social dos meios de produção e sobre a ideologia socialista, tem por fundamento o sentimento de colectivismo, exige necessariamente a primazia do interesse geral como condição para a sua existência e o seu desenvolvimento. Se se produz o contrário, e temos disso uma demonstração na experiência dos países em que as cliques revisionistas chegaram ao poder, abre-se a via à destruição da consciência revolucionária dos trabalhadores, à propagação da ideologia burguesa, à degenerescência do socialismo e à restauração do capitalismo.

Uma nova e rica experiência foi igualmente adquirida ao longo destes anos de revolucionarização ulterior da vida do país em muitos outros domínios da luta ideológica, e nomeadamente na luta contra o burocratismo, o tecnocratismo, o economicismo e o intelectualismo, que são algumas das mais importantes fontes ideológicas do revisionismo e das suas mais perniciosas consequências, bem como na luta contra as concepções, costumes e tradições feudais burgueses, para a emancipação plena da mulher, e também na luta contra a religião onde até aqui obtivemos um resultado sem precedente no mundo. A Albânia é o único país em que já não existem instituições do obscurantismo religioso.

A revolução ideológica penetra e guia todo o grande processo de revolucionarização da vida do país. A revolução no domínio da cultura desenvolve-se, também ela, ligada à revolução ideológica e servindo-a directamente. Um dos grandes problemas do aprofundamento da revolução cultural é o da revolucionarização da escola. Também neste domínio o Partido indica novas vias, elabora uma nova experiência de grande importância, que ajudará não só a conduzir a nossa revolução até ao fim, mas que constitui também uma preciosa contribuição à experiência internacional da edificação socialista, sobretudo num domínio tão importante e delicado como é o do ensino.

A dialéctica marxista ensina-nos que sem a supressão do que é velho não há vitória do novo, sem a destruição não há construção. A construção da nova escola socialista não se pode fazer sem a análise crítica da antiga escola. Marx e sobretudo Lenine fizeram uma crítica esmagadora da escola burguesa. O nosso Partido aprofundou e continua a aprofundar esta crítica não só contra a escola burguesa, mas também contra a escola revisionista, rejeitando as suas concepções, mas

afirma as novas concepções, que devem ser a base da nossa escola, devendo esta realizá-las lutando.

Este é um aspecto da contribuição do nosso Partido neste domínio. O outro aspecto consiste na procura das vias mais eficazes para a aplicação mais correcta e mais aprofundada dos princípios marxistas-leninistas conhecidos sobre a escola socialista. Estes princípios são formulados pelos nossos clássicos e em particular por Marx e Lenine. Mas até este momento ainda não encarnaram completamente na escola socialista. Também neste domínio o nosso Partido deu um novo passo em frente.

Um outro problema que está intimamente ligado ao aprofundamento da revolução ideológica e cultural é o da relação entre o novo e o velho, entre o passado e o presente, entre o que é nacional e o que é estrangeiro nas letras e nas artes, na cultura em geral. Esta questão está ligada à atitude em relação à herança cultural nacional e internacional. Parece-nos que, no passado, a interpretação e a aplicação das ideias de Lenine sobre esta questão na teoria e na prática do socialismo foram feitas de maneira unilateral. O acento tónico foi posto não tanto sobre o estudo crítico dessa herança mas no que daí podíamos assimilar, os maiores esforços foram feitos no sentido de descobrir o que é positivo, negligenciando muitas vezes ou escondendo o que nela é negativo. Por vezes, isto conduziu ao cosmopolitismo, outras vezes ao nacionalismo. Estas deformações agravaram-se ainda mais com os revisionistas krutchevistas.

O nosso Partido é tanto contra a xenofobia como contra o niilismo nacional, tanto contra o cosmopolitismo como contra a divinização de tudo o que pertence ao nosso passado nacional. A classe operária e o seu Partido, sendo os verdadeiros herdeiros de tudo o que a humanidade e o nosso povo criaram de

bom no passado, observam a respeito deste legado uma atitude não apologética, mas dialéctica, crítica e revolucionária.

Esta crítica é resultado não só do facto, como observou Lenine, de toda a cultura nacional comportar duas culturas — uma, progressista, a outra reaccionária — mas porque mesmo a parte progressista da cultura passada traz o selo da ideologia e da luta de classes do seu tempo, e, por esta razão não pode ser plenamente utilizada para os nossos fins nem ser tomada como modelo.

Convém ressaltar que, de uma maneira geral, na unidade dialéctica da negação e da afirmação estes dois elementos não desempenham o mesmo papel, nem têm o mesmo peso. A destruição, a negação do antigo é um momento essencial, enquanto que a herança dos elementos positivos do passado, a afirmação, é um momento de importância secundária. Mas, no interior deste quadro o seu lugar e o seu papel podem variar de acordo com as condições e a primazia passar de um a outro. No começo da criação da cultura nova, proletária, é natural que nos apoiemos mais nos aspectos positivos da antiga cultura, pois a nova cultura, proletária, não pode ser construída no vazio. Também Lenine, no seu tempo, criticava asperamente os «proletcults», sublinhando com força a importância e a necessidade de fazer seu tudo o que o espírito humano de bom tinha criado. Num período posterior, quando os fundamentos estiverem lançados e quando a luta é pela consolidação da cultura proletária e da ordem socialista no seu conjunto, o acento deve ser posto na análise crítica do antigo e tendo em conta os resultados obtidos na afirmação e no desenvolvimento da cultura nova, proletária.

Um dos objectivos essenciais da revolução cultural é a atenuação das disparidades essenciais entre o

trabalho intelectual e o trabalho manual, com a perspectiva de no futuro comunista as suprimir totalmente, elevando constantemente o nível cultural e de instrução, de formação técnica e científica dos trabalhadores ao nível dos engenheiros e dos técnicos. Mas isto é só uma das vias que conduz à solução deste grande problema. A outra via, a fundamental, é aberta pela revolução técnico-científica, que cria a base material e técnica para reduzir cada vez mais o afastamento entre os dois tipos de trabalho até à sua fusão e à supressão de qualquer distinção essencial entre eles.

Estas duas vias já eram conhecidas. Foram enriquecidas agora com uma nova experiência desconhecida até aqui. Esta nova experiência está ligada à participação directa, em determinadas proporções, de todos os trabalhadores intelectuais com o trabalho produtivo dos operários e camponeses, ruptura essa que é uma das principais fontes de intelectualismo, do burocratismo, do tecnocratismo e de muitos outros males que podem afectar a intelectualidade e que conduzem à sua degenerescência burgueso-revisionista. Com esta medida, o Partido visa criar um novo tipo de dirigente, sem precedente na história, que não só dirige, dá ordens e controla, mas também trabalha e produz ao lado dos operários e camponeses.

Isto não significa de maneira nenhuma, como o pretendem caluniosamente os revisionistas modernos, que procuremos reduzir e suprimir as diferenças entre o trabalho manual e o intelectual baixando o nível dos trabalhadores intelectuais ao dos trabalhadores manuais, baixando o nível de qualificação do trabalho intelectual e liquidando a camada dos intelectuais, conduzindo-os a partir de agora ao nível dos operários e dos camponeses. Bem pelo contrário, esta medida ajuda os quadros e os intelectuais a instituírem-se, baseando-se na prática, na experiência das massas

donde emanam todos os conhecimentos, a adquirir conhecimentos novos, a alargar o seu horizonte, a fazer crescer as suas aptidões e as suas capacidades, e, além disso, ajuda-os a verificar na prática, único critério de verdade, os conhecimentos adquiridos nos livros e na escola, a rever os seus conhecimentos com um olhar crítico, a corrigi-los e a desenvolvê-los ainda mais.

O nosso Partido aprecia pelo seu justo valor tanto o trabalho manual como o trabalho intelectual, pronuncia-se tanto contra as concepções aristocráticas que depreciam o trabalho manual como contra as concepções vulgares que depreciam o trabalho intelectual. Baseia-se na ideia de Lenine, segundo a qual os intelectuais «... permanecerão uma camada particular até que o estado supremo da sociedade comunista seja atingido».

DO REFORÇO DO PARTIDO E DA DITADURA DO PROLETARIADO

A atitude em relação à ditadura do proletariado foi e será sempre a pedra de toque, o critério fundamental que permite distinguir quem defende posições marxistas-leninistas e quem delas se afastou. A tese leninista segundo a qual para ser marxista não é suficiente admitir a luta de classes, é sim necessário alargar o reconhecimento da luta de classes até ao reconhecimento da ditadura do proletariado, conserva todo o seu valor igualmente nas condições do socialismo. Em última análise, a luta de classes desenvolveu-se e desenvolve-se em todo o lado e sempre para a conquista do poder de Estado. Como esta luta prossegue mesmo nas condições do socialismo, o seu objectivo principal, mesmo nessas condições, permanece sempre a questão do poder político. Assim a

ideia de Lenine segundo a qual a questão fundamental da revolução é a questão do poder, deve ser alargada a todo o período do desenvolvimento da revolução socialista e não se aplicar só ao período da luta pela tomada do poder.

É um facto que os inimigos sempre dirigiram e dirigirão sempre o seu golpe principal contra o Partido e a ditadura do proletariado. A usurpação do poder é igualmente o objectivo principal dos elementos burgueses e revisionistas. Assim, mesmo nas condições do socialismo, quando os diferentes elementos burgueses e revisionistas conseguiram ocupar posições-chave no poder, surge a necessidade de uma espécie de **revolução política de uma natureza particular**, desconhecida na história, que tem por objectivo principal arrancar o poder a todos os que abraçarem a via capitalista de desenvolvimento e defender e reforçar a ditadura do proletariado. Tal era, na sua essência, o objectivo da Grande Revolução Cultural Proletária na China, desencadeada e conduzida pessoalmente pelo presidente Mao Tsé-tung, que forneceu uma experiência nova, muito rica e de grande valor internacional.

O nosso Partido em muitos dos seus documentos e materiais refutou, apoiando-se em sólidos argumentos marxistas-leninistas, a «teoria» revisionista do «partido de todo o povo» e do «Estado de todo o povo» e defendeu a ideia da ditadura do proletariado e do carácter de classe proletário do partido comunista. A ditadura do proletariado não é apenas necessária no período da passagem do capitalismo ao socialismo, enquanto ainda existem as classes exploradoras e não se atenua, como sustentam os revisionistas modernos, depois da sua liquidação enquanto classes. Ligar a existência da ditadura do proletariado unicamente à existência das classes exploradoras significa reduzir todo o seu conteúdo ao esmagamento da sua resis-

tência, esmagamento esse que constitui apenas um dos elementos da ditadura do proletariado. Staline, nas «Questões do Leninismo», sintetizando as ideias de Marx, Engels e sobretudo de Lenine sobre a ditadura do proletariado, sublinhou que ela apresenta três aspectos fundamentais e que é só considerando estes três aspectos conjuntamente que temos o completo significado da ditadura do proletariado. Esta definição de Staline é correcta. Daí decorre que a ditadura do proletariado não pode desaparecer com o desaparecimento das classes exploradoras.

A ditadura do proletariado é a arma da luta de classe do proletariado para conduzir a revolução socialista até ao fim. A necessidade imperiosa desta ditadura, mesmo depois da liquidação das classes exploradoras liga-se directamente ao facto de a luta de classes prosseguir não só à escala internacional, mas também à escala nacional. Esta luta continuará enquanto existir o perigo da restauração do capitalismo. E dado que este perigo, como atrás indicámos subsistirá ao longo do período histórico da passagem do capitalismo ao comunismo, é evidente que a ditadura do proletariado será igualmente mantida durante todo este período. Esta ditadura não acabará enquanto não estiver assegurada a completa e definitiva vitória da via socialista sobre a via capitalista à escala mundial. Pelas mesmas razões, o partido proletário marxista-leninista, que dirige a ditadura do proletariado, deverá ser igualmente mantido durante todo este período.

Depois do estabelecimento da propriedade socialista dos meios de produção e da liquidação das classes exploradoras enquanto classes em si, o inimigo interno mais perigoso da ditadura do proletariado é o burocratismo. Foram precisamente o burocratismo e os burocratas que saparam a ditadura do proletariado na União Soviética. Também Engels, Lenine e Staline trataram

do perigo do burocratismo. Apesar disso, nessa altura este perigo não era considerado e combatido como seria necessário. Ao nosso Partido cabe o mérito de ter estudado amplamente este problema, de ter mostrado claramente o grande perigo que provém do burocratismo, de lhe ter descoberto as raízes profundas e as suas numerosas manifestações, de ter determinado também as vias concretas e eficazes de o combater.

Segundo o ponto de vista do nosso Partido, o fundamental da luta contra o burocratismo consiste no estabelecimento de relações correctas entre os quadros dirigentes e as massas. A supressão da propriedade privada e a instauração da propriedade social dos meios de produção criam condições materiais objectivas para a transformação radical das relações entre os homens no socialismo, para a sua transformação de relações de submissão, de opressão e de exploração em relações de colaboração e de entreajuda fraterna. Mas estas relações não se criam automaticamente com o estabelecimento da propriedade social. Aqui o factor subjectivo desempenha igualmente um papel importante, pois é a propriedade que determina efectivamente em última análise as relações entre os homens, mas estas relações dependem também consideravelmente do sistema de repartição, de organização e de gestão dos negócios, e o factor subjectivo exerce aqui uma sensível influência.

As relações entre os quadros e as massas, que na literatura marxista não foram consideradas como deviam ser, representam um aspecto muito importante das relações entre os homens. Tinha-se a impressão que no socialismo não existe, nem pode aparecer, nenhuma espécie de contradição entre os quadros e as massas. A prática demonstra que tais contradições existem e que, se as relações entre os quadros e as

massas não são correctamente estabelecidas, se toleramos a burocratização dos quadros, então essas contradições, de não antagónicas transformam-se em antagónicas, as relações de colaboração e entreajuda são substituídas por relações de opressão e exploração, e os quadros, que eram os servidores do povo, passam a ser os dominadores. É o que nos ensina a amarga experiência dos factos ocorridos na Jugoslávia, na União Soviética e noutros países em que as cliques revisionistas chegaram ao poder.

Para impedir este mal não é suficiente os quadros serem educados na consciência de que são, em todo o lado e sempre, os servidores do povo, é necessário que sejam colocados nessas condições efectivas, para que nunca degenerem. Nesta matéria, a redução da diferença na remuneração do trabalho dos quadros e das massas, a participação directa dos quadros no trabalho produtivo, a sua rotação sistemática, a determinação da sua posição não só em relação ao topo mas igualmente à base pelas próprias massas, são toda uma série de medidas de alta importância tomadas pelo Partido.

A burocratização só pode ser combatida com sucesso se as próprias massas tomarem esta questão nas suas mãos. Esta ideia de Lenine foi desenvolvida e mais concretizada pelo nosso Partido. As ideias do camarada Enver Hoxha sobre o controle da classe operária são de uma grande importância teórica e prática. Aqui a questão fundamental consiste em combinar o papel de direcção e de controle da classe operária por cima, através do Partido e do Estado proletário, com o seu controle directo na base enquanto classe no poder. A experiência dos países em que os revisionistas chegaram ao poder revelou claramente um fenómeno extremamente negativo: não só ao princípio a classe operária e as massas trabalhadoras não se encontravam preparadas e foram apanhadas desprevenidas, mas em seguida caíram mesmo na apatia e não puderam reagir com força à traição revisionista. O problema que se põe é grave: quem decide a sorte do país? Um punhado de homens, ou o Partido, as classes, as massas? Para impedir todos os fenómenos reaccionários é necessário que as massas, e sobretudo a classe operária, participem larga e directamente na política, através da extensão e do aperfeiçoamento da democracia proletária, e para atingir este objectivo é necessário encontrar as formas mais apropriadas que respondam aos objectivos revolucionários e ao nível de desenvolvimento atingido pelas massas e pelo país.

A ditadura do proletariado é necessária não só para defender as aquisições do socialismo contra o perigo interno de restauração do capitalismo, mas também contra a agressão externa imperialista-revisionista. Também no domínio da defesa elaborámos e desenvolvemos nestes últimos anos uma série de ideias novas tais como: o estabelecimento de uma relação correcta entre a arma e o homem, dando a primazia à política e ao homem; o estabelecimento de relações justas entre os oficiais e os soldados para o reforço da unidade interna do exército, estando isto relacionado com a supressão das insígnias; a combinação do exército regular com o povo armado, a combinação da espingarda e da picareta no exército, dando a prioridade à espingarda; a elaboração de muitas questões relacionadas cam a estratégia e a táctica da guerra popular, sobretudo nas condições do nosso país, etc.

A força dirigente da ditadura do proletariado e de toda a vida do país no socialismo é o partido revolucionário marxista-leninista da classe operária. Sem a condução do Partido não há socialismo, não há ditadura do proletariado. A experiência histórica e a realidade dos nossos dias ensinam-nos que todo o enfra-

quecimento do Partido, do seu papel de direcção, traz consequências desastrosas para o futuro do movimento revolucionário e do socialismo. Na base do processo regressivo contra-revolucionário que se produziu na União Soviética e noutros países, está precisamente a degenerescência gradual do Partido. Se na Albânia um tal processo não se realizou, isso explica-se antes de mais e acima de tudo pelo facto do nosso Partido ter permanecido fiel aos princípios de base ideológicos, políticos e organizativos do marxismo-leninismo ao longo de toda a sua existência, por ter mantido sempre elevado o espírito de combate revolucionário proletário e ter constantemente reforçado a sua unidade com o povo.

Para realizar os seus objectivos contra-revolucionários os inimigos de classe e do socialismo visam antes de mais fazer degenerar e desmantelar o Partido. Assim, a defesa dos ensinamentos do marxismo-leninismo sobre o Partido foi e é igualmente uma das orientações principais da actual luta entre o marxismo-leninismo e o revisionismo moderno. Da mesma maneira que todos os outros inimigos, os revisionistas actuais esforçam-se, também eles, por desarmar a classe operária, privá-la do seu estado-maior político ou fazer degenerar o partido revolucionário proletário num partido reformista, burguês e fascista. O nosso Partido denunciou e refutou as teorias dos revisionistas sobre o «partido das massas», «o partido de todo o povo», o «partido económico» ou o «partido das luzes», desmascarou as suas concepções que negam o papel dirigente do Partido na revolução e no sistema da ditadura do proletariado.

As ideias enunciadas pelo camarada Enver Hoxha no IV Congresso da Frente Democrática da Albânia relativas ao lugar e ao papel do partido na revolução e na edificação socialista, têm uma grande importância teórica e prática. Contrariamente aos sermões dos revisionistas modernos, que se levantam contra o papel de direcção única e sem partilha do partido comunista na ditadura do proletariado e procuram manter ou ressuscitar o sistema de vários partidos para dar ao socialismo um aspecto por assim dizer, mais democrático, o camarada Enver Hoxha indicou ao IV Congresso da Frente Democrática que «dado que a luta de classes prossegue durante todo o período de edificação do socialismo e de passagem ao comunismo, e que os partidos exprimem os interesses de determinadas classes, a presença de outros partidos não marxistas no sistema de ditadura do proletariado, sobretudo depois da construção da base económica do socialismo, seria absurda e oportunista».

Para que o Partido cumpra como deve o seu papel dirigente e permaneça sempre revolucionário, é uma questão vital o carácter de classe da sua composição e sobretudo a dos seus órgãos dirigentes. Uma das mais importantes fontes da degenerescência revisionista de muitos partidos comunistas consistiu na sua desproletarização, e particularmente na desproletarização dos órgãos dirigentes do Partido, bem como na incorporação em massa de «recém-chegados» nestes órgãos (*). É nisto que reside a grande importância de princípio das medidas tomadas pelo nosso Partido nestes últimos tempos para melhorar a composição dos seus órgãos dirigentes limitando o número de funcionários dos aparelhos nos órgãos de direcção política e introduzindo-lhe um maior número de operários que, mesmo depois da sua nomeação para estes postos, continuam a trabalhar directamente na produção.

(*) Esta prática alimentou o burocratismo, o tecnocratismo e o intelectualismo.

A força do Partido consiste nas suas ligações com as massas. O reforço destas ligações, juntamente com uma larga aplicação da linha massas, foi e permanece uma das preocupações constantes do nosso Partido. Neste domínio, encontram-se muitas coisas novas, mas as mais importantes são: a aplicação da linha de massas na escolha e atribuição de lugares aos quadros, combinando mais judiciosamente o monopólio do Partido em matéria da política de quadros com a linha de massas, o controle directo das massas, principalmente da classe operária, sobre os comunistas, as organizações e os órgãos do Partido; a obrigação de consultar as massas sobre todos os que querem aderir ao Partido, assim como a integração cada vez maior da voz, das ideias e das observações das massas no trabalho do Partido.

A condução da revolução e da edificação socialista até ao fim não se pode realizar sem a constante revolucionarização do Partido através da educação dos seus membros, da prática da acção de massas e da aplicação rigorosa das normas da sua vida interna. As marcantes insuficiências nestes domínios constituíram uma outra fonte importante da tragédia ocorrida em muitos partidos comunistas que degeneraram para o revisionismo. Partindo da sua experiência positiva e tirando os ensinamentos da experiência negativa dos outros, o nosso Partido definiu uma justa via para a educação política, ideológica dos seus membros e das massas. Qual é esta via?

A educação ideológica e política não deve ser uma educação abstracta, académica, livresca, que ensina aos homens alguns princípios, algumas teses e conclusões teóricas, mas uma educação que serve não só para lhes inculcar uma concepção justa e teórica do mundo, mas também para formar e temperar o seu carácter e a sua consciência, para os transformar em

autênticos revolucionários. A relação aqui é dialéctica, mas não há correspondência absoluta. Existem pessoas que podem conhecer muito bem a teoria marxista-leninista do ponto de vista formal, e não serem revolucionários ou mesmo tornarem-se contra-revolucionários. Nesta matéria influem no seu carácter e na sua consciência as suas fraquezas que os conduzem à deformação da teoria marxista-leninista, à sua revisão. É assim que igualmente se explica o facto de numerosos quadros qualificados da União Soviética que sabiam, por assim dizer, de cor, as obras dos clássicos do marxismo-leninismo, degenerarem em elementos revisionistas, burgueses e contra-revolucionários.

Para conseguir uma tal educação, em que a concepção do mundo e a consciência revolucionária formam um todo único, é indispensável combinar judiciosamente a assimilação da teoria com a luta contra as sobrevivências e as manifestações estranhas à ideologia socialista na consciência dos homens, a educação pelos livros e a escola, com a educação pelo trabalho e a luta revolucionária, dando a primazia à acção de massas como método revolucionário de educação, método que o nosso Partido, nestes últimos anos, desenvolveu a um novo e mais elevado grau. É só assim que podemos combater com sucesso toda a ruptura das palavras com os actos, que podemos educar um homem autenticamente revolucionário, consequente, para quem as ideias revolucionárias não sejam um ornamento mas se transformem na sua carne e no seu sangue, que seja guiado por elas em todos os passos da sua existência, do seu trabalho e do seu combate.

A educação do Partido, dos comunistas e dos quadros não deve ser concebida como a educação de uma elite, mas como a educação da vanguarda para

educar através dela a classe operária e as massas. Fora da educação da classe operária e das massas não há educação do Partido. Caso contrário, o Partido romperia com as massas, criar-se-ia uma separação tal que os comunistas e os quadros ocupar-se-iam da teoria e da política, e as massas da economia e da produção. Uma tal prática faria penetrar no Partido o intelectualismo e nas massas o economicismo. Daqui decorre que, reforçando constantemente a educação do Partido, convém dar o seu justo valor à educação das massas, dando a primazia às formas massivas de educação através de acções revolucionárias.

A própria vida do Partido é uma grande escola de educação. Mas para que a vida do Partido se transforme realmente no cadinho da educação revolucionária dos comunistas, deve desenvolver-se de acordo com as normas marxistas-leninistas. Estas normas devem ser compreendidas até ao fundo do ponto de vista ideológico, serem preservadas em toda a sua pureza e rigorosamente aplicadas. Todo o enfraquecimento destas normas se transforma numa causa de degenerescência do Partido. É o que nos ensina a amarga experiência do Partido Comunista da União Soviética e dos outros partidos comunistas que resvalaram na traição revisionista.

* * *

Pondo de parte o domínio económico de que o camarada Hekuran Mara tratará no seu relatório, tentámos generalizar nas suas grandes linhas a experiência do nosso Partido na luta pela revolucionarização ulterior da vida do país. Os problemas postos pelo Partido são vastos, de princípio, de uma profunda significação ideológica e política. Têm por fundamento os ensinamentos do marxismo-leninismo e a experiência histórica do nosso Partido e do movimento comunista mundial. Para serem resolvidos a fundo, é indispensável que sejam compreendidos precisamente neste espírito.

Por outro lado, é preciso compreender que, nesta luta de tão grande amplitude, o Partido abre caminhos inexplorados. Os princípios fundamentais do marxismo-leninismo situam-se na base da linha do Partido. Mas é difícil encontrar na literatura marxista-leninista conhecida soluções acabadas para os problemas que hoje se nos colocam. Aprendamos guiados pelos princípios gerais do marxismo-leninismo, analisando de maneira crítica a experiência do movimento comunista internacional e apoiando-nos solidamente na nossa experiência e na realidade do nosso país, a levar a nossa vitoriosa revolução socialista até ao seu objectivo final.

Em toda a nossa actividade e na nossa luta revolucionária devemos inspirar-nos na imortal obra do Partido e do camarada Enver Hoxha. Os seus ensinamentos devem ser o nosso alimento espiritual quotidiano. É necessário aprofundar constantemente estes ensinamentos não só para lhes compreender a essência, mas também para deles tirarmos conclusões para o nosso trabalho, quanto à maneira de pôr e resolver de uma forma criadora, marxista-leninista, os problemas da nossa edificação socialista. Os materiais do Partido e as obras do camarada Enver Hoxha são um vivo exemplo do desenvolvimento e da aplicação criadora da grande e sempre vitoriosa doutrina marxista-leninista.

FIQRET SHEHU

SOBRE CERTOS PROBLEMAS ACTUAIS DA LUTA CONTRA O REVISIONISMO MODERNO

RELATÓRIO

Será em breve o 25.° aniversário da libertação do país do fascismo e da instauração do poder popular na Albânia. Actualmente apreciamos toda a grandeza da obra revolucionária levada a cabo pelo nosso povo e pelo nosso Partido ao longo deste útlimo quarto de século.

O caminho que o nosso povo, conduzido pelo Partido, percorreu ao longo destes vinte e cinco anos não foi fácil. O Partido e o povo tiveram de ultrapassar grandes obstáculos e grandes dificuldades, defrontar e vencer numerosos e grandes inimigos, os inimigos da classe operária e do marxismo-leninismo. Isto não nos impediu de alcançarmos vitória sobre vitória, de termos sempre avançado e vencido todos os nossos inimigos, pois seguimos de uma maneira consequente a via da revolução, na qual o Partido nos conduz. Os contínuos sucessos obtidos na edificação socialista do país e o triunfo sobre todos os inimigos são o testemunho mais vivo da justeza da linha geral marxista-leninista do Partido e da perspicácia, da clarividência, da lógica e do espírito revolucionário do nosso eminente dirigente, o camarada Enver Hoxha.

Na heróica luta travada durante vinte e cinco anos pelo nosso Partido e pelo nosso povo para o desenvolvimento da revolução e da edificação do socialismo, a luta do Partido do Trabalho da Albânia contra os inimigos ideológicos do marxismo-leninismo representa uma página vibrante. O nosso Partido do Trabalho, enquanto destacamento de assalto, revolucionário, do movimento revolucionário mundial, conduziu durante vinte e cinco anos uma luta resoluta e ininterrupta contra o revisionismo moderno titista e krutchevista, pela defesa dos princípios marxistas-leninistas, da estratégia e da táctica do movimento comunista internacional. Deu igualmente a sua contribuição ao desenvolvimento ulterior do pensamento marxista-leninista e à elucidação de numerosos problemas de uma vital importância para a causa da revolução e do socialismo no mundo.

CONDIÇÕES HISTÓRICAS DO APARECIMENTO DO REVISIONISMO MODERNO

Toda a análise de uma questão social deve necessariamente ser colocada em determinado quadro histórico, e se esta análise é sobre fenómenos que são análogos pela sua natureza e pelo seu conteúdo, convém então ter em conta as particularidades concretas que os distinguem uns dos outros, em função das condições históricas nas quais se produzem. Assim, para compreender bem certos problemas que hoje se põem aos marxistas-leninistas, relativamente à luta contra o revisionismo moderno, importa conhecer as condições históricas nas quais este revisionismo apareceu, assim como as particularidades que o distinguem.

Tal como o antigo revisionismo, o revisionismo moderno não é um facto fortuito, não consiste simplesmente na traição de algumas pessoas, mas é o produto social de toda uma época histórica. «... Cada questão nova, toda a mudança... acontecimentos — disse Lenine — engendram, inevitavelmente e sempre, esta ou aquela varidade de revisionismo (*).

O revisionismo moderno apareceu e propagou-se depois da Segunda Guerra mundial. Os primeiros sinais vieram à luz do dia, mesmo antes da guerra, com o browderismo. Uma das primeiras e mais perigosas manifestações do revisionismo moderno foi o revisionismo titista. Contudo, só mais tarde, com o aparecimento do revisionismo krutchevista, o revisonismo moderno se transformou numa corrente regressiva de proporções internacionais, tendo o revisionismo krutchevista atingido o mais antigo, o maior e o mais prestigiado partido do mundo, o Partido Comunista da União Soviética — e sobretudo depois do XX congresso do P C U S, cujas teses oportunistas alimentaram ideologicamente os revisionistas e os renegados do marxismo-leninismo no mundo inteiro.

Depois da Segunda Guerra mundial, terminada com a total derrota, militar e política do fascismo, grandes transformações se produziram no mundo: as posições do capitalismo foram atingidas nos seus fundamentos, a sua crise geral entrou numa nova fase mais elevada, a autoridade da União Soviética, primeiro país socialista do mundo, cresceu mais do que nunca, um certo número de países da Europa e da Ásia enveredaram pela via do socialismo, os partidos comunistas, o seu papel e a sua influência junto das massas, cres-

(*) V. I. Lenine: «Marxismo e revisionismo», Obras Escolhidas, tomo I, pág. 27, edição Albanesa.

ceram e reforçaram-se, por todo o lado a revolução crescia enquanto as posições do imperialismo enfraqueciam cada vez mais.

Nestas circunstâncias, a burguesia imperialista elaborou uma estratégia e uma táctica novas com o objectivo de fazer frente às crescentes forças da revolução, de defender e de estender a sua dominação no mundo. A bandeira da repressão da revolução e da salvação do capitalismo foi empunhada pelo imperialismo americano, que se transforma no centro da reacção mundial, no pior inimigo dos povos do mundo inteiro.

1 — Para realizar os seus desígnios, as classes exploradoras, reaccionárias, sempre recorreram e continuam a recorrer a dois métodos: o da violência e o da mistificação, dando a primazia quer a um quer ao outro. Estes dois métodos foram largamente utilizados pelo imperialismo e sobretudo pelo imperialismo americano depois da Segunda Guerra mundial.

Atingido pelas vitórias do socialismo e o crescimento do movimento comunista internacional bem como pelos movimentos de libertação nacional logo a seguir à guerra, o imperialismo, com o imperialismo norte-americano à cabeça, empreendeu então uma ofensiva geral contra os países socialistas, os partidos comunistas e os povos do mundo, usando toda a espécie de pressões: económica, política, ideológica e militar. Particularmente acentua-se o carácter agressivo da política do imperialismo americano, os seus preparativos militares, as suas ameaças de recorrer a meios de exterminação massiva. A chantagem atómica passa a ser a política oficial dos Estados Unidos. **A capitulação face a esta pressão do imperialismo, face às suas ameaças de guerra destruidora, foi uma das circunstâncias que conduziram ao aparecimento do revisionismo moderno, uma das fontes do aparecimento do revisionismo actual.** É sobre estes fundamentos que foram lançados os slogans pacifistas e capitulacionistas de N. Krutchev sobre a paz a todo o preço, que foram abandonados todos os ideais revolucionários e que se chegou à total submissão perante o imperialismo, o que constitui um dos traços característicos do revisionismo moderno.

E logo que apareceram os primeiros sinais de oportunismo krutchevista, o imperialismo, sem renunciar aos meios violentos, começa a praticar em maior escala a táctica do logro, a minar do interior o movimento comunista e operário, a revolução e o socialismo, táctica que já aplicava há longos anos nos diferentes países capitalistas. Por um lado, acentuava a sua pressão com o objectivo de obter dos revisionistas novas concessões, cada vez mais consideráveis, por outro lado, fazia eco dos slogans pacifistas e capitulacionistas dos revisionistas para os afundar cada vez mais profundamente na amálgama da traição. O recurso a uma tal táctica era ditado pelo facto de, nas condições das relações de força depois da Segunda Guerra Mundial, o imperialismo dificilmente poder sonhar em estender os seus esforços para minar do interior os países socialistas e os partidos comunistas. No passado, dispôs para isso do apoio da social-democracia. Mas nas novas condições, em que o socialismo se tinha transformado num sistema mundial, o imperialismo não se podia contentar com «os partidos burgueses da classe operária» no interior dos países capitalistas. Era-lhe necessário encontrar uma nova arma, mais apropriada, que lhe servisse para cindir o movimento comunista, sapar o socialismo e sabotar a luta libertadora dos povos. Esta arma encontrou-a, no início, no revisionismo titista, que era um revisionismo no poder e que trazia a etiqueta de um país «socialista». Mas, tal como

a social-democracia, a clique titista, nova aliada do imperialismo, foi também ela desmascarada. O imperialismo tinha necessidade de um outro apoio, mais poderoso, gozando de um maior prestígio. E este apoio encontrou-o nos revisionistas krutchevistas.

2 — A vitória total da União Soviética sobre o fascismo que marcou o fim da Segunda Guerra Mundial, constituía um sucesso de alcance histórico internacional. Mas, como disse Staline, os sucessos também têm o seu lado sombrio. Em boa verdade, as vitórias de significado histórico conseguidas depois da Segunda Guerra Mundial, suscitaram por diversas razões, numa parte dos quadros de muitos partidos comunistas, e em primeiro lugar na União Soviética, um certo sentimento de repouso nos sucessos, de suficiência, um desejo de tranquilidade e de relaxamento depois dos esforços e das privações do tempo da guerra. A impressão deixada pelas imensas devastações e as perdas humanas causadas pela guerra contribuiu para fazer nascer nos elementos vacilantes a tendência para procurar vias mais «tranquilas» e mais «fáceis», uma via «sem sacrifícios» para obter a vitória da revolução e edificar o socialismo e o comunismo. Lembremos a este propósito que os revisionistas modernos especularam com as aspirações dos povos à paz, para propagar os slogans da «coexistência pacífica», da «competição pacífica», da «via de passagem pacífica ao socialismo», que criaram ilusões reformistas em muita gente.

Os elementos vacilantes têm sempre tendência a apreciar as situações considerando-as de um ponto de vista oportunista e daí tirar conclusões oportunistas. Assim, pensaram que as grandes transformações que se produziram depois da Segunda Guerra mundial na relação de forças em favor do socialismo eram tais que permitiam impor o que quer que fosse ao imperialismo e que, perante a força e a influência do socialismo, as próprias leis objectivas do capitalismo podiam ter efeitos atenuados. Partindo de tais concepções, os revisionistas krutchevistas chegaram à conclusão geral de que o imperialismo tinha mudado, ou pode mudar de natureza; que a partir de agora, embora o imperialismo ainda exista, a guerra pode ser eliminada da vida da sociedade; que se pode realizar o desarmamento completo e geral; que se pode criar um mundo sem armas, sem exércitos, sem guerra; que é possível passar ao socialismo sem violência revolucionária, sem quebrar pela força a antiga máquina do Estado burguês, para seguidamente estabelecer, sobre as suas ruínas, a ditadura do proletariado.

3 — Uma outra circunstância histórica que favoreceu o aparecimento do revisionismo moderno foi o chamado período de «tranquilidade relativa», e de desenvolvimento mais ou menos «pacífico» que conheceram Segunda Guerra Mundial, e a conjuntura económica a Europa e sobretudo a América do Norte depois da relativamente favorável deste período. Depois da Segunda Guerra mundial apareceram igualmente certos novos fenómenos na evolução do mundo capitalista, e nomeadamente a extensão do campo de acção do capitalismo monopolista de Estado, a passagem do antigo colonialismo ao neo-colonialismo, etc. Todas estas circunstâncias foram aproveitadas pela propaganda burguesa para difundir ilusões sobre a «prosperidade externa do capitalismo», sobre a transformação da sua natureza, para propagar, noutros termos, as ilusões reformistas. Entretanto, vemos crescer a chamada «aristocracia da classe operária», que constitui a principal base social do oportunismo e do revisionismo no movimento comunista.

As fileiras da classe operária nos países capitalistas engrossaram ao longo deste período, com novos «re-

crutas», elementos pequeno-burgueses, vindos do artesanato e do campesinato arruinado. Além disto, nesta altura, as fileiras de certos partidos destes países, sobretudo em França e na Itália, aumentam à custa de numerosos elementos instáveis, pequeno-burgueses, intelectuais, arrivistas e oportunistas. Isto ocasiona o aumento da pressão da ideologia burguesa e pequeno-burguesa sobre a classe operária e sobre os partidos da classe operária dos países capitalistas, e permite comprovar mais uma vez a veracidade da tese marxista-leninista segundo a qual o desenvolvimento do movimento em extensão é sempre acompanhado de uma certa diminuição do nível revolucionário e teórico.

A par com o liberalismo geral e o recurso, por parte da burguesia internacional, a uma política mais insidiosa para minar o movimento comunista e operário, como consequência destas práticas, vemos desenvolverem-se nos partidos comunistas dos países capitalistas o legalismo, a afirmação absoluta das formas legais de combate, o resvalar para o «cretinismo parlamentar», a corrida às pastas ministeriais, a redução de todo o trabalho do partido à campanha eleitoral.

São tantas outras circunstâncias e condições favoráveis ao aparecimento do revisionismo moderno, pois, como Staline diz, **«a passagem de um período de ascensão a um período de pausa, aumenta pela sua natureza as possibilidades de aparecimento de uma linha de direita ... engendra ilusões reformistas sociais-democratas, tornando o perigo de direita o perigo principal»** (*).

4 — Depois das irrupções revolucionárias que se produziram durante e imediatamente a seguir à Primeira Guerra mundial, durante bastante tempo, as primeiras

(*) J. V. Staline — Obras, Tomo 7, pág. 61, Edição Albanesa.

tarefas que se puseram aos partidos comunistas foram de carácter democrático. Durente este período, deu-se prioridade à luta pela defesa dos regimes democráticos contra o perigo do fascismo que tinha tomado o poder na Itália e na Alemanha e mais tarde na Espanha. Igualmente, ao longo da Segunda Guerra Mundial, o dever fundamental era lutar contra os ocupantes fascistas pela defesa e a libertação nacional. Também depois da Segunda Guerra Mundial, as tarefas democráticas revestiram uma particular importância. No XIX Congresso do P C U S, Staline, atribui correctamente aos partidos comunistas a tarefa histórica de tomar nas suas mãos e levantar bem alto as bandeiras das liberdades democráticas, da independência e da soberania nacionais e da salvaguarda da paz no mundo. A luta nestas direcções não era uma luta conduzida directamente para o socialismo. De qualquer modo, sem conduzir vitoriosamente as tarefas citadas, não se podia realizar nenhuma tarefa de carácter essencialmente socialista. Por outro lado, o marxismo-leninismo ensina que os partidos comunistas e o proletariado progressista devem conduzir tanto o combate directo pelo socialismo, como o combate pela democracia, pela independência nacional, etc.

A luta pela democracia não está em oposição à luta pelo socialismo. Pelo contrário, aproxima e facilita a vitória da revolução socialista. Mas é um facto incontestável que nas circunstâncias em que as tarefas de carácter mais essencialmente democrático têm a primazia, se os partidos comunistas não se guiam constantemente pelo princípio de classe segundo o qual a luta pela democracia deve servir a luta pelo socialismo, que a primeira deve estar subordinada à segunda, se não se preocupam em ligar os interesses imediatos do movimento aos seus interesses a longo prazo, ao objectivo final da classe operária — a sociedade comu-

nista — então criam-se condições favoráveis ao aparecimento do oportunismo de direita, do revisionismo. A prática confirmou plenamente esta conclusão marxista-leninista. De facto, os revisionistas modernos reduziram toda a «luta pelo socialismo» à luta pela democracia nos limites permitidos pela legalidade e pelas constituições burguesas, e fizeram-se assim os escravos da democracia burguesa, que também procuram imitar os revisionistas no poder.

São estas, parece-nos, as condições históricas mais gerais que favoreceram o aparecimento do revisionismo moderno. Não nos debruçaremos aqui sobre as causas mais particulares, objectivas e subjectivas, deste fenómeno regressivo, nem sobre as relações destas causas entre si. O nosso Partido em muitos dos seus documentos e materiais, e o camarada Enver Hoxha numa série de discursos e de obras de significado histórico, analisaram estas questões de maneira científica e tiraram do que se produziu na U R S S e noutros países conclusões revolucionárias. Ainda mais, o nosso Partido considera que o conhecimento profundo das condições históricas e das causas que originaram o revisionismo é indispensável para impedir que no futuro se repita o que aconteceu nos nossos dias em países há muito socialistas, pois, ao fim e ao cabo, o aparecimento do revisionismo não é um fenómeno inelutável. Evidentemente, as causas do aparecimento do revisionismo têm o seu fundamento na realidade objectiva. Mas isto não quer dizer que o revisionismo enquanto fenómeno regressivo seja o efeito de uma lei objectiva, como os ideólogos burgueses apregoam aos sete ventos, mas tão só um travão temporário no processo de desenvolvimento da revolução socialista mundial. Enquanto tal, o seu aparecimento não é fatal em cada país em particular. O facto de o revisionismo até agora não se ter podido implantar nem na Albânia,

nem na China, nem noutros partidos comunistas, e de dezenas de novos partidos marxistas-leninistas se terem levantado para o combater, constitui a prova mais convincente de que o revisionismo é uma possibilidade, um perigo que se pode afastar, se descobrirmos as raízes que o podem alimentar e as arrancarmos a tempo. Em relação a isto, o factor subjectivo, e em primeiro lugar a atitude de cada partido comunista, desempenha um papel determinante. A partir do momento em que os partidos conheçam e apliquem as leis objectivas da sociedade, que sigam uma justa linha marxista-leninista, que se baseiem ideologicamente na teoria marxista-leninista e que eduquem as massas, a classe operária e todos os trabalhadores, que conduzam consequentemente e sem tibiezas a luta de classe, apliquem as normas leninistas na vida interna do partido, mantenham a pureza nas suas fileiras, reforcem constantemente a sua ligação às massas, trabalhem para a revolucionarização do Partido e de toda a vida do país, intensifiquem a vigilância revolucionária de cada comunista e de cada trabalhador, então o perigo do aparecimento do revisionismo está ultrapassado.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO REVISIONISMO MODERNO

O revisionismo moderno é o sucessor e o continuador directo do antigo revisionismo. O seu objectivo estratégico é, no fundamental, idêntico ao de todos os inimigos do marxismo-leninismo, de todos os tempos e de todos os países. De qualquer modo, independentemente do objectivo estratégico comum, o revisionismo em cada época histórica e em cada país tem particularidades que lhe são próprias, tanto no que diz

respeito ao conteúdo, às tarefas estratégicas a curto prazo e às tácticas, como no que se refere às causas e às circunstâncias que lhe condicionam o aparecimento e o desenvolvimento, particularidades que o distinguem do revisionismo de outras épocas históricas e de outros países.

Assim, para conduzir vitoriosamente a luta contra o revisionismo moderno, é necessário conhecer bem não só as condições e as causas que lhe favoreceram o aparecimento, mas também as particularidades essenciais que o distinguem do antigo revisionismo e de todas as outras correntes oportunistas conhecidas da história, e conhecê-las não só no plano internacional, mas também em cada país em particular, pois a luta contra o revisionismo moderno deve ser conduzida tendo também em conta as particularidades que o revisionismo apresenta em cada país em particular.

Quais são algumas das características mais gerais do revisionismo moderno?

1 — A característica essencial que distingue o revisionismo actual do antigo revisionismo, bernsteiniano, consiste no facto de ele não ser só uma corrente ideológica oportunista hostil ao marxismo no movimento comunista, mas igualmente um revisionismo no poder, que antingiu numerosos países e, em primeiro plano, a União Soviética, o primeiro e o mais poderoso Estado socialista do mundo.

Desta característica fundamental advêm uma série de outras características que distinguem o revisionismo actual do anterior revisionismo.

Se os antigos revisionistas não passavam de agentes da burguesia, veículos da influência burguesa no movimento comunista e operário internacional e se, consequentemente, o seu objectivo estratégico era manter a dependência dos operários em relação à burguesia, perpetuar a ordem capitalista, os revisionistas

de hoje, nos países em que usurparam o poder, transformaram-se numa nova classe burguesa e restauraram aí o capitalismo, oprimem e exploram os trabalhadores dos seus países bem como doutros países.

Se os antigos oportunistas e revisionistas social-democratas se transformaram nos servidores e aliados do imperialismo, se defenderam e justificaram a sua política belicista e agressiva e, em certos países, como na Alemanha e noutros, abriram a via ao aparecimento do fascismo, o centro do revisionismo actual, a clique dirigente soviética, transformou-se numa clique social-fascista e social-imperialista, que prossegue uma feroz política de opressão, de expansão e de agressão e, conjuntamente com o imperialismo americano, visa instaurar a dominação das duas grandes potências no mundo.

O essencial no conteúdo de todo o oportunismo e revisionismo é a ideia da colaboração de classes, a renúncia à luta de classes. E, no entanto, mesmo neste aspecto, há um traço pelo qual o revisionismo moderno se distingue do revisionismo bernsteiniano; enquanto que os antigos revisionistas procuravam realizar a reconciliação de classes no quadro de cada país capitalista em particular, os revisionistas modernos lutam para implantar à escala internacional, para apagar os limites de classe não só no interior de cada país, entre classes com interesses diametralmente opostos — o proletariado e a burguesia — mas igualmente entre os dois sistemas que na sua essência são antagónicos — o socialismo e o capitalismo — assim como entre os países oprimidos e as suas metrópoles opressoras, etc.

Destas características políticas do revisionismo moderno deriva igualmente o grande perigo que representa, a confusão que causou e que ainda pode causar à causa da revolução e do socialismo. Deste ponto

de vista, a actual traição revisionista é a maior que a história conheceu, as suas consequências negativas são incomparavelmente mais graves que as das outras correntes oportunistas e revisionistas do passado. Consequentemente, a luta contra o revisionismo é um dever a cumprir, tão difícil como importante. Em particular, os revisionistas soviéticos prestaram ao imperialismo mundial um serviço que nunca teria sido obtido mesmo que este pusesse a funcionar todos os seus agentes e todo o potencial político, ideológico, económico e militar de que dispõe. Daí a necessidade para o marxismo-leninismo de conduzir uma luta resoluta contra o revisionismo moderno em geral e o seu dever de atacar particularmente o revisionismo soviético que representa o revisionismo mais perigoso.

2 — No domínio ideológico, um dos traços distintivos do antigo oportunismo bernsteiniano, como Lenine fez ressaltar, era a incompreensão por parte dos seus representantes das novas condições criadas pela passagem do capitalismo ao seu estádio supremo e último, o imperialismo. Na prática, mostraram-se não dialécticos, não conseguiram tirar destas novas condições as justas conclusões teóricas e práticas, mas permaneceram escravos das antigas concepções, das antigas formas de luta e de organização.

Ao contrário dos antigos oportunistas, os revisionistas actuais jogam justamente sobre as novas condições e os novos fenómenos. Fundamentando-se nestas novas condições, proclamam, de facto, o marxismo-leninismo como morto e dedicam-se a «enriquecê-lo» com «as novas» teses e conclusões «criadoras», com as suas «soluções» totalmente anti-marxistas, lânçam os slogans da luta contra o «dogmatismo» e do «desenvolvimento criador» do marxismo-leninismo, pretendendo que são adequados às novas condições. Esta camuflagem do revisionismo actual sob o slogan do

«desenvolvimento criador» do marxismo-leninismo é uma das suas características mais importantes no domínio ideológico.

É um facto incontestável que grandes modificações se produziram e se continuam a produzir no mundo, que vemos surgir numerosos fenómenos e problemas novos. Estas condições e estes fenómenos novos só podem ser correctamente compreendidos a partir das posições do marxismo-leninismo. Nem o revisionismo nem o dogmatismo podem trazer soluções correctas aos grandes problemas que a nossa época põe e que hoje preocupam as classes, as camadas e os povos oprimidos de todos os continentes. Estes problemas só podem ser resolvidos na base do marxismo-leninismo, que se desenvolve e continuará a desenvolver sem descontinuidade. E o desenvolvimento criador do marxismo-leninismo faz-se não deturpando, mas pelo contrário baseando-se rigorosamente nos seus princípios fundamentais. Os revisionistas modernos aplicam-se não no desenvolvimento do marxismo, mas sim na sua revisão.

Na realidade, todas as frases «dialécticas» sobre o «desenvolvimento criador do marxismo», utilizadas pelos revisionistas modernos têm como único objectivo disfarçar a transformação do marxismo de teoria revolucionária que ilumina a via da revolução socialista, numa teoria oportunista contra-revolucionária. Os revisionistas modernos utilizam arbitrariamente os factos, a prática social, e interpretam-nos pragmaticamente. Esforçam-se por justificar teoricamente a sua traição em relação ao marxismo-leninismo, nomeadamente falsificando o processo dialéctico do conhecimento, reconhecendo um valor absoluto a este ou àquele aspecto, a este ou àquele momento deste complexo processo. É assim que os revisionistas dão a primazia absoluta à mutabilidade do universo e fazem pouco caso da

estabilidade das leis fundamentais que o regem; sobrestimam as condições e os fenómenos novos, as particularidades de cada período e de cada país e negam as leis e os princípios gerais da revolução e da edificação socialista, imperativas para qualquer período e para todos os países; sobrestimam o papel das condições objectivas e subestimam o da teoria, do factor subjectivo; desligam a prática da teoria; sobrestimam o carácter relativo dos conhecimentos e subestimam o seu conteúdo objectivo e absoluto, o que conduz ao relativismo idealista. Ou seja, no domínio ideológico, o revisionismo é o produto da apreciação subjectiva das transformações que intervêm na realidade, do tratamento subjectivo dos princípios e das leis gerais do marxismo-leninismo, da negação subjectiva da dialéctica materialista e das suas conclusões revolucionárias.

3 — O revisionismo actual distingue-se do antigo também pela sua base sócio-económica. O antigo oportunismo tinha a sua base na pequena burguesia e sobretudo na aristocracia da classe operária. O revisionismo actual tem uma base mais vasta. Nos países capitalistas, e nas actuais condições, ao lado da aristocracia operária cresceu consideravelmente a burocracia operária, que se transformou, também ela, numa base para o revisionismo. Estas camadas abrangem todo o exército dos operários-empregados, dos funcionários dos partidos, dos sindicatos, das outras organizações de massas, da imprensa e da edição, das empresas económicas geridas pelos revisionistas e que são fundamentalmente de natureza capitalista, etc. Nos países socialistas, o revisionismo moderno encontrava e encontra sempre a sua base social e o seu apoio nas antigas classes exploradoras ou nos seus vestígios, nas camadas com tendências pequeno-burguesas e sobretudo numa grande parte dos quadros

privilegiados dos aparelhos do partido, do Estado, da economia e da intelectualidade, que gradualmente degeneraram para se transformarem em novos elementos burgueses.

São estas as características essenciais que distinguem o revisionismo actual do antigo revisionismo.

Sabemos que os revisionistas actuais agem nos diferentes países em condições e em circunstâncias diversas. É por isso e também por outros factores objectivos e subjectivos, externos e internos, que embora partidários de uma única corrente regressiva, os revisionistas também têm particularidades que os distinguem. Estas particularidades manifestam-se nos diferentes ritmos e orientações que o desenvolvimento do revisionismo conhece em cada país, nas formas de luta que emprega contra o marxismo-leninismo, nos argumentos e slogans que avança para a revisão do marxismo, nas suas tomadas de posição quanto à natureza das relações entre os partidos revisionistas dos diferentes países em que a clique revisionista está no poder, etc. Com base nisto, existem diferenças sensíveis entre o revisionismo krutchevista, titista ou togliatista, enquanto grupos mais importantes do revisionismo moderno.

As particularidades que distinguem as diversas cliques revisionistas entre elas, originam divergências e contradições que corroem por dentro a frente revisionista e apressam o seu inevitável fim. Sem nos estendermos nesta questão nem evocarmos o carácter das contradições que existem entre os rvisionistas, sublinharemos contudo que é necessário que estas particularidades, estas divergências e contradições sejam correctamente avaliadas. Estas divergências não se referem à essência do revisionismo enquanto corrente regressiva, contra-revolucionária, mas sim a questões parciais, sendo os diferentes grupos revisionistas me-

ras ramificações de um tronco único. As suas características e os seus objectivos estratégicos fundamentais são comuns.

O conhecimento perfeito tanto das características e dos objectivos contra-revolucionários comuns que caracterizam todos os revisionistas modernos, como das particularidades que os distinguem e as contradições que entre eles existem, é de uma grande importância para conduzir vitoriosamente a luta contra o revisionismo. O conhecimento das suas características gerais contribui para a definição de uma correcta atitude estratégica, enquanto que o conhecimento das tonalidades, das particularidades e das contradições, que variam com a modificação das situações e das conjunturas, nos ajuda a definir uma correcta atitude táctica.

Na sua luta contra o revisionismo moderno, o Partido do Trabalho da Albânia teve sempre em conta estes ensinamentos marxistas-leninistas, e apoiando-se neles e também no princípio da análise concreta das situações concretas definiu uma justa atitude táctica, concentrando o seu ataque principal contra o inimigo mais perigoso — a clique krutchevista da União Soviética — sem com isso negligenciar a luta contra as outras variedades mais influentes do revisionismo moderno — o revisionismo titista e o revisionismo togliatista.

A luta do marxismo-leninismo contra o revisionismo moderno, enquanto manifestação da luta de classe à escala nacional e internacional, desenvolveu-se e continua a desenvolver-se sobre as questões fundamentais do marxismo-leninismo, das suas três partes constitutivas: a filosofia marxista, a economia política e o socialismo científico, tendo em conta tanto as «teorias» como a actividade prática dos revisionistas em prejuízo da revolução proletária e do socialismo. Esta luta evoluiu, de acordo com a evolução do revisionismo moderno, em extensão e em profundidade e, em cada período, surgiram em primeiro plano estes ou aqueles problemas fundamentais da doutrina marxista-leninista e da prática revolucionária, sendo a luta contra os revisionistas modernos conduzida de acordo com isso.

A dialéctica marxista ensina-nos que todo o fenómeno tem um determinado processo de formação. Como qualquer fenómeno, o revisionismo krutchevista sofreu antes de chegar à presente etapa, uma evolução que lhe é própria. Na época actual, a característica da clique dirigente soviética é a sua transformação, de agente da burguesia e do imperialismo no movimento comunista e operário, numa clique social-fascista e social-imperialista.

É precisamente sobre estes aspectos que a seguir nos debruçaremos.

O SOCIAL-FASCISMO E O SOCIAL-IMPERIALISMO

CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS DA CLIQUE KRUTCHEVISTA SOVIÉTICA NA ÉPOCA ACTUAL

Como é que se explica a passagem da clique revisionista soviética a posições social-fascistas e social-imperialistas, ou dito de outra maneira a posições tais que, pelo conteúdo real das suas atitudes e das suas acções, se revela, em política interna, socialista em palavras e fascista nos factos, e, em política externa, socialista em palavras e imperialista nos factos?

O fundamento objectivo deste fenómeno tem de se procurar na transformação do carácter do regime sócio-económico da União Soviética, de regime socialista em regime capitalista de um tipo novo.

Este processo regressivo começou com a usurpação pelos revisionistas krutchevistas da direcção do Partido e do poder político, com a transformação da ditadura do proletariado em ditadura burguesa. Segundo o marxismo-leninismo para determinar o carácter de um Estado convém verificar quais os interesses que representa e defende — os interesses do proletariado ou os da burguesia. Tanto em política interna como externa, o Estado Soviético actual não representa nem defende os interesses da classe operária e das massas trabalhadoras à escala nacional e internacional, mas os da nova burguesia soviética, que actualmente detém o poder. Temos portanto uma ditadura da nova burguesia soviética. E esta transformação da natureza do poder político acarretou, e não podia deixar de acarretar, a transformação do conjunto do regime económico e social da União Soviética, da sua base e da sua superestrutura, em virtude da relação dialéctica que existe entre a política e a economia, entre a superestrutura e a base. A política não é pura e simplesmente um produto da economia, desempenha um papel activo, e determina geralmente, em qualquer país, a própria via seguida, a via do desenvolvimento da economia e de todo o sistema social. Afastando-se da política proletária, a clique revisionista krutchevista começou a atentar gravemente contra os princípios económicos socialistas e as relações de produção socialistas, substituindo-as por relações de opressão e de exploração. As transformações na superestrutura acarretaram na União Soviética transformações radicais na base económica, a restauração do capitalismo.

Sabemos que a base material da ordem socialista é constituída pela propriedade social dos meios de produção, enquanto que actualmente na União Soviética, a propriedade social — apesar de todos os esforços da direcção revisionista soviética para lhe conservar uma aparência socialista — perdeu na sua essência, no seu conteúdo real, o carácter socialista, para se transformar numa propriedade do Estado de natureza capitalista de um tipo particular.

Seria ingenuidade considerar-se que a forma de propriedade capitalista na qual degenerou a propriedade social socialista soviética, seja a mesma da propriedade privada clássica, numa época em que, dadas as condições actuais da grande produção, mesmo nos outros países imperialistas, o capitalismo monopolista de estado se desenvolve igualmente através da extensão da propriedade do Estado. Porque nasceu e se desenvolveu como resultado da degenerescência da propriedade estatal socialista, a propriedade capitalista na União Soviética só se pode apresentar sob a forma de propriedade do Estado. Mas, independentemente deste facto, tal como a oligarquia financeira é a verdadeira proprietária das empresas capitalistas do Estado e com a ajuda do estado capitalista explora a classe operária, a nova burguesia soviética, também ela, é a verdadeira detentora das empresas do Estado soviético e, com a ajuda do Estado, explora a classe operária e todo o povo soviético. Através desta exploração reforça as suas próprias posições económicas e, nesta base, esforça-se por consolidar ainda mais a sua dominação política.

Da mesma maneira, quando falamos da restauração do capitalismo na União Soviética, consideramos que se trata de um capitalismo que se instaura como resultado da degenerescência da ordem socialista. Consequentemente, tem de apresentar algumas particularidades que o distinguem do capitalismo clássico. Por esta razão e porque é um fenómeno novo, que se manifesta pela primeira vez na sociedade, devem ser feitos neste domínio estudos posteriores aprofundados e circunstanciados.

Todavia, se o abandono da política proletária permitiu a restauração do capitalismo na União Soviética, por seu lado, a transformação do carácter do seu regime económico-social, a restauração do capitalismo teve necessariamente repercussões no domínio da política interna e externa, uma vez que a política é a expressão concentrada da economia. É precisamente na transformação da natureza do sistema económico-social, na restauração do capitalismo na União Soviética, que o social-fascismo e o social-imperialismo soviético têm a sua base.

A passagem da clique krutchevista soviética à feroz ditadura fascista e ao imperialismo declarado deve-se às dificuldades com que os revisionistas se chocaram durante uma fase determinada da restauração do capitalismo na União Soviética. Certos outros factores internos e externos tiveram e continuam a ter igualmente importância no agravamento dessas dificuldades, que têm a sua fonte na própria natureza do actual sistema económico-social da União Soviética.

Em primeiro lugar, a luta do Partido do Trabalho da Albânia, do Partido Comunista Chinês e de todos os partidos e forças marxistas-leninistas contra os revisionistas krutchevistas, pôs a nu a sua face de traidores, arrancou-lhes todas as máscaras, tornando a sua dominação cada vez mais difícil, tanto nos seus países como nos outros.

Em segundo lugar, atolada cada vez mais profundamente no lamaçal revisionista, aplicando a linha anti-marxista em todos os domínios — na política, na economia, na ideologia — a clique dominante da União Soviética viu criadas novas dificuldades, viu agravadas as suas contradições com o povo soviético e os outros povos do mundo.

Em terceiro lugar, o processo de «liberalização» que os revisionistas empreenderam com o objectivo de

sapar a ditadura do proletariado, liberalização essa efectuada a partir do XX Congresso do P Ç U S, escapou pouco a pouco ao seu controle. Os acontecimentos da Checoslováquia, que precederam a agressão soviética, constituem neste sentido um sério aviso para os actuais governantes de Moscovo.

Em quarto lugar, os últimos tempos têm visto azedarem-se extremamente as contradições da direcção soviética com as direcções revisionistas dos outros partidos e países, que começaram a insurgir-se contra a política hegemónica e chauvinista de grande potência da clique krutchevista da União Soviética.

Nestas condições, os revisionistas de Moscovo já não podiam dominar como antes, por meios «pacíficos». Esta situação de profunda crise obriga-os a agir abertamente como social-fascistas e social-imperialistas, ou dito de outra maneira, a praticar uma política interna e externa brutal, militarista e agressiva. Deste ponto de vista, esta política não é de maneira nenhuma um sinal da sua força, mas sim da sua fraqueza. Se passaram abertamente a esta política, é porque não podiam fazer de outra maneira.

O social-fascismo e o social-imperialismo soviético estão ligados entre si: a existência de um implica a do outro. O social-fascismo em política interna, que se manifesta sob a forma de uma furiosa reacção contra toda a liberdade de pensamento e toda a acção revolucionária, contra as forças progressistas e revolucionárias, tem como consequência directa em política externa o social-imperialismo, o recurso a métodos abertamente fascistas nas relações com os outros países. O social-imperialismo em política externa, significa opressão violenta, exploração, submissão e agressão em relação a outros povos, exige e implica, por outro lado, que no interior se prossiga uma feroz polí-

tica fascista para manter a sua própria retaguarda debaixo de um rigoroso controle.

Contudo, quando falamos hoje de ditadura fascista, de fascismo e de reacção aberta na União Soviética, um país que durante décadas inteiras foi socialista, não podemos identificar estes fenómenos com as formas clássicas sob as quais se manifestaram na Itália e na Alemanha, nem sob as que se manifestam hoje em Espanha. Isso seria ignorar as condições históricas concretas, seria uma atitude metafísica, anti-dialéctica. Por outro lado, mesmo no passado, o fascismo apresentou diversas tonalidades e particularidades, manifestou-se e existiu sob diversas formas consoante os países. Assim, o problema das características e das formas concretas do social-fascismo na União Soviética, enquanto fascismo de tipo novo, necessita de um estudo aprofundado no futuro.

Em relação ao social-imperialismo na União Soviética, aparece claramente em todas as tomadas de posição e nas acções da direcção krutchevista na arena internacional.

A particularidade fundamental da actual política da União Soviética nas suas relações com os outros países é a de todo o imperialismo: o cuidado em preservar e em consolidar a sua própria esfera de influência, de estender a sua dominação sobre os povos dos outros países, para os submeter e explorar.

A clique dirigente revisionista soviética, esforçava-se, ao princípio, por realizar este objectivo por «meios pacíficos», através da penetração e da submissão económica, da extensão da sua influência, da pressão política e ideológica, das alianças militares e económicas abertas e secretas, etc. Com a ocupação da Checoslováquia, a União Soviética apresentou-se abertamente na arena internacional como uma potência social-imperialista.

O social-imperialismo da União Soviética e a política da agressão a partir de posições de força da direcção revisionista soviética manifestam-se igualmente em todas as tomadas de posição, as ameaças e armas dirigidas contra diversos povos e países, nas evoluções dos seus navios de guerra nos mares e oceanos, sobretudo no Mediterrâneo, no Oceano Índico e no Pacífico Ocidental, e na expansão das bases militares soviéticas em numerosos países do mundo; nos ataques e provocações contra a República Popular da China, que os revisionistas soviéticos, juntamente com os seus aliados, os imperialistas americanos, se esforçam por cercar no seu «anel de fogo». As provocações sobre o Oussuri, a agressão contra a ilha chinesa de Tchen-Pao, as provocações na província de Sing-Kiang, etc., são manifestações flagrantes e odiosas do social-imperialismo soviético.

Com o objectivo de justificar os seus actos de agressão e de rapina, os revisionistas soviéticos descobriram e propangandeiam as «teorias» da «soberania limitada» e da necessidade de «garantir a grande família socialista», que não passam de slogans tipicamente imperialistas e fascistas. A «teoria» da «soberania limitada» não é um achado original dos revisionistas soviéticos, mas a concepção fascista que esteve na base das relações da Itália fascista com o nosso país, e com outros, concepção também amplamente difundida pelos imperialistas americanos depois da Segunda Guerra Mundial. Mesmo o slogan da «garantia dos interesses da comunidade socialista», na boca dos social-imperialistas soviéticos, invoca o infame slogan do nazismo hitleriano sobre as tentativas de estabelecer na Europa a «ordem nova», slogan que serviu para encobrir a agressão hitleriana contra os diversos países da Europa; lembra o tão conhecido slogan dos imperialistas americanos sobre «a defesa do mundo livre», que utilizam para camuflar as suas agressões

contra os outros paises, a opressão e a exploração destes.

Nestes últimos tempos, os revisionistas soviéticos falam muito de uma pretensa «ditadura internacional do proletariado», mas de facto esta fórmula esconde os seus desígnios contra-revolucionários. Nas condições da restauração do capitalismo na União Soviética, o slogan da «ditadura internacional do proletariado» pretende justificar o uso da força pela clique revisionista soviética para manter sob o seu domínio os países satélites da dita «comunidade socialista», para completar a sua dominação «pacífica» — que se exerce através do Conselho de Entreajuda Económica e de outros acordos — com a dominação pela violência — utilizando como arma essencial a organização militar do Tratado de Varsóvia, actualmente transformado numa organização de guerra e agressão militar do tipo da NATO.

A transformação da União Soviética em Estado social-imperialista é igualmente visível na exportação de capitais sob a forma de «ajuda» económica e militar, para países, regiões e zonas inteiras, ditas «subdesenvolvidas», que estão fora da sua esfera de influência directa: no Próximo e Médio Oriente, na Ásia e na África assim como na América Latina. Concedendo hoje esta «ajuda», a União Soviética não visa realmente promover a independência económica e política desses países, nem o seu progresso social, mas submetê-los politicamente e colocá-los sob a sua dependência económica, estabelecer a sua dominação colonial sobre os povos de todos os continentes. Assim, a União Soviética transformou-se hoje numa potência neo-colonialista. «Os revisionistas soviéticos — disse o camarada Enver Hoxha — tentam cravar as suas garras noutros povos e noutros países... neste campo, os revisionistas soviéticos seguem o mesmo caminho já percorrido pelos antigos imperialistas numa

época que lhes era mais favorável. Usam a mentira, a chantagem, as ameaças, a demagogia, os créditos e os investimentos com objectivos de exploração capitalista ...»

Tudo o que acabamos de dizer testemunha o verdadeiro carácter do sistema sócio-económico da União Soviética e a natureza do actual Estado Soviético, prova o social-fascismo e o social-imperialismo que o caracteriza.

ALIANÇA SOVIÉTICO-AMERICANA

A MAIOR ALIANÇA CONTRA-REVOLUCIONÁRIA

O social-imperialismo soviético encontrou a sua expressão condensada na aliança com o imperialismo americano para a partilha de zonas de influência e o estabelecimento da dominação das duas grandes potências no mundo. É esta a maior e a mais perigosa de todas as alianças contra-revolucionárias que a história da humanidade conheceu.

Mas como foi possível uma tal aliança entre o chefe-de-fila do imperialismo mundial — o imperialismo americano — e o primeiro Estado socialista do mundo? Sobre que bases nasceu, com que objectivos foi criada e contra quem é dirigida?

Tudo isto se explica pela transformação da própria natureza do regime político, económico e social da União Soviética, pelo seu encaminhamento na via da restauração do capitalismo e pela sua conversão em grande potência imperialista. É precisamente nesta base que a aliança soviético-americana nasceu. É de notar que enquanto a União Soviética foi um país realmente socialista, e tomou posições revolucionárias, praticou uma política resolutamente anti-imperialista, defendeu firmemente os interesses de todos os povos

e a causa da sua liberdade e da sua soberania, observou rigorosamente o princípio do internacionalismo proletário e aplicou-o de maneira consequente. E mesmo quando as circunstâncias impuseram a aliança anglo-soviético-americana, esta era dirigida contra o inimigo mais feroz da humanidade, contra o fascismo hitleriano e consequentemente era uma aliança correcta, progressista. Concluindo esta aliança, a União Soviética e Staline tiveram também em conta o princípio da luta de classe, esforçaram-se por a fazer servir a libertação dos povos e os interesses do socialismo, por a utilizar para o enfraquecimento geral das posições do imperialismo e da reacção mundial.

Para justificar a aliança contra-revolucionária soviético-americana, os «teóricos» do revisionismo krutchevista referem-se muitas vezes à tese leninista da coexistência e tentam demonstrar que não se trata de uma aliança contra-revolucionária, mas da aplicação da política da coexistência pacífica.

Este «argumento» dos revisionistas não tem base. A coexistência pacífica nas relações entre os países com sistemas diferentes é um princípio justo. Mas os revisionistas falsearam de tal maneira este princípio alargaram tanto o seu significado, que, com base na sua máscara, fizeram desaparecer os limites entre as classes e qualquer distinção com o inimigo; renunciaram à luta de classes sob todas as formas, foram ao ponto de renunciar à luta contra o imperialismo, comprometeram-se em todo o tipo de negociatas com ele, para acabar por se unir numa aliança contra-revolucionária com o imperialismo americano.

Na base desta aliança soviético-americana situam-se os comuns interesses imperialistas hegemónicos dos social-imperialistas soviéticos e dos imperialistas americanos. Sendo ambos grandes potências imperialistas, dotados de um grande potencial económico e militar, a União Soviética e os Estados Unidos têm de se ter

em conta, cada uma destas potências tem necessidade da ajuda da outra, empreendem acções comuns e coordenam entre elas os seus planos. Actualmente, esta aliança é sancionada por documentos oficiais, por numerosos acordos e tratados, declarados ou secretos, estende-se a todos os domínios, político, diplomático, económico, cultural e militar.

O objectivo estratégico fundamental da aliança soviético-americana é a partilha de esferas de influência e o estabelecimento da dominação mundial das duas grandes potências, enquanto que a principal orientação desta aliança é a luta contra o socialismo, as forças revolucionárias marxistas-leninistas e a ideologia socialista, assim como contra os movimentos de libertação nacional na Ásia, na África e na América Latina, contra os movimentos revolucionários dos povos do mundo inteiro. Na luta contra os movimentos de libertação nacional e revolucionários dos povos, os revisionistas soviéticos não têm como objectivo ajudar os seus aliados americanos, mas são antes guiados pelas suas ambições imperialistas. Sem destruir nos povos o espírito revolucionário e o sentimento de independência nacional, o social-imperialismo soviético não pode realizar os seus desígnios expansionistas em todos os continentes.

Os casos em que a coordenação das acções soviético-americanas se afirma nas principais direcções que temos vindo a explicitar, são numerosos e conhecidos: vão desde a actividade aberta dos revisionistas soviéticos para fazer degenerar os países socialistas em países capitalistas e os Partidos comunistas em Partidos sociais-democratas, à ajuda fornecida aos reaccionários dos diversos países para esmagar as forças revolucionárias dos povos, e já sem falar da dotação em armas modernas das forças reaccionárias dos diversos países, da traição em relação ao povo do Vietname e da sabotagem da sua guerra de libertação

contra o imperialismo americano, da colaboração com os Estados Unidos para a criação das forças armadas da ONU, da cooperação para o monopólio das armas termo-nucleares, etc. Por todo o lado em que existem conflitos e situações tensas, seja no Vietname ou na Checoslováquia, no Médio Oriente ou nas margens do Oussuri, no Mediterrâneo ou no mar do Japão, as garras da aliança soviético-americana são omnipresentes, e em nome desta aliança estas duas potências imperialistas estão prontas a pisar e a sacrificar a liberdade e a independência dos povos, a sua honra e a sua dignidade nacional.

A aliança soviético-americana actualmente é dirigida principalmente contra a República Popular da China, que é o maior país socialista revolucionário, dotado de um colossal potencial económico, político e militar, um grande apoio para todos os movimentos revolucionários e de libertação dos povos do mundo, e cuja influência na evolução dos acontecimentos internacionais não pode ser ignorada pelas duas «super-potências», os Estados Unidos e a União Soviética.

Hoje, cada vez aparecem mais claros os desígnios do social-imperialismo soviético e do imperialismo americano no sentido de criar uma aliança política e militar contra a República Popular da China. É este objectivo que servem em primeiro lugar os acordos concluídos para assegurar a superioridade em matéria de armas modernas e o monopólio destas armas, os planos visando a pretensa «segurança colectiva na Europa»; os esforços desenvolvidos para armar e lançar contra a China todas as cliques reaccionárias dos países vizinhos; a repartição de numerosas forças armadas destas duas potências nas fronteiras da China e as contínuas provocações militares contra ela. Na reunião revisionista que decorre em Moscovo, no mês de Junho do actual ano, os dirigentes soviéticos avançaram os seus planos anti-Chineses ao ponto de propor a criação de

um «sistema de segurança colectiva na Ásia» no seio do qual se poderiam juntar numa aliança militar e política contra a China Popular todas as forças reaccionárias da Ásia, todos os fantoches e lacaios do imperialismo nesta parte do mundo, desde a Índia e o Japão até à Coreia do Sul, à Malásia, à Tailândia, à Birmânia, à Indonésia e às Filipinas, etc.

Tais são as orientações essenciais da aliança soviético-americana e os interesses comuns que tem por fundamento.

Contudo, o social-imperialismo soviético e o imperialismo americano não têm só interesses comuns. Existe também entre eles e na sua aliança, como em qualquer aliança ou coligação concluída entre imperialistas, contradições. Estas contradições são da mesma natureza daquelas que dividem os países capitalistas, imperialistas. Cada uma destas duas potências mundiais tenta ultrapassar o seu parceiro, para reforçar as suas posições, para estender a sua esfera de influência à custa da outra, para retirar os aliados e os agrupamentos da órbita daquele, para os englobar na sua, etc.

É difícil prever as proporções que esta aliança atingirá, a maneira como se desenvolverá no futuro. Uma coisa é clara e certa, é que sofrerá a mesma sorte que sofreram todas as alianças contra-revolucionárias e imperialistas.

O camarada Mao Tsé-tung disse: «o revisionismo soviético e o imperialismo americano cometeram tantos danos e infâmias no seu conluio, que os povos revolucionários do mundo inteiro não os deixarão impunes. Os povos do mundo levantam-se». Não há dúvidas nenhumas que o ódio sempre crescente do proletariado mundial e dos povos oprimidos contra o imperialismo americano e o revisionismo soviético explodirá numa tempestade revolucionária de uma amplitude jamais vista. E então «o imperialismo americano e o revisionismo soviético terão as horas contadas, quer a

guerra provoque a revolução, ou a revolução conjure a guerra».

Mas enquanto esta aliança existir e actuar como uma grande força para abafar por todo o lado a revolução e o socialismo, a tarefa histórica dos povos do mundo inteiro consiste em redobrar de vigilância e intensificar a sua luta para desmascarar e esmagar esta aliança contra-revolucionária, os seus objectivos e os seus planos, que visam a opressão e a subjugação dos povos. Sem uma luta resoluta contra o imperialismo americano e o social-imperialismo soviético — os maiores e mais ferozes inimigos dos povos do mundo inteiro, estes dois polícias internacionais — não podemos nem conquistar nem defender a sua liberdade e a sua independência, a paz e o socialismo.

DESMASCARAR A DEMAGOGIA «ANTI-IMPERIALISTA» DOS REVISIONISTAS E OS SLOGANS DA «UNIDADE DE ACÇÃO» NA LUTA CONTRA O IMPERIALISMO

A demagogia sempre foi uma das armas favoritas dos antigos e novos revisionistas na sua luta contra o marxismo-leninismo para encobrir a sua traição à causa do proletariado, à revolução e ao socialismo.

Os revisionistas chamam-se revisionistas precisamente porque desenvolvem a sua actividade anti-marxista, contra-revolucionária vestindo roupagem marxista e camuflando-se por detrás de frases revolucionárias, socialistas. Nas actuais condições, em que o revisionismo atravessa uma profunda crise, torna-se-lhes mais necessário que nunca recorrer o mais largamente possível à demagogia. Assim, para dissimular o seu social-imperialismo e a aliança soviético-americana, para enganar os povos e reprimir a revolução, os revisionistas

krutchevistas fazem actualmente muito barulho à volta do seu «anti-imperialismo», e propõem como uma necessidade imperiosa a «unidade de acção» na luta contra o imperialismo. Esta demagogia anti-imperialista foi igualmente propagandeada vibrantemente no decurso da farsa revisionista de Moscovo, em Junho último.

Mas os revolucionários e os povos aprenderam a julgar os homens, os dirigentes, os Partidos e os governos, baseados não nas suas palavras e declarações, nem nas resoluções que adoptam, mas sim nas suas tomadas de posição e nos seus actos. E se considerarmos a questão desta maneira, concluimos então que os dirigentes revisionistas soviéticos são em palavras anti-imperialistas e socialistas, e pró-imperialistas, mesmo imperialistas, nos factos, que só são pela unidade de acção contra o imperialismo em palavras, enquanto que, de facto, são pela colaboração e a aliança com ele contra os povos e o socialismo.

Os revisionistas soviéticos não só suprimiram a partir de hoje e já qualquer distinção entre os amigos e os inimigos da revolução e dos povos, mas converteram-se em inimigos aguerridos do socialismo e da liberdade dos povos, aliaram-se a todas as forças da reacção mundial, e seguiram, nas relações com os outros países, uma política de opressão, de agressão, imperialista. O carácter reaccionário e contra-revolucionário do revisionismo krutchevista na arena internacional condensa-se precisamente, como dissemos, na linha de cooperação soviético-americana para a dominação do mundo.

Nestas circunstâncias, que espécie de unidade de acção pode ser encarada na luta contra o imperialismo? Na verdade, as tomadas de posição dos marxistas-leninistas e dos revisionistas modernos sobre todas as questões fundamentais da nossa época são diametralmente opostas. O antagonismo e a luta entre o marxismo-leninismo e o revisionismo são uma mani-

festação do antagonismo e da luta de classes entre o proletariado e a burguesia, entre a via socialista e a via capitalista, entre a via da luta contra o imperialismo pelo triunfo da revolução e do socialismo e a linha de cooperação com o imperialismo, para a repressão da revolução e o esmagamento do socialismo. É por isso que comprometer-se numa unidade de acção com o revisionismo significa passar para o outro lado da barricada, passar para o lado da burguesia, do capitalismo, do imperialismo, pôr-se ao serviço da aliança contra-revolucionária soviético-americana.

Alguns pretendem que não se trata de unidade ideológica na linha geral, mas de unidade de acção sobre questões particulares da política mundial, tais como a do Vietname, da segurança europeia ou asiática, do Médio Oriente ou do desarmamento, etc. e que esta unidade é realizável apesar da existência de desacordos relativos às questões ideológicas e à linha geral. Os partidários desta concepção referem-se muitas vezes a Lenine, que no seu tempo se pronunciou por acções comuns no plano nacional e internacional mesmo com diversas correntes oportunistas.

Pôr o problema desta maneira equivale a colocá-lo de maneira completamente metafísica, sem ter em conta a época que vivemos e as nossas condições concretas, sem fazer a análise concreta do revisionismo actual, cujo chefe de fila, a União Soviética, se converteu ao social-fascismo e ao social-imperialismo, oprime, explora e submete os povos de diversos países e visa assegurar zonas de influência e instaurar a sua dominação sobre o mundo. Nenhuma questão concreta, nenhum problema ou acontecimento particular pode ser considerado separadamente da linha política geral da direcção revisionista soviética. Todas estas tomadas de posição sobre todas as questões, desde as mais pequenas às maiores estão subordinadas à sua política de social-imperialista e à aliança

soviético-americana. Em tais circunstâncias, não se pode pôr a hipótese da «unidade de acção», nem cooperação de qualquer espécie com o revisionismo soviético. Encarar e admitir em tais condições a «unidade de acção» com o revisionismo soviético, significa esquecer a sua essência de classe, adoptar uma atiude oportunista, dar-lhe ajuda num momento em que conhece graves dificuldades suscitadas por factores internos e externos, e quando tem mais do que nunca necessidade de uma tal ajuda. Admitir hoje a «unidade de acção» com os revisionistas significa trair os interesses do socialismo, da revolução proletária mundial, dos povos oprimidos.

Nas actuais condições, as palavras do grande Lenine: «A luta contra o imperialismo, se não se liga estreitamente à luta contra o oportunismo, é uma frase vazia de sentido ou um logro», tem uma importância excepcional. Actualmente não podemos combater o imperialismo americano com sucesso, nem fazer avançar a causa do socialismo, da revolução proletária e da libertação dos povos, sem desmascarar, sem combater e esmagar o revisionismo e a sua demagogia «anti-imperialista». Também os marxistas-leninistas se guiam por este princípio: nenhuma «unidade de acção» com os revisionistas modernos, produto e próximo aliado do imperialismo, mas luta até fim para desmascarar a sua verdadeira face, para pôr a nu toda a baixeza da sua política.

Os marxistas-leninistas não excluem toda e qualquer unidade de acção. São pela unidade de acção com todas as forças sociais que mais ou menos neste ou naquele problema combatem efectivamente contra o imperialismo. Nesta base, podem eventualmente unir e empreender acções comuns com diferentes camadas da burguesia nacional dos países oprimidos, se estas camadas, em maior ou menor grau, se batem contra o imperialismo, o colonialismo e o neo-colonialismo à

frente dos quais se encontra os Estados Unidos. Nesta base, os marxistas-leninistas também tiram partido das contradições que opõem uma parte da burguesia dos países imperialistas aos Estados Unidos, e podem empreender com ela acções comuns, em maior ou menor grau e em relação a determinadas questões, na luta contra o imperialismo americano.

A questão apresenta-se completamente diferente no que se refere aos revisionistas krutchevistas, que há muito tempo renunciaram a todo o tipo de luta contra o imperialismo. Além disso, pela sua política imperialista e por todas as suas atitudes, a direcção revisionista da União Soviética legitima «de facto» a política de agressão dos Estados Unidos contra todos os povos e todas as nações.

Assim se justifica que os marxistas-leninistas rejeitem toda e qualquer unidade de acção com os revisionistas na luta contra o imperialismo e denunciem vigorosamente esta manobra demagógica que tem por objectivo camuflar a sua traição. «A frente anti-imperialista dos povos do mundo inteiro, disse o camarada Enver Hoxha no V Congresso do Partido, deve realizar-se sobre uma sólida base. Deve ser uma frente verdadeiramente anti-imperialista, onde se agrupem todos os que, em maior ou menor grau, lutem efectivamente contra o imperialismo à frente do qual se encontram os Estados Unidos».

A linha que preconiza a unidade de acção com os revisionistas krutchevistas é a linha de conciliação de duas correntes diametralmente opostas. Ora a linha de conciliação, tanto hoje como no passado, é a linha do centrismo, que, embora se esforce por se manter acima dos dois campos, é no fundo um oportunismo e um revisionismo camuflado, fundamenta-se na ideologia do compromisso com o oportunismo, com o revisionismo. Apesar das suas posições iniciais, antes de passar ao centrismo, posições marxistas-leninistas ou

posições revisionistas, os representantes desta corrente acabarão inevitavelmente por escorregar para posições abertamente hostis à causa da revolução e do socialismo. Na actual luta entre o marxismo-leninismo e o revisionismo, enquanto manifestação da luta de classes entre o proletariado e a burguesia, não há nem pode haver via intermédia.

A única via justa é a via da luta resoluta, pronta, contra o revisionismo moderno, que tem a frente a clique soviética, até ao seu completo e definitivo esmagamento. É uma luta de importância histórica mundial, do resultado da qual depende o futuro da revolução mundial, da libertação dos povos, do socialismo. E não se põe em dúvida, neste grande combate, que a vitória será inevitavelmente do socialismo, dos povos, do marxismo-leninismo. A sorte que espera os traidores revisionistas é a que sofreram os seus predecessores. Nenhuma força regressiva pode fazer voltar para trás a roda da história, o futuro pertence ao comunismo.

O P. T. A. — COMBATENTE INFLEXÍVEL CONTRA O REVISIONISMO MODERNO

O Partido do Trabalho da Albânia é um dos partidos que desde o início pôs a nu a traição dos revisionistas modernos e se dispôs a lutar heroicamente contra esta traição. Foi um dos grandes suportes desta luta e deu-lhe uma contribuição de alcance histórico. O comunismo internacional considerou esta luta como uma vibrante prova da fidelidade do Partido do Trabalho da Albânia aos ideais do comunismo, e da sua determinação em os defender.

O nosso Partido empreendeu a luta contra o revisionismo moderno, contra o revisionismo titista e krutchevista, com um grande sentido das responsabilida-

des, determinado pelas altas motivações revolucionárias e não por estreitos interesses nacionais. Não era uma luta isolada e por questões que só digam respeito às relações do nosso país com certos outros Estados, mas uma parte constitutiva da grande luta que se trava entre o marxismo-leninismo e a traição revisionista à escala mundial, uma manifestação da luta entre duas classes, duas linhas e duas vias opostas. Esta luta era um imperativo histórico para defender a causa revolucionária do proletariado mundial e a causa da revolução e do socialismo na Albânia. Nesta luta, mais uma vez se manifestou quer o alto espírito internacionalista do Partido do Trabalho da Albânia quer a fidelidade sem limites ao seu povo.

Apreciando o mais seriamente possível toda a importância da luta contra o revisionismo moderno, este novo e perigosíssimo inimigo dos povos e do socialismo, o nosso Partido conduziu esta luta com coragem e com firmeza raramente vistas, combatendo-o sem hesitações, sem concessões nem compromissos, e aplicando uma hábil táctica revolucionária.

Sobretudo ao princípio, muitas pessoas, fora do nosso país, exprimiram dúvidas e críticas em relação a esta atitude revolucionária consequente do Partido do Trabalho da Albânia, qualificando-a de muito dura e irreflectida. Mas os factos deram razão ao nosso Partido. A prática confirmou todos os juízos e as tomadas de posição do nosso Partido e pôs a nu a verdadeira face dos revisionistas krutchevistas, a sua grande traição, o grande perigo que representam para o futuro da revolução e do socialismo no mundo.

Na luta contra o revisionismo moderno, titista e krutchevista, assim como na luta contra o imperialismo, mais uma vez se manifestaram as grandes qualidades e virtudes do nosso Partido: a fidelidade aos princípios, a coragem revolucionária, a firmeza, a consequência, a clarividência ideológica, o instinto político

de classe, a seriedade e o sentido das responsabilidades, o espírito constantemente dinâmico e combativo, o desprezo e o ódio para com o inimigo, a inquebrantável confiança na vitória do marxismo-leninismo e da revolução socialista. Foram precisamente estas qualidades e estas virtudes, formadas e temperadas no decurso da longa via revolucionária percorrida pelo nosso Partido ao longo de toda a sua existência, que lhe permitiram, embora numericamente pequeno e jovem — graças à hábil direcção e à marca do espírito revolucionário do camarada Enver Hoxha — revelar e combater à nascença o revisionismo titista, depois o revisionismo krutchevista. São estas qualidades e estas virtudes que tornaram o nosso Partido invencível e capaz de empreender e conduzir vitoriosamente uma luta de uma tão grande envergadura, tão difícil e heróica, como aquela que actualmente conduz contra o moderno revisionismo krutchevista.

A experiência do Partido do Trabalho da Albânia na luta de significado histórico mundial que empreende contra o revisionismo moderno constitui um brilhante exemplo que demonstra que mesmo um pequeno Partido de um pequeno país pode enfrentar vitoriosamente qualquer inimigo, por maior que seja, e vencê-lo, se permanecer rigorosamente fiel aos princípios do marxismo-leninismo e os aplicar resolutamente na prática, se exaltar o espírito de combate revolucionário, se se dotar de uma unidade interna de aço e se se basear no apoio ilimitado do seu povo. Com um tal Partido a causa revolucionária de um povo de qualquer país é invencível.

Na sua luta contra o revisionismo krutchevista, o nosso Partido não esteve só. A sua luta fez e continua a fazer parte integrante da luta de todas as forças marxistas-leninistas que se levantaram no mundo contra a traição revisionista. Nesta luta continuada contra a traição dos revisionistas krutchevistas o Partido do

Trabalho da Albânia encontrou-se ao lado do glorioso Partido Comunista Chinês que, conduzido pelo grande marxista-leninista que é o camarada Mao Tsé-tung, conduz uma luta incessante de denúncia do revisionismo moderno. A luta do P.C.C. e de todos os partidos e forças marxistas-leninistas do mundo contra o revisionismo, assim como a sua solidariedade proletária foram um poderoso sustentáculo e uma grande fonte de inspiração para o nosso Partido.

A luta contra o revisionismo moderno foi sempre e continua a ser uma prova e uma verdadeira escola para o nosso Partido. No fogo desta luta renhida, o nosso Partido reforçou-se e temperou-se ainda mais, as suas qualidades e as suas virtudes revolucionárias elevaram-se a um novo grau, a sua autoridade e o seu prestígio cresceram mais do que nunca. Nesta luta, o Partido acumulou uma nova e riquíssima experiência, tirou ensinamentos de grande valor para o futuro. Todos estes factores constituem uma sólida garantia de que o nosso Partido, sob a condução do seu Comité Central, com o camarada Enver Hoxha à cabeça, avançará constantemente na sua via revolucionária consequente e desempenhará, dignamente, como o fez até hoje, a missão histórica que assumiu para com o seu povo e o proletariado mundial.

HEKURAN MARA

SOBRE ALGUMAS QUESTÕES DO DESENVOLVIMENTO DAS FORÇAS PRODUTIVAS E DO APERFEIÇOAMENTO DAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO NO PROCESSO DA EDIFICAÇÃO INTEGRAL DO SOCIALISMO

RELATÓRIO

A Albânia socialista vai completar 25 anos de existência. Este último quarto de século é caracterizado por processos de transformação e desenvolvimento ininterruptos de uma tal amplitude que o povo albanês jamais tinha conhecido.

O dinamismo e a força criadora da nossa revolução socialista transformaram o aspecto de toda a herança deixada a este país antigo. Os homens, a sociedade, a terra, foram regenerados sobre novos fundamentos. O aspecto da antiga Albânia pertence a partir de agora à história passada.

A revolução para a edificação completa da sociedade socialista prossegue com forças decuplicadas. Segue o seu caminho com uma continuidade inabalável, sob a direcção do Partido, uma direcção que deu sempre provas da sua capacidade marxista-leninista e da sua fidelidade ilimitada ao socialismo e aos interesses vitais do povo e que esteve sempre na primeira linha da luta contra os inimigos de classe internos e externos.

UM SALTO DA AMPLITUDE DE UMA ÉPOCA HISTÓRICA

É um facto histórico que a Albânia socialista acabou desde há muito tempo com o seu secular atraso económico. Do ponto de vista do rendimento nacional por habitante, está hoje entre os países mediamente desenvolvidos. O extraordinário valor de um tal salto torna-se ainda mais significativo se tomarmos em conta o facto de que há 25 anos o nosso país se encontrava ainda entre duas épocas históricas, entre a época da queda do feudalismo e o desenvolvimento do capitalismo.

Antes da implantação do Poder Popular, o rendimento nacional estava praticamente estagnado. No geral, a economia nacional baseava-se numa agricultura primitiva, unilateral e de tipo extensivo, que dificilmente podia pôr de parte um quarto da sua produção para escoar no mercado. Não existia absolutamente nenhuma indústria propriamente dita. O comércio externo tinha igualmente todas as características de um país semi-colonial, explorado e pilhado pelas potências imperialistas. As posições-chave da economia estavam nas mãos do capital estrangeiro.

A ocupação do país e a luta contra os ocupantes arruinaram completamente a economia nacional. O balanço das destruições era impressionante : 28 000 pessoas mortas, dezenas de milhares sem tecto, enquanto que o total dos prejuízos materiais era dez vezes superior ao rendimento nacional de antes da Libertação.

Tendo em conta as condições citadas compreendemos os importantes e inumeráveis problemas económicos e sociais, complexos e difíceis, que o Partido e o Estado deveriam resolver, de quanta coragem e seriedade precisaram na luta para atingir o ponto alto que a Albânia socialista hoje atingiu.

Na via percorrida para a edificação socialista, o primeiro objectivo histórico foi desde agora atingido. A criação da base económica do socialismo foi vitoriosamente concluída. As relações socialistas de produção foram completamente estabelecidas tanto nas cidades como nos campos. Sobre esta base foi aberta a via do desenvolvimento livre e rápido das forças produtivas. A estrutura das classes na sociedade mudou radicalmente. Toda a superestrutura se transformou e a nova etapa da edificação completa do socialismo começou.

Ao longo de todo o período da edificação socialista, o desenvolvimento das forças produtivas baseou-se na correcta linha marxista-leninista de industrialização e electrificação do país, de criação de uma economia diversificada, apoiando-se em primeiro lugar na indústria e na agricultura. A constante observação do princípio revolucionário do apoio nas suas próprias forças permitiu orientar a repartição do rendimento nacional para os investimentos produtivos, permitiu estender e pôr ao serviço de um desenvolvimento económico-social acelerado todos os recursos materiais e financeiros internos, assim como o talento e o inesgotável pensamento criador dos trabalhadores.

A aplicação prática desta linha permitiu que a Albânia passasse de país atrasado e essencialmente agrícola a um país agrícola-industrial avançado. Toda uma cadeia de novos ramos da indústria pesada e ligeira foram criados. A indústria que actualmente emprega cento e vinte mil pessoas, cria 39 % do rendimento nacional. A produção industrial representa metade do volume global da produção da indústria e da agricultura. A produção dos meios de produção elevou-se a 54 % da produção industrial.

A nossa nova indústria socialista apoia-se quase inteiramente nas matérias-primas do país e tem como objectivo satisfazer as necessidades postas pelo actual

e futuro desenvolvimento da economia nacional. Dotada de uma técnica nova, moderna, está actualmente em condições de desempenhar o papel dirigente em relação aos outros ramos da economia, sendo por conseguinte um poderoso apoio para o seu ulterior desenvolvimento e nomeadamente para o da agricultura.

Para a Albânia, enquanto país agrário, a transformação económico-social do campo era uma questão particularmente importante da edificação socialista. A criação do sistema cooperativo e as medidas multilaterais tomadas com o objectivo de reforçar a base material da agricultura deram os resultados desejados. Foi criada uma agricultura diversificada. A superfície das terras aráveis duplicou, assim como o rendimento do trigo. Cerca de metade de toda a superfície dos campos é irrigada. O grande crescimento da força mecânica (tractores, ceifeiras-debulhadoras, automotoras, debulhadoras, semeadoras, etc.) serviu para aumentar a produção, para facilitar o trabalho do homem na agricultura, para substituir parte da mão-de-obra que deixou os campos e assegurar o crescimento das superfícies aráveis.

Em 1968, o volume da produção agrícola global era 2,8 vezes mais elevada do que em 1938. A agricultura abastece actualmente uma população urbana 2,6 vezes mais numerosa e tendo um poder de compra notavelmente mais elevado do que antes da libertação, enquanto que a população camponesa cresceu de 40 %.

O LIMITE DA EXTENSÃO DO PERÍODO DE TRANSIÇÃO E O SEU CONTEÚDO

Desde a vitória da revolução de Outubro até hoje predominou o ponto de vista segundo o qual se entendia o período de transição como a passagem do

capitalismo ao socialismo. Segundo este ponto de vista, este período era apresentado em geral como relativamente curto e acabava com a construção da base económica do socialismo

A experiência revolucionária demonstrou-nos que a noção de período de transição deve ser empregue em dois sentidos: num sentido estrito que compreende a passagem do capitalismo ao socialismo e num sentido lato compreendendo a passagem do capitalismo ao comunismo. O estreitamento do limite histórico da extensão deste período, o facto de o reduzir unicamente ao período de passagem do capitalismo ao estabelecimento das relações socialistas de produção, pode levar a consequências muito perigosas para a revolução socialista e a edificação do socialismo.

Aceitando apenas a noção estrita de período de transição, os revisionistas modernos esforçam-se por adorná-la com um conteúdo que abre a porta à contra-revolução pacífica, à restauração do capitalismo e que lhes justifica a traição. Afirmam que depois de passagem do capitalismo ao socialismo, a sociedade socialista deve ser considerada como completamente assegurada. Consequentemente, a questão da luta entre a via capitalista e a via socialista de desenvolvimento também é considerada como resolvida uma vez por todas. Neste caso, dizem que, na nova ordem económico-social, já não há luta de classes e que já não se podem estabelecer as bases político-ideológicas e económico-sociais para a restauração do capitalismo. Face a estas teses dos revisionistas e tendo em conta a experiência do aprofundamento da nossa revolução socialista, surgiu a necessidade de voltar de novo a estas questões relativas ao limite da extensão e ao conteúdo do período de transição. Para definir correctamente o limite da extensão e o conteúdo do período de transição, é necessário partir da conhecida formulação de Marx relativa a este período e apoiar-se nela.

Ele disse que entre «a sociedade capitalista e a sociedade comunista se estende um período de transformação revolucionária da primeira na segunda. É a este período que corresponde igualmente o período político de transição....».

Segundo esta formulação, o período de transição, na sua acepção lata, compreende todo o período histórico da passagem do capitalismo ao comunismo. Começa pelo aparecimento da ditadura do proletariado e estende-se até à edificação do comunismo, até à eliminação das classes e de todas as discriminações de classe na sociedade sem classes. Ao longo deste período, o nascimento do socialismo (a criação da base económica do socialismo), a edificação da sociedade socialista é assegurado e chegamos à edificação do comunismo.

A edificação completa do socialismo é um processo que garante o desenvolvimento da sociedade socialista na via do comunismo. As orientações mais importantes deste processo são: o incessante crescimento das forças produtivas, o aperfeiçoamento revolucionário das relações de produção e de toda a superestrutura, o aprofundamento da revolução socialista no domínio da ideologia e da cultura. Todo este processo é acompanhado por uma luta de classes acesa e resoluta entre a via capitalista e a via socialista de desenvolvimento. Esta luta tem como objectivo garantir o desenvolvimento do socialismo no sentido do comunismo.

Como sabemos, a edificação integral da sociedade socialista no nosso país está em curso. Apesar disso, as forças produtivas encontram-se ainda num estado de desenvolvimento relativamente baixo. Por outro lado, o grau de maturidade socialista das relações económico-sociais e a intensidade das antigas «taras» que revelam, são um sinal do estado das forças produtivas. No domínio da concepção do mundo, da consciência

e da moral das pessoas, muitas «taras» antigas ainda vivem e exercem a sua acção. A luta de classes, a luta entre a via capitalista e a via socialista de desenvolvimento prossegue ininterruptamente em todos os domínios da actividade social. Assim, a edificação completa da sociedade socialista far-se-á durante um longo período. Exigirá a solução de uma série de complexos problemas de carácter ideológico, político, económico, social, cultural, técnico, organizativo e de problemas de ensino, de direcção e de administração, tanto em relação à base como à superestrutura

A solução destes problemas está estreitamente ligada ao desenvolvimento das forças produtivas. Dado que no nosso país as relações socialistas de produção foram estabelecidas em condições de um atraso relativo das forças produtivas, para a edificação integral do socialismo é igualmente necessário levar até ao fim a criação da correspondente base material e técnica. A criação desta base compreende a realização prioritária das tarefas respeitantes à industrialização e à electrificação do país, ao desenvolvimento definitivo da agricultura, pela via da intensificação, na base do aprofundamento da revolução técnico-científica.

A CRIAÇÃO DA BASE MATERIAL E TÉCNICA DO SOCIALISMO NA INDÚSTRIA

Como acima realçámos, o nosso país já percorreu a primeira etapa da industrialização. Os sucessos obtidos constituem uma poderosa base material que permite orientar-nos, no futuro, para uma dupla solução:

1.° — Transformar a Albânia de país agrícola-industrial num país industrial-agrícola, depois industrial, dotado de uma agricultura desenvolvida e avançada;

2.° — Chegar a um tal ponto que, paralelamente ao crescimento em extensão das capacidades produtivas, a principal atenção seja centrada na intensificação da indústria, na base da técnica e dos processos tecnológicos modernos.

A via a percorrer para atingir este objectivo é longa e difícil. A principal tarefa do desenvolvimento industrial a cumprir no futuro é **o alargamento e o aperfeiçoamento da estrutura da produção industrial com o objectivo de criar uma indústria ramificada, apoiando-se principalmente na grande produção mecânica, numa técnica avançada e com uma base interna estável de matérias-primas.** Só uma tal indústria cria a possibilidade de atingir os objectivos a curto e a longo prazo da industrialização: a exploração por etapas, de maneira racional e com um maior resultado económico, das diferentes riquezas naturais, a satisfação efectiva das maiores e mais urgentes necessidades da economia popular, a elevação sistemática do bem-estar do povo e o crescimento do poder defensivo do país.

Seguindo esta orientação geral, é necessário desenvolver ulteriormente tanto a indústria pesada como a indústria ligeira, tanto a indústria extractiva como a transformadora. A concepção que combina o desenvolvimento simultâneo da indústria pesada e da ligeira, da extractiva e da transformadora, foi perfeitamente confirmada pela própria experiência da nossa industrialização socialista. A passagem a esta via apoia-se em factores objectivos e está-lhes subordinada. Citemos alguns:

1) A Albânia socialista nasceu e vive nas condições de um cerco geográfico e estratégico hostil. O nosso povo está convencido, pela sua própria experiência, que da independência política não resulta infalivelmente, sempre e por ela mesma, a independência

económica; que sem a segunda, a primeira é uma independência precária, instável e não garantida, ou, o que é pior, que se pode tratar de uma independência aparente. Ora a independência económica não pode ser assegurada e reforçada sem uma indústria pesada desenvolvida. Além do mais, para evitar mal-entendidos, ponhamos em evidência desde o princípio, que assegurar a reforçar a independência económica não quer dizer, de maneira nenhuma, orientar-se para o ostracismo ou para o isolamento voluntário.

Em primeiro lugar, os revisionistas jugoslavos e depois krutchevistas fizeram o melhor que puderam com todas as suas forças, para desviar o Partido do Trabalho da Albânia da justa via da criação e do desenvolvimento da indústria nacional, nomeadamente da indústria pesada. Se o Partido e o povo Albanês tivessem caído na armadilha estendida pelas cliques de Tito e de Krutchev, a Albânia teria embarcado numa nova dependência económica e a sua independência política teria desaparecido. Seria terrível para o futuro do povo e do socialismo na Albânia.

2) A edificação integral do socialismo exige impreterivelmente a elevação do papel dirigente da classe operária em toda a vida da sociedade. O cumprimento desta tarefa de uma importância decisiva para a ditadura do proletariado, está estreitamente ligada ao crescimento qualitativo da classe operária, à elevação do seu nível ideológico, político, cultural e técnico-profissional. É lógico que um possante desenvolvimento das indústrias pesada e ligeira é o factor material fundamental para o crescimento dos destacamentos mais avançados no seio da classe operária.

3) Sabemos que o desenvolvimento da indústria, nomeadamente da indústria pesada, necessita de grandes reservas minerais. O actual volume das reservas industriais, que é conhecido para os minerais extraídos assim como as suas provisões geológicas, indica que

a extracção crescerá sem dúvida no futuro. Apesar da reduzida superfície do nosso país, com o tempo será possível descobrir outros minerais úteis. No que respeita às fontes de combustíveis e hidro-energéticas, elas são, segundo certos cálculos preliminares, suficientes para fazer face às necessidades do desenvolvimento da economia popular durante um longo período.

4) Dada a taxa de crescimento médio da população nestes últimos 25 anos, ela será no fim dos próximos 25 anos aproximadamente de 3,8 milhões de pessoas. Durante este mesmo período, a população activa atingirá cerca de 2,1 milhões de pessoas. Sem renunciar à tendência irresistível de elevar o rendimento do trabalho social, isto permite assegurar novos postos de trabalho para a nova geração e utilizar totalmente todas as forças do trabalho que se libertarão devido à elevação do nível de mecanização e de automatização do trabalho na economia popular. A solução deste problema está ligada tanto ao desenvolvimento da esfera produtiva como ao da não produtiva. Necessita, particularmente, que seja alargada a frente de valorização das riquezas naturais existentes, que novas riquezas sejam descobertas e que o seu tratamento se intensifique, a fim de que nelas se materialize uma maior quantidade de trabalho complexo.

A proporção entre as riquezas naturais e as fontes de trabalho e energéticas determina o ulterior desenvolvimento da indústria pesada e ligeira de transformação e assegura as condições adequadas para este desenvolvimento. Esta orientação dada pelo Partido é perfeitamente correcta e real. É flexível, tem em conta todas as possibilidades económico-materiais do país, e visa cobrir as necessidades mais importantes e mais urgentes da nossa edificação socialista. Certamente que a aplicação na vida desta orientação se efectuará por etapas. É igualmente verdade que exige uma série

de estudos detalhados e multilaterais, de carácter ideológico, político, económico, social, financeiro e técnico, com base nos quais poderemos abandonar ou verificar qualquer hipótese, poderemos decidir a oportunidade, a prioridade e a possibilidade da criação e do desenvolvimento deste ou daquele ramo da indústria. Além do mais, a prática tem sempre a função de confirmar, e no caso de falhar, corrigir a teoria.

Mas uma coisa é evidente e segura, a saber: **a criação e o desenvolvimento da indústria pesada de transformação**, sem em nenhum caso negligenciar a indústria ligeira e alimentar, **constitui a etapa decisiva da nossa industrialização socialista.** Isto representa também a mais difícil tarefa da edificação completa da base material e técnica do socialismo na indústria. A redução das dificuldades desta etapa está condicionada pelo desenvolvimento da siderurgia e da metalurgia dos metais não-ferrosos, da indústria da energia eléctrica, da indústria química e sobretudo da construção de máquinas, numa palavra, dos ramos que devem dirigir todo o desenvolvimento industrial do país.

Para os próximos anos põe-se justamente uma importante questão: quando é que o processo da criação da base material e técnica do socialismo na indústria terá terminado? Como a noção «base material e técnica» não comporta medida ou índice universal único, com valor absoluto no tempo e no espaço, a resposta a esta questão só pode ser por conseguinte aproximada e relativa. Pensamos que o processo de criação da base material e técnica poderá ser considerado como acabado, **quando conseguirmos um sistema de múltiplos ramos na indústria, susceptível de assegurar, com as nossas matérias-primas e a nossa mão-de-obra, uma boa parte dos meios de produção necessários ao desenvolvimento mais poderoso da indústria, da agricultura, da construção e dos outros ra-**

mos da economia; quando atingirmos um nível determinado de produção por habitante de certos objectos de uso corrente, e quando assegurarmos as necessidades mais prementes da defesa do país.

De uma tal concepção de base material e técnica não resulta que a nossa indústria deva ser inteiramente auto-reprodutiva. Mesmo depois da edificação completa da base material e técnica, a nossa economia terá certamente necessidade de importar meios de produção e objectos de uso corrente.

O nosso país não tem a possibilidade e de resto não se propõe orientar-se para uma situação em que produza pelas suas próprias forças todos os meios de produção necessários para fazer face às necessidades da reprodução alargada. E por isso, deverá trocar no mercado externo uma parte da acumulação interna, sob a forma de diferentes valores materiais, contra meios de produção e objectos de uso corrente. Contudo, quando a edificação da base material-técnica na indústria estiver acabada, a estrutura das nossas importações e exportações sofrerá grandes modificações qualitativas e quantitativas relativamente à situação actual.

Para definir e calcular as proporções da base material-técnica na indústria, é necessário considerar como critério fundamental inicial a satisfação das necessidades materiais e culturais, individuais e sociais dos trabalhadores, baseando-se nalgumas normas necessárias para assegurar o seu desenvolvimento multilateral e harmonioso, construindo um esquema de consumo de acordo com o sistema socialista. Cálculos preliminares e de carácter muito geral, mostram que, para atingir as normas acima mencionadas, é necessário não só criar uma série de novos ramos na indústria pesada de transformação e na indústria ligeira, mas também aumentar de várias vezes a produção industrial global, em relação ao seu nível actual.

A CRIAÇÃO DA BASE MATERIAL-TÉCNICA PARA UMA AGRICULTURA INTENSIVA

A Albânia socialista avança para a sua transformação em país industrial, o que constitui um imperativo histórico. Mas nem por isso o outro aspecto desta questão deixa de ser correcto, legítimo e natural, o que significa que o nosso país deve também ter a todo o custo uma agricultura desenvolvida. É por isso que para a edificação integral do socialismo é necessário dar uma particular atenção ao desenvolvimento das forças produtivas nos campos.

Actualmente, a maioria da população (cerca de 66 %) habita no campo e trabalha na agricultura. Não há dúvida que no futuro, a população rural diminuirá. Seja como for, esta modificação dependerá de inúmeros factores e será por eles determinada. Estes factores são: o aumento do rendimento do trabalho na agricultura, a substituição da mão-de-obra por máquinas, o povoamento de terras recém-arroteadas, a redução das horas de trabalho na agricultura, o deslocamento do excedente natural da população para as cidades, a criação de novos postos de trabalho nos ramos da produção e dos serviços no campo, etc.

Nestas condições, o bem-estar material e cultural da população dos campos bem como todo o desenvolvimento económico-social dos campos dependem em primeiro lugar e directamente do grau de desenvolvimento da agricultura. Ao mesmo tempo, este desenvolvimento permite principalmente assegurar os géneros alimentares à população urbana e as matérias-primas à indústria ligeira e alimentar. Eis porque o **rápido e harmonioso desenvolvimento de toda a economia nacional exigiu e continua a exigir em absoluto que ela se apoie constante e firmemente nas suas duas pernas: a indústria e a agricultura.**

O camarada Enver Hoxha disse: «(...) devemos ter não só uma indústria desenvolvida, mas também uma agricultura avançada, pois a nossa economia para ser forte e independente, deve apoiar-se nas suas duas pernas: tanto na indústria como na agricultura (...)» (*).

Para que desempenhe da maneira mais eficaz o seu papel como um dos principais ramos da economia popular, a agricultura deve transformar-se completamente numa agricultura intensiva tanto nas planícies como nas zonas das colinas e montanhas. Para realizar este objectivo, o Partido elaborou minuciosamente e a longo prazo um vasto programa. As principais orientações deste programa são três: 1) Crescimento do rendimento das culturas e da produtividade da criação de animais; 2) Extensão da superfície arável, desbravando e valorizando novas terras nas colinas e nas montanhas; 3) Aperfeiçoamento da estrutura da produção agrícola.

Podíamos dizer que a actual estrutura dos ramos da agricultura se adapta perfeitamente às condições agrológicas e climáticas do país. As modificações e efectuar — que devemos orientar e encorajar de maneira consciente, organizada e planificada — na estrutura dos produtos agrícolas e na criação de gado, só devem pois tocar na contribuição dos diversos ramos para a produção agrícola global, bem como a especialização das explorações agrícolas particulares, aumentando no seu seio o número dos ramos auxiliares. Neste sentido, a contribuição da criação de gado deve crescer muito no futuro. Devemos modificar a própria estrutura deste ramo, aumentando o número e melhorando a qualidade dos bovinos para o leite e a carne.

(*) Enver Hoxha, relativo ao V Congresso do Partido do Trabalho da Albânia, Tirana, 1966.

Caso no futuro sejam criadas possibilidades para libertar nas planícies superfícies de terra actualmente ocupadas por cereais panificáveis, então essas terras poderão servir para os outros ramos, nomeadamente a criação de gado, com o objectivo do alargamento das reservas de forragem.

Do que dissemos resulta que a **nossa agricultura, apoiando-se nas suas próprias forças deve assegurar pela própria produção a satisfação de todas as necessidades do povo em pão, leite, carne, gorduras, legumes e frutas.** Esta orientação definida pelo Partido é perfeitamente correcta e real. Não visa de maneira nenhuma que exista na agricultura uma autonomia completa. Por outro lado, a **nossa agricultura deve continuar a satisfazer pela sua própria produção uma parte cada vez mais importante das necessidades em matérias-primas da indústria ligeira e alimentar.** Com este objectivo devemo-nos apoiar inteiramente no crescimento do rendimento das plantas e dos cereais. Consequentemente, a extensão da terra ocupada por estas plantas pode ser considerada perto do limite óptimo. Ultrapassá-la em proporções sensíveis pode ocasionar desequilíbrios e a ruptura da proporcionalidade na agricultura, (aqui, segundo as condições e as possibilidades que serão criadas, podemos fazer excepção à superfície semeada de plantas oleaginosas).

A realização das tarefas fundamentais da agricultura não pode ser assegurada de uma só vez e, portanto, nem sequer devemos desenvolver esforços neste sentido. É impossível fazê-lo nas condições de um desenvolvimento proporcionado de todos os ramos da economia. Neste caso, parece-nos ser preciso agir segundo o princípio do «assalto concentrado».

Segundo este princípio, ao longo de um quinquénio, depois de ter posto de lado os meios financeiros e materiais que podem ser consagrados à agricultura, fixa-se a prioridade a seguir no cumprimento das tare-

fas. Apoiando-nos na política do Partido, podemos dizer que a realização das tarefas fundamentais da agricultura seguirá a ordem abaixo descrita segundo um círculo aberto:

Antes de tudo, lutaremos para atingir e depois reforçar a estabilidade no que respeita ao pão, a assegurar o mercado, aumentando a produção de cereais, de batatas e de legumes. É necessário aceitar como correcta a orientação segundo a qual a realização desta tarefa deve caber sobretudo às terras da planície. Numa grande parte, será realizada graças ao desbravamento de novas terras nas montanhas, escolhendo em primeiro lugar as que são relativamente mais férteis e cujo desbravamento exige menores custos sociais.

Em seguida, lutaremos para resolver o problema do abastecimento do leite, depois das gorduras. Uma vez regulado o problema do leite, será possível aumentar tanto a produção da carne como a de gorduras. No período seguinte, lutaremos para reforçar a estabilidade quanto ao leite e às gorduras e para resolver eficazmente o problema da carne.

Para cumprir as tarefas fundamentais que se lhe põem, a nossa agricultura deve passar a ser intensiva e a superfície cultivada deve crescer. Para este efeito é indispensável completar a criação da correspondente base material-técnica. **A base material-técnica da agricultura deve ser considerada como uma combinação de todos os elementos necessários à exploração da terra, ao crescimento ininterrupto dos rendimentos, à diminuição da dureza do trabalho do homem. Para cada um destes elementos é necessário assegurar o emprego de uma quantidade definida de meios materiais-técnicos, que correspondam às condições climáticas e agrológicas do país bem como à estrutura dos ramos da agricultura.** Desta concepção da base material-técnica decorrem igualmente as principais orientações do seu desenvolvimento: a mecanização, a electrificação, a utilização de adubos químicos, a drenagem e a irrigação, a selecção de sementes, etc.

Para intensificar a agricultra é necessário em primeiro lugar um aumento do número de máquinas. O objectivo disto será passar da actual mecanização unilateral ou insuficiente dos diversos processos de produção para uma mais complexa mecanização, não só nem principalmente nas zonas de planície, mas também nas colinas e nas montanhas (na medida em que as condições do solo o permitam), não só nem principalmente nas culturas dos campos mas também na criação de gado, nos outros ramos e nomeadamente nos transportes internos. Para a realização deste objectivo, será necessário, em relação à actual situação, aumentar o número de tractores de várias vezes e modificar a estrutura do parque em benefício do tractor universal, enquanto que o número dos acessórios mecânicos necessários para mecanizar os diferentes processos de trabalho deve crescer várias vezes.

A quantidade de energia eléctrica que hoje é utilizada na agricultura é ínfima. A intensificação dos processos de trabalho na agricultura exige que futuramente a utilização da energia eléctrica cresça proporcionalmente a essa intensificação.

A utilização de adubos químicos subiu sensivelmente ao longo dos últimos anos. Actualmente, empregamos em média 79 Kg de matérias activas para cada hectare de cultura. É já uma boa medida, mas ainda não suficiente. Para fornecer à terra quantidades de substâncias minerais iguais ou mesmo superiores às extraídas em cada ciclo de produção, é necessário que a actual medida de emprego de adubos químicos por hectare atinja pelo menos cerca de 200 Kg, aumentando naturalmente também o emprego dos adubos orgânicos.

Nas zonas de planície, os sistemas de drenagem e de irrigação estão quase todos em vias de acabamento. É por esta razão que, a partir de hoje, os maiores esforços para o cultivo das terras e para as obras de irrigação serão centrados nas zonas de colinas e de montanhas, que constituem metade das terras aráveis. Quanto mais depressa atingirmos um aumento geral do nível de produção agrícola nessas zonas, mais rapidamente a nossa agricultura se transforma, inteira e completamente, numa agricultura intensiva.

Depois de termos definido alguns dos problemas fundamentais do desenvolvimento das forças produtivas na indústria e na agricultura, tentemos definir como imaginamos a edificação completa da base material-técnica do socialismo no nosso país. Na nossa opinião, edificar a base material-técnica completa do socialismo significa: **atingir um alto nível de electrificação e industrialização com base numa indústria ramificada e avançada, que esteja em condições de produzir a maior parte dos meios de produção necessários ao desenvolvimento alargado da economia nacional; criar uma agricultura intensiva e avançada; conseguir que a indústria, a agricultura e os outros ramos satisfaçam da melhor maneira o máximo das necessidades materiais e culturais do povo, assegurem o desenvolvimento da economia de maneira independente através da acumulação interna e satisfaçam as necessidades fundamentais da defesa do país.**

O APERFEIÇOAMENTO DAS RELAÇÕES ECONÓMICO-SOCIAIS PELA VIA REVOLUCIONÁRIA

Até agora tratámos sucintamente alguns dos principais problemas do desenvolvimento das forças produtivas. Contudo, o seu desenvolvimento não é um

simples crescimento quantitativo ou um processo unicamente técnico-produtivo e também não visa um estreito objectivo económico-político, ideológico, económico-social que engloba todos os aspectos da vida da sociedade.

As forças produtivas nunca podem ser consideradas nem desenvolvidas desligadas da sua forma social, das relações de produção. Embora o seu desenvolvimento seja uma necessidade vital para a edificação completa do socialismo, as forças produtivas não são tudo para esta edificação, como o pretendem os revisionistas. Por esta razão, a edificação do socialismo não se pode limitar ao desenvolvimento das forças produtivas. Exige que o carácter socialista de todo o sistema das relações económico-sociais se desenvolva e se aperfeiçoe continuamente na justa via revolucionária, despojando-se gradualmente das suas antigas «taras».

Para que o carácter socialista das relações económico-sociais se reforce e nunca degenere em relações capitalistas, como aconteceu nos países em que os revisionistas estão no poder, revestem uma particular importância a revolucionarização da consciência dos trabalhadores, o aprofundamento da revolução no domínio da ideologia e da cultura, a revolucionarização de toda a superestrutura. No entanto, importa precisar que a consciência socialista dos trabalhadores e a sua revolucionarização não solucionam mecanicamente o problema do aperfeiçoamento das relações de produção. É que as relações económicas têm as suas leis objectivas de desenvolvimento, que são leis do processo económico que agem e se aplicam com um rigor de ferro. É por isso que para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das relações económicas é necessário ter sempre em conta as suas leis objectivas. Importa antes de mais que o desenvolvimento e o aperfeiçoamento das relações económicas se efectue sempre conduzindo quer a um maior desenvolvimento

das forças produtivas quer ao reforço e à revolucionarização da consciência socialista dos trabalhadores, à afirmação cada vez maior das virtudes e características do homem novo, à moral comunista. Adoptando este ponto de vista, tentemos examinar alguns dos principais problemas relativos ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento dos aspectos particulares das relações económico-sociais.

O aperfeiçoamento das relações no domínio da organização e da direcção do trabalho social e da produção. No conjunto das relações económicas, as relações entre os trabalhadores e a sociedade no seu conjunto, concretizadas nas formas de organização e de direcção do trabalho social e da produção, revestem uma particular importância.

Sabemos que a direcção da nossa economia socialista é planificada e centralizada. No seu estado actual, pode ser muito sumariamente definida como um sistema em que os laços entre os trabalhadores que realizam a produção, a distribuição e a troca do produto social, são regulados de uma maneira consciente, organizada e planificada por um órgão central de direcção, em vez de serem espontaneamente regulados pelo mercado, a concorrência e o lucro, como é o caso na economia capitalista e nos países em que os revisionistas detêm o poder.

Este sistema já deu as suas provas durante um longo período, ajudando o rápido crescimento da nossa economia e a aplicação das leis económicas socialistas em benefício da sociedade. Permitiu igualmente que as principais proporções no harmonioso desenvolvimento da economia em geral fossem correctamente fixadas, que atingissem o ponto óptimo e que um efectivo controle fosse assegurado na sua aplicação, que fossem rectificadas sempre que as necessidades de carácter ideológico, político, económico-social o impunham. Finalmente, com base neste sistema foram

alargadas e aperfeiçoadas as formas de participação e de controle dos trabalhadores na direcção e na gestão da economia.

Mas a vida continua, com uma força e um dinamismo inauditos, e isso aponta para a transformação e o enriquecimento das formas organizativas de direcção e de planificação da economia. Existem orientações que permitem aperfeiçoar o actual sistema de planificação e de direcção da economia sem tocar nos princípios fundamentais, antes reforçando-os. São entre outros:

No nosso sistema de planificação, a determinação do volume possível da produção pelas capacidades produtivas existentes, faz-se combinando toda uma série de índices e de coeficientes de carácter técnico e económico: as normas de trabalho, do consumo de matérias-primas, da energia, dos combustíveis da escassez dos equipamentos, etc. A exactidão do plano traçado é função da correcta determinação destes índices e normas. Assim, para reforçar o carácter científico do plano de trabalho e de produção é absolutamente necessário aprofundar o estudo, a argumentação e o aperfeiçoamento contínuo das normas em bases científicas, estimulando cada vez mais o pensamento criador e a participação directa dos trabalhadores.

Ao mesmo tempo, é necessário desenvolver esforços com o objectivo de elevar o nível da argumentação das tarefas do plano, estendendo nomeadamente o emprego do método do equilíbrio, para que num futuro próximo possamos instituir o equilíbrio como um sistema fechado das relações entre os vários ramos. A realização deste equilíbrio na nossa economia diversificada torna-se cada vez mais imperativo, principalmente agora que ela avança cada vez mais para um desenvolvimento intensivo e os múltiplos cruzamentos macro-económicos aumentam e complicam-se, em extensão e em profundidade.

A definição directa das tarefas no domínio da produção, da distribuição e da circulação, indicadas às empresas com índices obrigatórios, é um meio fundamental para assegurar a progressão do produto social no processo de reprodução inscrito no plano, e para harmonizar a actividade das empresas com as reais necessidades da sociedade. Nestas condições, tanto o direito dos trabalhadores à gestão da produção como a sua responsabilidade e a apreciação do seu trabalho, devem estar cada vez mais ligados à realização de todos os índices que reflectem o crescimento da produção — a elevação do rendimento do trabalho, o alargamento das variedades de produtos e o aperfeiçoamento da sua qualidade — e não se limitarem unicamente a um índice, como por exemplo o «volume global» cuja exactidão e valor económico-social deixam muito a desejar. É por isso que chegamos ao momento em que a apreciação das actividades das empresas, baseada principalmente no índice do volume global, dará lugar a uma apreciação mais completa e mais eficaz. Estamos conscientes de que encontrar novos índices para uma tal apreciação não é um trabalho fácil. Mas é precisamente por este motivo que é necessário redobrar de esforços.

Na realização do plano acontece por vezes que alguma empresa tenta apresentar um plano inferior às suas verdadeiras possibilidades, realizável sem grandes embaraços, ou apresenta ainda exigências exorbitantes, superiores às suas necessidades reais. Esta tendência para colocar o interesse da empresa acima do interesse geral pode converter-se numa contradição entre as receitas disponíveis e as necessidades da sociedade. À primeira vista, a solução deste problema parece relativamente simples e fácil : ou aumentamos o que ela deve produzir, ou reduzimos as exigências exorbitantes. Isto é efectivamente uma solução, mas é uma solução temporária, pelo que é necessário

procurar uma mais eficaz, que aja como contrapeso à tendência de colocar o interesse das empresas acima do interesse geral e que garanta a harmonia no ponto óptimo, nas condições dadas, entre as possibilidades da produção social e a satisfação das necessidades da sociedade. Como as necessidades da sociedade e a sua satisfação possível devem ser um ponto de partida e um objectivo na realização do plano, é necessário ligá-las melhor, através de índices económicos obrigatórios fixados às empresas, e utilizando as diversas alavancas económicas.

Finalmente, importa que nos debrucemos sobre uma outra questão. Trata-se dos ritmos e das proporções entre os grupos «A» e «B» da produção industrial. Para a solução desta questão, a nossa literatura e a nossa prática económica precisa muitas vezes e com razão que é particularmente importante ter em conta a lei da prioridade da produção dos meios de produção. Daqui se conclui correctamente que, na planificação, é necessário dar prioridade à produção dos meios de produção quer no que respeita aos ritmos quer na sua parte da produção industrial global. A propósito deste problema surgem duas questões :

1.ª — A prioridade dos meios de produção deve ter uma primazia em geral, qualquer que seja, ou deve antes ter uma primazia determinada? Sabemos que esta primazia deve ser uma dada primazia, bem determinada e susceptível de ser subordinada a um objectivo definido, precisamente à satisfação sempre melhor e máxima das necessidades da edificação socialista e à criação de uma estrutura da produção social mais eficaz. E, na realidade, em condições iguais, a prioridade pode ser concedida desenvolvendo mais rapidamente quer os ramos menos progressivos quer nos ramos mais progressivos que produzem meios de produção. Tanto num caso como no outro é pos-

sível dar prioridade ao crescimento da produção dos meios de produção. Mas o seu significado e a sua importância são diferentes do ponto de vista da criação de uma estrutura óptima para a produção social, da oportunidade económica e da quantidade do trabalho a dispender. É uma verdade conhecida e irrefutável que o mesmo fenómeno pode comportar tendências completamente diferentes. A nossa função é descobrir a tendência mais progressiva e, a partir dela, fixar ritmos e proporções da produção dos meios de produção.

2.ª — A lei da prioridade da produção dos meios de produção não pode ser desligada do consumo individual. Algumas vezes, só consideramos como reflexo da acção desta lei o simples crescimento aritmético da contribuição da produção dos meios de produção para a produção industrial global, ou ainda o crescimento mais rápido do grupo «A» comparativamente ao grupo «B», e não consideramos como seu reflexo a prioridade do volume dos investimentos fixados para os meios de produção em relação aos bens de consumo. Esta maneira incorrecta de colocar a questão dá origem a uma apreciação e interpretação unilateral do facto de os bens de consumo crescerem mais depressa do que os meios de produção, e por isso o consideramos como uma violação ou negação da lei da prioridade.

O socialismo pressupõe o desenvolvimento da primeira e da segunda subdivisão em graus e ritmos que possam satisfazer cada vez melhor as necessidades de uma reprodução alargada para um consumo alargado, com o objectivo do contínuo aperfeiçoamento do bem-estar e do nível cultural dos trabalhadores. É neste sentido e segundo este ponto de vista que é possível encarar e resolver o problema dos ritmos e das proporções dos grupos «A» e «B» na nossa economia socialista.

A organização e a direcção do trabalho e da produção na economia socialista não podem ser compreendidos sem a participação activa dos trabalhadores, sem o reforço do papel dirigente da classe operária, sem o controle operário na direcção centralizada e planificada de economia. Ao mesmo tempo, a prática da direcção centralizada da nossa economia, permitiu elaborar diversas formas de organização, que asseguram uma grande e activa participação dos trabalhadores em todas as questões importantes que se prendem ao processo da produção e da reprodução. Estas formas foram óptimas para o reforço do carácter socialista das relações e da consciência socialista dos trabalhadores na luta contra o centralismo burocrático, na luta contra o economicismo e o tecnocratismo.

Mas, paralelamente aos esforços necessários para animar ulteriormente estas formas existentes que justificaram largamente a sua eficácia, o Partido sempre disse que é ainda necessário encontrar novas formas de participação directa dos trabalhadores na direcção e na gestão da produção social. Para isso, importa aumentar as iniciativas, a actividade autónoma e as competências da base, é necessário aperfeiçoar cada vez mais as relações massas-administração, reforçando o sistema de prestar contas perante os trabalhadores, o sistema de controle e auto-controle pela base.

Ao princípio marxista-leninista de direcção da economia socialista de modo planeado e centralizado, os revisionistas opuseram o pretenso princípio da descentralização e da auto-gestão. Eximem-se em provar que a economia socialista é, também ela, uma economia de produção de mercado. E por isso não pode ser conseguida sem «a liberdade de iniciativa das empresas, sem o lucro e a espontaneidade das forças de marcado», sem estes «insubstituíveis» instrumentos da economia capitalista. É evidente que o fundamento da

questão vai muito mais além. Aqui trata-se de justificar a restauração do sistema capitalista na economia.

SOBRE ALGUMAS QUESTÕES RELATIVAS AO APERFEIÇOAMENTO DAS FORMAS DE DISTRIBUIÇÃO E DE CONSUMO.

É um facto que ao longo de todo o período histórico da edificação socialista, a distribuição do produto social está regulada pelo princípio «a cada um segundo o seu trabalho», e a sociedade mantém o seu controle sobre a quantidade de trabalho e de consumo pessoal dos seus membros.

Todo o esforço para um «nivelamento» primitivo pequeno-burguês seria um desvio para a esquerda, seria a aplicação, do princípio socialista de distribuição de uma maneira puramente formal, inconsistente, sem conteúdo revolucionário, de modo puramente pragmático e em bases capitalistas, como fazem os revisionistas.

A distribuição do produto social, as formas de distribuição e a fixação do volume de consumo pessoal são uma questão complicada e de grande importância não só económica, mas igualmente ideológica, política e social. A distribuição está ligada por mil fios visíveis e invisíveis à vida, ao trabalho, ao bem-estar, à elevação do nível cultural e à formação da consciência de todos os membros da sociedade. Condiciona os ritmos da nossa edificação socialista.

A forma de distribuição e a quantidade de consumo pessoal dependem sempre das condições objectivas, que são: o aprofundamento da revolução, o nível atingido pela produtividade do trabalho e a quantidade do produto-disponível, a manutenção de uma correcta

proporção entre o fundo de acumulação e o de consumo, o reforço da aliança da classe operária e do campesinato, a redução das diferenças entre a cidade e os campos, etc. Como todos estes factores evoluem no tempo, também as formas de distribuição se aperfeiçoam constantemente.

No socialismo, a diferença essencial entre o trabalho qualificado e o trabalho simples, entre o trabalho intelectual e o trabalho manual mantém-se. Esta diferença e os seus resultados para o desenvolvimento material e espiritual da sociedade socialista servem de base objectiva igualmente para a diferenciação da retribuição do trabalho. A nossa experiência de aprofundamento da revolução socialista demonstrou que na diferenciação da retribuição do trabalho, além do factor económico é necessário ter igualmente em conta o factor ideológico e político, nomeadamente o nível médio da maioria dos membros da sociedade. **Dado que à medida que nos aproximamos da edificação completa do socialismo, a diferença entre o trabalho qualificado e o trabalho simples, entre o trabalho intelectual e o trabalho manual diminuem, mais elevada será a consciência socialista dos trabalhadores, é necessário admitir como uma coisa natural, que a diferença na retribuição do trabalho (diferença entre o salário máximo e o salário mínimo) também deverá diminuir.** A via mais justa e eficaz para esta redução seria o aumento dos baixos salários, combinado igualmente com a baixa sistemática dos preços dos objectos de primeira necessidade. Paralelamente, não seria nem supérfluo nem inoportuno um esforço para justificar, no plano político, ideológico e económico-social o limite do salário mínimo.

Mesmo do ponto de vista teórico e na prática, está demonstrado que o factor económico decisivo no aumento dos salários e na baixa dos preços é o crescimento da produtividade do trabalho. Admitamos igual-

mente a priori, que a produtividade do trabalho deve crescer mais do que o salário. Mas qual é a proporção óptima que é necessário manter entre estas duas espécies de crescimento? É um problema a estudar. No entanto, com base nos dados da nossa experiência acumulada desde alguns anos, devemos admitir que esta proporção tem um limite mínimo e um limite máximo, para além dos quais não pode subir ou baixar. Regra geral, o aumento do salário pode ser considerado como justificado sempre que a percentagem do seu aumento seja inferior à percentagem da parte do salário no custo da produção.

Há alguns anos, ainda predominava o ponto de vista segundo o qual o salário à tarefa é a melhor e a mais perfeita forma, de acordo com princípios socialistas de distribuição, conforme a quantidade e a qualidade do trabalho. O aprofundamento da nossa revolução socialista indica que este ponto de vista não pode ter um carácter absoluto.

O sistema do salário à tarefa (individual ou colectivo) é inevitável durante o período da edificação socialista. Graças a esta forma, os trabalhadores podem ligar-se melhor ao trabalho, podemos exercer controle sobre o seu trabalho, conseguir a auto-disciplina, e os trabalhadores estarão materialmente interessados, de maneira individual, nos resultados do trabalho. Mas o salário à tarefa conserva e desenvolve em certa medida o espírito individualista no trabalho, acentuando o interesse material pessoal, dando-lhe primazia sobre o interesse social, ocasionando a preocupação pela quantidade em prejuízo da qualidade. Esta é a maior contradição interna desta forma. No sistema do salário colectivo à tarefa diminui notavelmente esta contradição, mas não a elimina completamente. Assim, a tendência para tornar absoluto e pior ainda elogiar o salário individual à tarefa seria prejudicial e insensata.

Ao contrário, a vida confirma cada vez mais claramente que o salário pelo tempo tem um conteúdo político-ideológico e económico-social mais são. Combina melhor e de maneira mais justa o interesse pessoal com o interesse social, limita o espírito de individualismo em proveito do espírito colectivo, contribui para a formação da concepção de que o trabalho medido, controlado e retribuído deve ser substituído pelo trabalho não medido, não controlado, e não directamente retribuído. Consequentemente, o futuro pertence a esta forma de retribuição do trabalho. Eis porque a sua difusão, onde possa ser atingido o indispensável crescimento da produtividade do trabalho ligada ao indispensável aperfeiçoamento da qualidade da produção, deve ser apoiado como um fenómeno progressista.

Um dos importantes problemas no domínio da distribuição e do consumo é o do estabelecimento de uma produção óptima entre o fundo de consumo com pagamento e o fundo de consumo sem pagamento. Actualmente, a maior parte das necessidades pessoais são satisfeitas através do pagamento, pelos rendimentos pessoais que cada membro da sociedade dispõe. Outra parte das necessidades é coberta sem pagamento, pelos fundos sociais, o que representa um embrião da distribuição comunista.

O emprego gratuito dos fundos sociais de consumo é uma parte orgânica das relações socialistas. Não enfraquece nem limita o princípio socialista da distribuição segundo o trabalho. O crescimento destes fundos em novas direcções, permite elevar através de medidas ideológicas e políticas muito sãs o bem-estar do povo e reforçar o espírito colectivo, com o objectivo de satisfazer as necessidades pessoais que podem ser satisfeitas em bases colectivas. **Apesar disto, enquanto vigorar o princípio da distribuição segundo o trabalho, o fundo de consumo sem pagamento não poderá suprimir o fundo de consumo com**

pagamento, que permanecerá necessário. Para além disso, as proporções do primeiro são condicionadas pelas possibilidades reais criadas pelo próprio desenvolvimento da economia popular.

O desenvolvimento das forças produtivas no campo e o contínuo reforço da consciência socialista dos cooperativistas, permitirão realizar novas formas de retribuição de trabalho nas cooperativas agrícolas. Uma destas formas pode ser a retribuição sob forma de salário garantido.

Para passar ao salário garantido, é necessário considerar como principal condição preliminar a criação, pelas próprias cooperativas agrícolas, do necessário fundo monetário para retribuir, de maneira sistemática, o trabalho dos cooperativistas. Ainda que garantido pela mesma quantidade de trabalho efectuado pelos cooperativistas, o salário será diferente para as cooperativas particulares. Isto resulta do próprio carácter da propriedade de grupo e do poder económico da cooperativa. Como sabemos, esta diferença ainda existe actualmente na grandeza do valor do dia de trabalho. O salário garantido aproximará a retribuição do trabalho nas cooperativas agrícolas da retribuição do trabalho nas empresas do Estado.

No que se refere ao processo de distribuição, as actuais formas de retribuição nas cooperativas agrícolas não permitem que ele se efectue de maneira sistemática (exceptuando a parte entregue sob a forma de crédito), mas que se concentre principalmente nos primeiros meses do ano. Em determinadas circunstâncias, pode ocasionar dificuldades na circulação da moeda e das mercadorias à escala de toda a economia. A distribuição sistemática através do salário garantido ajudará a evitar algumas destas dificuldades.

Nos países em que os revisionistas detêm o poder, o princípio socialista de distribuição segundo o trabalho foi substituído pelo princípio capitalista da apropriação do trabalho dos trabalhadores, da sua exploração pela nova burguesia. Nestes países, produziu-se uma viragem radical no domínio da distribuição. Foi eliminado o princípio do salário igual para trabalho igual. No mercado, o livre jogo dos preços é permitido, o que ocasiona o seu contínuo aumento. A diferença entre o salário do pessoal dirigente e o dos trabalhadores acentuou-se extremamente. A nova burguesia apropria-se da maior parte do lucro. Diminui constantemente o fundo social de consumo destinado ao ensino, à cultura, à saúde, à habitação, às creches e aos jardins infantis, às cantinas, às casas de repouso, etc. A satisfação de todas estas necessidades sociais faz-se cada vez mais em bases comerciais e de lucro, segundo a fórmula «aprender com os países capitalistas». A aplicação do interesse material da via capitalista corrompe a consciência dos trabalhadores.

SOBRE CERTAS QUESTÕES DO DESENVOLVIMENTO DA PROPRIEDADE COOPERATIVA E DA SUA GRADUAL TRANSFORMAÇÃO NUMA PROPRIEDADE DE TODO O POVO.

No quadro do aperfeiçoamento das relações económico-sociais, é altura de prestar uma particular atenção às questões que se relacionam com o desenvolvimento da propriedade cooperativa e com a sua gradual transformação em património de todo o povo.

Em determinadas circunstâncias económico-sociais, a propriedade cooperativa (de grupo) constitui uma absoluta necessidade objectiva. Ao mesmo tempo, está provado que tem um carácter histórico, transitório, e que depois do seu nascimento, do seu desenvolvimento e do seu reforço, deve-se transformar ne-

cessariamente em propriedade de todo o povo. O processo de transformação da propriedade cooperativa em propriedade de todo o povo passa por duas etapas principais: **a primeira etapa consiste no desenvolvimento qualitativo e quantitativo, na sua aproximação gradual da propriedade de todo o povo. A segunda etapa é a da fusão da propriedade cooperativa num todo com a propriedade de todo o povo.** Estas duas etapas representam uma via natural de desenvolvimento da propriedade cooperativa.

Baseando-nos na teoria marxista-leninista, na prática e nos ensinamentos revolucionários do Partido do Trabalho da Albânia sobre a edificação do socialismo no nosso país, concluímos que a aproximação da propriedade cooperativa da propriedade de todo o povo depende de factores materiais e subjectivos, político-ideológicos e económico-sociais. O raio de acção de todos estes factores liga-se directamente ao desenvolvimento das forças produtivas tanto na agricultura e em cada cooperativa, como em toda a economia popular. Além disso, a própria aproximação da propriedade cooperativa da propriedade de todo o povo, assim como a sua transformação nesta, é ditada pela necessidade de adaptação das relações económico-sociais no campo, ao nível de desenvolvimento das forças produtivas. Toda e qualquer transformação qualitativa, por pequena que seja, do património cooperativo e das relações económico-sociais no campo, que esteja desligada do nível de desenvolvimento das forças produtivas, seria indesejável e teria graves consequências no domínio político-económico.

Quanto à transformação da propriedade cooperativa em propriedade de todo o povo, ainda na fase do socialismo, é possível que a propriedade social exista igualmente sob uma forma única (enquanto património de todo o povo) sem ser ainda propriedade comunista do ponto de vista da maturidade económica, ideológica e social. Consequentemente, é possível que se crie uma situação em que a sociedade tome directamente nas suas mãos todos os meios de produção, como um todo, sob a forma única de propriedade socialista.

A aproximação da propriedade cooperativa da propriedade de todo o povo, depois a transformação da primeira na segunda, constitui um processo longo e multilateral. Não se pode realizar de uma vez nem mecanicamente, de acordo com o desenvolvimento das forças produtivas, nem exclusivamente através de medidas administrativas. Pois em primeiro lugar é indispensável que amadureçam as condições económicas, ideológicas e políticas em determinadas cooperativas, em determinadas zonas e à escala de todo o país.

Seria impossível a aproximação imediata de toda a propriedade cooperativa da propriedade de todo o povo ou a sua transformação nesta última. Quando todas as condições económicas, ideológicas e políticas estivessem amadurecidas apenas nalgumas cooperativas particulares, seria mesmo prejudicial não tomar medidas para aproximar o património colectivo do património de todo o povo ou em transformá-lo neste, esperando que essas condições amadurecessem em todas as cooperativas do país. De facto, **o desenvolvimento qualitativo e quantitativo da propriedade cooperativa, que ocorre no nosso país, é igualmente o começo do processo da sua aproximação da propriedade de todo o povo.**

Tentemos analisar quais os principais processos de aproximação da propriedade cooperativa da propriedade de todo o povo que hoje se afectua no nosso país e qual será a sua tendência no futuro.

Não restam dúvidas de que um destes processos é a concentração das cooperativas, a união voluntária das pequenas cooperativas em grandes cooperativas.

Este processo eleva o nível de socialização da propriedade, do trabalho e da produção cooperativista, cria melhores condições para o aprofundamento da concentração, da especialização e da cooperação na produção agrícola, que permitem aperfeiçoar a organização e a retribuição do trabalho segundo o modelo do sector do Estado. Para além disso, a concentração das cooperativas reforça na mentalidade dos cooperativistas a concepção da propriedade comum e prepara gradualmente para elevar o nível da propriedade no futuro. É por isso que o processo de engrandecimento das cooperativas deve ser considerado como tendo um significado e conteúdo ideológico, económico e social profundo.

Em relação a este processo, é necessário prestar atenção à grandeza das cooperativas unificadas, aos seus limites óptimos para que a concentração assegure o máximo de eficiência económica em determinadas condições de carácter territorial, técnico, organizativo, etc. A realização das grandes cooperativas unificadas porá igualmente o problema do aperfeiçoamento mais vigoroso das formas de organização do trabalho e da produção, assim como o método de direcção.

Quando as cooperativas de planície se integram nas de montanha e de colina, favorece-se a gradual redução das diferenças no desenvolvimento social e cultural no campo, entre as zonas de planície e as de montanha e colina, com o objectivo de aproximar os rendimentos e o nível de vida. Escusado será dizer que isto se realiza numa extensão relativamente limitada, pois as cooperativas de planície de um dado distrito não se podem unificar com todas as cooperativas de montanha, tanto por razões económico-financeiras como pelas dificuldades que surgiriam em matéria de organização e de direcção.

Em relação às cooperativas de montanha que não estão incorporadas nas cooperativas de planície, assim como as cooperativas dos distritos das zonas totalmente montanhosas, a redução das desproporções ao nível do desenvolvimento económico e dos rendimentos, será efectuada ajudando prioritariamente, com os meios de toda a sociedade, o desenvolvimento da agricultura destas zonas.

Em última análise, o processo de aproximação da propriedade cooperativa da propriedade de todo o povo, poderia seguir mais ou menos estas etapas :

— Crescimento e reforço ininterruptos do carácter social e do grau de socialização da produção cooperativa, através da união dos diversos elementos do património cooperativo em mais larga escala, através do aumento constante dos fundos indivisos, através da fusão dos meios da cooperativa com os do Estado e através da elevação da concentração, da especialização e da cooperação na produção.

— A redução gradual das diferenças essenciais económico-sociais entre a cidade e o campo, entre o trabalho na indústria e o na agricultura, a fim de que este último se aproxime do primeiro, nomeadamente pelo nível do equipamento técnico.

— A aproximação dos rendimentos e do nível de vida dos trabalhadores dos campos dos rendimentos e do nível de vida dos trabalhadores da cidade.

— A passagem a uma retribuição do trabalho por salário garantido igual ao salário que recebem os trabalhadores das empresas do Estado, instituição de pensões, seguros sociais por incapacidade de trabalho, feriados pagos e outras vantagens gratuitas para os serviços comunais, necessidades de alojamento etc.... em todas as cooperativas que criarem as condições para fazer face, pelos seus próprios meios financeiros, à aplicação de todas estas medidas.

— Elevação contínua do nível de satisfação pela economia comum das necessidades da família cooperativista em produtos agrícolas e criação de gado, sem mexer no fundo de produção mercantil previsto pelo plano de Estado.

Quando todas estas condições estiverem criadas, a propriedade cooperativa está, do ponto de vista económico, próxima da propriedade de todo o povo e só a partir deste momento será possível pôr a questão da transformação da propriedade cooperativa em propriedade de todo o povo.

***

Esta exposição geral e muito sucinta não compreende todos os fenómenos e processos que se relacionam como desenvolvimento das forças produtivas e o aperfeiçoamento das relações económico-sociais na nova etapa histórica da nossa edificação socialista.

Escusado será dizer que igualmente as soluções encaradas para resolver os problemas apresentados não são únicas e definitivas.

A prática indica que o nosso regime socialista, dirigido pelo Partido, com o camarada Enver Hoxha à sua frente, é um sistema social dinâmico, em contínuo desenvolvimento e revolucionarização em linha ascendente, que contém em si novas possibilidades desconhecidas e por isso não empregues. Uma vez conhecidas, estas possibilidades permitirão descobrir novas formas, novas vias e métodos, que farão crescer e enriquecerão as formas e as capacidades de desenvolvimento e de aperfeiçoamento.

ENVER HOXHA

AS MASSAS EDIFICAM O SOCIALISMO E O PARTIDO CONSCIENCIALIZA-AS

Discurso pronunciado na Reunião Plenária do Comité do Partido do distrito de Mati, em 26 de Fevereiro de 1972

Camaradas,

Alguns problemas do Partido, que aqui queria abordar, não vos são desconhecidos. Trata-se de práticas que, embora não se tenham tornado correntes, devem ser criticadas, combatidas e eliminadas. A linha do nosso Partido é justa, marxista-leninista, mas, quando da sua aplicação, não só as pessoas sem responsabilidade, mas mesmo alguns quadros não a compreendem correctamente, como é necessário, e cometem erros na sua materialização e na sua aplicação.

É por isso que devemos trabalhar para evitar tais erros, sejam grandes ou pequenos, corrigi-los, não deixando que se agravem no futuro. Reconhecer os erros que comete e tomar imediatamente as medidas necessárias para os corrigir é uma das melhores características do nosso Partido.

Antes de mais é preciso compreender perfeitamente quem edifica o socialismo. Como nos ensina Lenine isso constitui uma questão de base que deve ser clara para todos no nosso país.

Lenine perguntava: quem edifica o socialismo?

«(...) O socialismo não pode ser instaurado por uma minoria, pelo Partido. Só pode ser a obra de dezenas de milhões de homens, quando estes tiverem

aprendido eles próprios a edificá-lo. O nosso mérito, na nossa opinião, consiste em esforçarmo-nos por ajudar as massas a porem mãos à obra, em vez de aprenderem essas coisas nos livros ou nas conferências» (*).

Quem edifica o socialismo são as grandes massas do povo, conduzidas pelo Partido, cuja missão é consciencializá-las. O nosso Partido caminha nesse sentido? Sim, o nosso Partido caminhou e continua a caminhar nesse sentido. Compreendeu correctamente a Luta de Libertação Nacional, não a realizando sozinho, mas com o povo. Depois da Libertação, quando se colocou o problema da edificação do socialismo, o Partido Comunista Albanês, compreendendo correctamente as teses de Lenine, não se lançou na edificação do socialismo só com os comunistas, mas, pelo contrário, declarou que a nova sociedade seria construída por todo o povo Albanês; nesse sentido mobilizou e guiou as massas na aplicação do seu programa.

Encontramos essa justa linha do Partido em todos os domínios da sua actividade. Se quisermos uma prova disto, basta considerar o trabalho realizado para a aplicação dos nossos planos quinquenais Toda a gente sabe que estes planos foram elaborados e discutidos largamente com as massas, enquanto a direcção do Partido realizava constantemente a síntese da grande actividade dos comunistas e do povo que deitara mãos à obra, ultrapassando as dificuldades, para a edificação do socialismo nas condições concretas do nosso país.

No fim de cada ano ou de cada plano quinquenal, a direcção do Partido e o Partido extraíram as conclusões de toda esta actividade e desta luta, apuraram

---

(*) Lenine, Obras, edição Paris-Moscovo, tomo 27, pág. 135.

quais as melhores experiências, detectaram os erros e as insuficiências, tiraram as lições para elaborar e realizar o próximo plano quinquenal e para fixar os novos passos a dar durante o 5.° plano quinquenal em curso. Sempre que era necessário, a direcção fornecia certas orientações e nunca deixou de o fazer. Estas orientações foram discutidas com as largas massas do povo, e analizaram-se os seus aspectos positivos e negativos. As massas foram educadas e encorajadas no sentido de fazerem propostas, sugestões, de darem a sua opinião sobre o que devia ser feito primeiramente e o que devia ser adiado, sobre se convinha aumentar ou diminuir a produção neste ou naquele sector. Foi com base neste intenso trabalho que milhares e dezenas de milhares de propostas, de sugestões e de discussões foram feitas. Foi neste sentido que se realizaram reuniões de operários, de cooperativas agrícolas, de conselhos populares, de comités executivos, plenários dos comités do Partido e mesmo reuniões especiais do governo e do Comité Central do Partido. Assim aconteceu no passado, foi assim que se elaborou o 5.° plano quinquenal, e será assim que ele se aplicará.

O resultado deste intenso trabalho permitiu chegar a conclusões que contribuíram para formular as teses do VI Congresso do Partido e os projectos de directivas do novo plano quinquenal, aprovados pela Assembleia Popular. Mas a luta pela edificação do socialismo durante o 5.° plano quinquenal não se limita apenas à frente da edificação económica do país. Esta luta combina-se também com o grande trabalho efectuado para o desenvolvimento geral político, social, cultural e educativo, para o reforço da defesa da pátria. Toda esta actividade se desenvolveu com base em princípios leninistas, com a participação activa, militante, das largas massas do povo.

As directivas do VI Congresso do Partido foram elaboradas com a participação dos comunistas e das largas massas sem Partido. Agora, trata-se de aplicar essas directivas de uma maneira revolucionária, com a participação activa do povo, da classe operária, do campesinato, e da intelectualidade popular, pois elas não teriam sentido nem poderiam ser aplicadas sem a sua participação. A luta contra a aplicação destas directivas é simultaneamente um controle da sua correcção na prática. Isto é de uma especial importância. Não nos podemos guiar pelo princípio segundo o qual as directivas do Partido, sendo o fruto de um trabalho geral efectuado com a larga participação das massas do povo, são sempre justas, perfeitas e facilmente realizáveis. Ao esforçarmo-nos por aplicar as directivas do plano quinquenal, enfrentamos múltiplas dificuldades, materiais ou não, porque temos toda a espécie de defeitos, enfrentamos diferentes obstáculos porque existe a luta de classes, existe sempre o novo que avança e o caduco que se esforça por lhe barrar o caminho. É por isso que o que é novo, o que é forte, luta com o que é caduco até que este desapareça. É nesta luta que é preciso encontrar as formas mais adequadas de trabalho para a completa aplicação das directivas. Assim, é preciso não julgarmos que, visto tratar-se de directivas do Partido, tudo o que recomendam deve ser aplicado de olhos fechados, sem esforço, sem luta. Seria um erro crasso julgar que ninguém pode entravar a sua aplicação; pensar assim, seria negar a luta de classes, negar as contradições, as dificuldades, os obstáculos e tudo o que procura impedir o nosso contínuo avanço. Na vida, há e haverá sempre diferentes factores e pessoas, que, voluntariamente ou não, procurarão impedir o nosso avanço. Isso torna indispensável a organização do trabalho para o controle e a aplicação das directivas.

Quando dizemos «controlar a aplicação», também entendemos por isso o controle da correcção dessa directiva. Em geral, as directivas do nosso Partido sempre foram justas, porque a sua linha geral sempre foi e permanece justa. A garantia da correcção da sua linha reside no facto de o Partido se ter forjado no passado e continuar a forjar-se na luta revolucionária, permanecendo sempre fiel ao marxismo-leninismo.

O nosso Partido já conheceu inúmeras vicissitudes, mas adoptou sempre, em todas as ocasiões, uma justa atitude marxista-leninista, combateu de um modo revolucionário, levou sempre de vencida os contra-revolucionários, e trabalhou perseverantemente para ultrapassar todas as dificuldades que se levantaram no seu caminho. O nosso Partido foi, desde o início, um partido revolucionário, composto de revolucionários, e por isso saiu sempre vitorioso. Continua hoje um partido revolucionário e continuará a sê-lo no futuro.

Contudo, durante este período, as directivas, decisões e diversas instruções do Partido e do Estado, eram por vezes insuficientes e defeituosas, incluindo coisas parcialmente incorrectas, não no sentido de que modificassem a linha do Partido, mas sim no de impedirem a justa solução deste ou daquele problema. Nestes casos, assim que verificamos o erro, tomamos imediatamente medidas para o corrigir. É por causa disso que dizemos que, também para este plano quinquenal, é na prática, como sempre, que será verificada a correcção de cada directiva.

É preciso considerar este problema do ponto de vista das relações entre a minoria e a maioria, entre o Partido e o povo. É o Partido que dá as directivas. Mas, é graças à luta e ao trabalho infatigável do povo sob a direcção do Partido, que podemos cumprir todas estas realizações e lançar os fundamentos do socialismo no nosso país. Se dizemos que estas

realizações são unicamente obra do Partido e ignoramos o povo, então afastamo-nos da linha justa, caímos no erro. Como nos ensina Lenine, a minoria sem a maioria nada pode fazer, não só porque para edificar a sociedade socialista não bastam os comunistas, mas também por uma outra razão, a de que só a partir da experiência das massas se pode elaborar uma linha justa, uma direcção justa na edificação do socialismo, se pode controlar se as directivas são correctas, e evitar assim os erros. Afirmar que esse controle será feito só pelo Partido e pelo poder, é enganar-se de novo, mas se dissermos que esse controle será feito pelo povo, mesmo se eventualmente nos esquecemos de falar no Partido, não nos enganamos, visto que o papel dirigente e decisivo do Partido na nossa sociedade está subentendido, e o nosso povo está estreitamente ligado ao seu Partido, sendo simultaneamente o melhor juiz da sua obra.

Neste campo o nosso Partido nunca errou e nunca errará. Contudo, há pessoas que, para dissimular os seus erros, dizem e realizam coisas que não estão de acordo com a linha do Partido. Neste sentido a pergunta: «como entende o Partido a edificação do socialismo?», reveste uma imensa importância. O socialismo será construído pelas massas do povo, e a aplicação das directivas será feita pelas massas do povo. A correcção da linha do Partido será assegurada pela participação das largas massas do povo, e o trabalho para a correcção dos erros será igualmente feito em estreita ligação com o povo. Sem o povo, nada se pode fazer. É este um dos mais importantes princípios leninistas, princípio do qual nunca nos desviámos e do qual nunca nos desviaremos. Os krutchevistas, os togliatistas e todos os renegados revisionistas, podem criticar à vontade os imortais princípios de Marx, Engels, Lenine e Staline sobre o

Partido, sobre a vanguarda da classe operária, mas esses princípios são tão inabaláveis como o monte Tomori, tão sólidos e imutáveis como um bloco de granito. O Partido está na vanguarda, é a própria vanguarda da classe operária, e é precisamente isto que os teóricos revisionistas pretendem negar. Contudo, a teoria leninista do Partido não foi destruída, não foi sequer arranhada pelas teorias dos renegados revisionistas.

Dizemos que o Partido é a vanguarda da classe operária, mas o que é que isto significa? Sabemos e vemos dia a dia onde e como trabalha a nossa classe operária; está constantemente em luta, trabalha nas minas, nas fábricas, nos campos, nas construções, em toda a parte. Enfrenta dificuldades e privações de toda a espécie e luta para as ultrapassar. Mas a sua vanguarda, o Partido, onde deve estar? Pois bem, deve sempre, e a todo o custo, encontrar-se no ponto mais aceso da luta, do trabalho da produção: eis o lugar de honra para os comunistas, pois de outro modo o Partido não pode desempenhar o seu papel de vanguarda. O Partido recomendou e recomenda constantemente que a grande maioria dos comunistas trabalhe na produção; e aí, devem estar sempre na primeira linha, quer no trabalho quer nos sacrifícios a fazer, devem dar o exemplo em todas as circunstâncias. É preciso nunca o esquecer, pois de outro modo desviar-nos-íamos da linha comunista, tornar-nos-íamos «senhores» e «superiores». A tarefa dos comunistas é estar sempre na vanguarda dessa classe que trabalha, enfrenta dificuldades e realiza sacrifícios. Isto exige que a direcção do Partido, da vanguarda da classe operária, seja assegurada nos sítios onde o trabalho e a luta sejam mais duros.

Pode-se perguntar: «Porque é que é nesses sítios que é preciso assegurar a direcção do Partido?» Para assegurar até ao fim a aplicação minuciosa das direc-

tivas do Partido, quer dizer, a realização dos desejos, dos objectivos e das aspirações da classe operária e do campesinato. Pode-se obter este nobre objectivo quando a maioria dos comunistas se transforma em empregados e se fecha nos seus escritórios? Certamente que não! Pensar e agir assim, seria pensar e agir de acordo com uma mentalidade pequeno-burguesa, segundo a qual assegurar a direcção do Partido consistiria em conseguir que a maioria dos comunistas ocupasse os postos-chave e de comando, e que os sem partido obedecessem às suas ordens. Não, não é assim que se pode assegurar o papel de direcção do Partido. A direcção do Partido concebe correctamente a utilidade dos aparelhos, mas isto nada tem de comum com a ocupação pelos comunistas dos aparelhos do poder popular das organizações económicas e das organizações de massa. É preciso pois deixar de pensar e agir da maneira como alguns compreendem este problema, concentrando cada vez mais comunistas nos gabinetes, como se fosse assim que se pudesse assegurar a direcção do Partido e do poder, etc. Se nos órgãos do poder e nas organizações de massa só introduzirmos comunistas, se agirmos do mesmo modo nos sectores do comércio, da construção, da cultura e em todas as cadeias da edificação socialista, então é evidente que não respeitaremos os ensinamentos de Lenine. Eis o que diz Lenine sobre esta importante questão de princípio:

«Os operários devem entrar em todos os órgãos administrativos, controlar todo o aparelho estatal, e isso deve ser feito pelos operários sem partido. Elegerão os seus representantes nas conferências de operários e camponeses sem partido (...) Devemos preparar para este serviço o máximo de operários e camponeses (...) Acabaremos assim por conseguir expulsar a burocracia das nossas instituições. É indispensável que as grandes massas sem partido controlem todos os assuntos do Estado e aprendam a encarregar-se elas próprias da administração» (*).

Também neste problema devemos levar em linha de conta o futuro, quando estivermos na sociedade comunista. Nessa altura não haverá nem Partido nem Estado, pois os homens governar-se-ão a si próprios. Com esse objectivo, o Partido, as massas sem partido do povo, de onde o Partido saiu, ou seja, a classe operária, o campesinato e todos os trabalhadores, devem aprender desde agora a governar-se. Considerando o problema deste ponto de vista podemos dizer que compreendemos correctamente a ideia segundo a qual é a maioria que edifica o socialismo, que sem maioria, a minoria nada pode fazer. E devemos compreender isto perfeitamente, do mesmo modo que devemos compreender perfeitamente que a direcção do Partido é indispensável, como nos ensina Lenine e como acabo de expor.

Como se apresenta este problema no nosso país? Será que mantemos em toda a parte uma correcta relação entre os quadros comunistas e os quadros sem partido? No nosso aparelho de Estado, no aparelho administrativo, no aparelho económico ou nas organizações de massa, é indispensável que todos sejam comunistas? É certo que nos aparelhos do Partido a questão se coloca de uma maneira diferente. No geral, aqueles que trabalham nos aparelhos do Partido devem ser comunistas. Os operários sem partido só poderão trabalhar neles em proporções muito limitadas. Contudo, mesmo nos aparelhos do Partido há tarefas que podem ser confiadas a trabalhadores sem partido, pois não é necessário que o motorista, o porteiro, o bibliotecário e outros trabalhadores sejam membros do Partido.

(*) Lenine, Obras, tomo 30, págs. 362-363.

Mas, respondamos à pergunta que acabo de fazer: como se apresenta este problema na Albânia? No geral, a situação não é tão satisfatória como o desejaríamos, o que nos obriga a rever algumas questões neste domínio. Este problema sempre preocupou o nosso Partido, que afirmou sempre que era dever dos comunistas estarem nas primeiras filas da luta. Depois da Libertação, a directiva para os comunistas era a de estarem onde as dificuldades fossem maiores na edificação do socialismo e na defesa das vitórias conseguidas. Durante estes últimos anos, e sobretudo graças às medidas tomadas para a revolucionarização dos quadros, foi conduzido um importante trabalho neste sentido, e isso constitui um dos maiores méritos do nosso Partido. Os marxistas-leninistas de todo o mundo, os partidos comunistas irmãos de diversos países consideram como uma nova contribuição para o marxismo-leninismo as medidas recentemente tomadas pelo nosso Partido para fechar todos os acessos às perigosas influências do revisionismo moderno e do oportunismo de direita.

O revisionismo moderno causou grandes danos ao movimento comunista internacional. O Partido do Trabalho da Albânia permaneceu sempre fiel aos princípios marxistas-leninistas sobre o Partido, às teorias de Marx, Engels, Lenine e Staline, quando elas foram atacadas pelos traidores, os revisionistas modernos. Nas difíceis condições em que se encontrou então o movimento comunista internacional, o nosso Partido soube encontrar as vias e as formas adequadas para enfrentar os furiosos ataques do inimigo, não só pela propaganda, mas também com formas de trabalho concretas. O poderoso movimento que tende a enviar os quadros para a produção, etc., etc., constitui precisamente essa contribuição ao marxismo-leninismo que hoje se reconhece ao nosso Partido. O nosso Partido sempre considerou atentamente esse problema

e deve continuar a fazê-lo com uma atenção ainda maior, pois na prática, na vida, nem sempre se compreendem e se aplicam de uma maneira correcta os ensinamentos marxistas-leninistas. Isso só se fará quando nos tivermos desembaraçado por completo dos sentimentos pequeno-burgueses e dos resíduos das ideologias hostis ao marxismo-leninismo, quando pensarmos e agirmos sempre como revolucionários, como o Partido deseja. É justo que um comunista se encontre sempre pronto para ir para a frente da produção, é do interesse do Partido e do povo. E, quando se verifica que um comunista está pronto a ir sem hesitação para onde lhe for pedido, que responde prontamente ao apelo do Partido, então pode-se dizer que esse comunista está na vanguarda. É extremamente positivo que cada membro do Partido considere os problemas sob este ângulo, isso prova que o Partido e os comunistas que o compõem estão na via justa.

Mas o Partido e os seus membros estarão numa via ainda mais justa quando o comunista que trabalha na administração propuser à direcção sem que nada lhe seja sugerido: «Porque permaneço aqui? Não quero continuar mais tempo no gabinete. Porque é que estou na administração? Quero ir trabalhar para a cooperativa agrícola.» Devemos apertar a mão a um tal homem, porque não só provou que compreende correctamente os princípios, mas também que está disposto a aplicá-los por sua própria iniciativa, sem receber ordens superiores. Ou ainda quando vemos um engenheiro que se dirige ao Partido dizendo: «Aqui, neste sector administrativo já somos suficientes, estou farto de trabalhar com papelada, estou farto de permanecer no gabinete, o meu lugar é na base. Quero ir trabalhar para a via férrea ou para a central hidro-eléctrica, como engenheiro ou como contra-mestre», é porque se encontra na via justa. É uma atitude

extremamente positiva para ele e para o Partido. Na Albânia encontram-se tais exemplos de militância, mas é preciso admitir que ainda há muito a fazer neste domínio.

Vou fornecer-vos alguns números sobre o que acabo de dizer: nos aparelhos centrais dos ministérios os comunistas representam 45,5 %, ou seja, quase metade dos quadros que aí trabalham. Mas se considerarmos os números ministério por ministério encontramos diferenças. Assim, por exemplo no ministério da Saúde, 59,6 % dos quadros são comunistas. Porquê tantos comunistas, e sobretudo sendo médicos? Não seria melhor que os médicos comunistas estivessem por exemplo na aldeia de Macukull para aí servirem o povo, em vez de se fecharem no gabinete de um ministério em Tirana? Um outro exemplo: na comissão de Planeamento do Estado, 55 % dos quadros são comunistas. No ministério do Comércio os comunistas representam 52,2 % dos quadros.

Para quê tantos comunistas no ministério do Comércio? Não seria melhor que muitos destes comunistas que aí trabalham fossem o mais depressa possível para a base, para onde se dá a luta prática para abastecer satisfatoriamente o povo, para o servir melhor, para liquidar numerosos defeitos que temos neste sector, ou para preservar o património do povo dos gastos inúteis? Para os substituírem ponham-se no ministérios mais homens sem partido, bons patriotas. Na base, esses comunistas estarão verdadeiramente na primeira linha da luta pelo socialismo, no sítio onde os problemas são maiores e onde exigem uma justa solução imediata no sítio, portanto, onde se encontram as maiores dificuldades e onde é necessário ultrapassá-las.

Assim, pois, quando não for indispensável nomear um comunista para um dado posto, deve-se enviá-lo para a base, para a produção, porque o trabalho é

uma honra para todos, tanto para os comunistas como para os patriotas sem partido. E, visto que assim é, então mais vale que sejam os membros do Partido os primeiros a estar onde as necessidades o exigem, onde as dificuldades são maiores enquanto que nos aparelhos administrativos, basta que haja unicamente o número de comunistas indispensável, e para os outros lugares podem ser nomeados homens sem partido. Assim, quando tivermos necessidade de um chefe de secção num ministério, seja o do Ensino, da Agricultura ou outro, pode-se perfeitamente encontrar patriotas sem partido que estejam à altura do cargo.

Nós, comunistas, não entramos para o Partido para conseguir regalias, muito pelo contrário, a grande honra de ser membro do Partido obriga-nos a deveres ainda mais pesados e importantes em relação ao Partido e ao povo, para resolver todos os problemas, desde a correcta aplicação das leis do Partido, das suas normas, etc., até ao cumprimento das tarefas de cidadão, dando o exemplo aos outros trabalhadores sem partido.

Não temamos, ao agir assim, que não consigamos terminar os estudos empreendidos no centro. Certamente, também nós faremos estudos, mas esse trabalho, também pode ser realizado por homens sem partido. Vejamos o caso de Naum Stralla (*). Era um dos homens mais instruídos da nossa economia, honesto, patriota, não pertencia ao Partido e contudo era o melhor conselheiro do Partido e do governo neste domínio. Temos agora muitos homens deste quilate. Então, porque não manter nos ministérios

(*) Reformado «Herói do trabalho socialista», antigo chefe da Direcção dos Preços junto do conselho de ministros, recentemente falecido.

mais homens capazes, patriotas e sem partido, como este, e enviar preferentemente os comunistas para a base, onde também podem realizar estudos? Será que o distrito de Burrel não necessita de comunistas que estudem o seu caso? Certamente que sim, mas como é que estes estudos se realizam geralmente? Na maior parte das vezes, o ministério do Comércio, por exemplo, envia questionários à secção do Comité Executivo do Conselho Popular do distrito, para pedir dados concretos sobre os quais se apoiem em seguida os seus estudos. Isto quer dizer que esses estudos não podem ser feitos sem contactos com a base. Visto que assim é, porque é que quem se ocupa desses estudos não vai trabalhar para a base? Esses estudos seriam ainda melhores, pois não seriam realizados através de correspondência, mas apoiar-se-iam no conhecimento directo da vida activa do povo.

Mas ainda há «melhores» exemplos da concentração dos comunistas nos aparelhos, e isto precisamente nos sítios onde mais se fala de linha de massas. Por exemplo, são comunistas 55 % do total de quadros dos aparelhos centrais das organizações de massas, e 63,1 % dos aparelhos das organizações de massas dos distritos. Mas mesmo entre as diversas organizações há diferenças. Assim, no aparelho das organizações da Juventude, no centro e nos distritos, os comunistas representam 51,2 % dos quadros, no aparelho das Uniões Profissionais, 67,2 % e no da União das Mulheres, 65,8 %. Assim nas organizações de massa, onde se repete sem cessar «apoiemo-nos nas massas, apoiemo-nos nas massas», precisamente nessas organizações, que chamamos «de massa», é onde a grande maioria dos trabalhadores dos aparelhos são membros do Partido! Porque não introduzir aí elementos sem partido? Será indispensável que, nesses aparelhos, todos sejam comunistas? Para que servem todos esses comunistas nestes aparelhos? Porque não são enviados para outro sítio e substituídos por trabalhadores sem partido?

Vejamos agora o que se passa nos Conselhos Populares, nos órgãos da Frente, nos tribunais populares de distrito. Os comunistas representam nos Conselhos Populares de distrito e da base: 34,65 % dos membros; nos Conselhos da Frente 31,73 % e 51,9 % dos juízes e dos acessores eleitos nos 24 distritos.

Há pouco tempo pedi que me trouxessem a lista dos deputados eleitos para a Assembleia Popular e notei que uma elevada percentagem dos deputados é comunista. Para quê um tal número de comunistas neste órgão? Já antes tínhamos no seio da Assembleia homens sem partido. Na época da Luta de libertação para o Conselho Geral Anti-Fascista de Libertação Nacional foram eleitos destacados patriotas sem partido, que, depois da Libertação, continuaram a ser deputados durante várias legislaturas. Durante a última legislatura alguns deles não foram reeleitos, como também não foram reeleitos muitos outros deputados comunistas, e isto, não porque já não se tivesse confiança neles, mas porque se julgou útil introduzir elementos jovens nestes órgãos supremos do poder. Ora acontece que todos os jovens eleitos são membros do Partido. Será pois indispensável que para eleger um deputado ou um conselheiro, um operário ou um cooperativista emérito, seja necessário que se trate de um membro do Partido, quando temos tantos operários e cooperativistas eméritos, muitas vezes mesmo heróis do trabalho socialista, que não são membros do Partido, mas que merecem toda a confiança que neles se deposite?

Pode-se perguntar porque é que isto acontece. As razões são múltiplas. Primeiramente só admitimos no Partido os melhores elementos. Assim, quando um membro do Partido, recentemente admitido, já ocupava uma importante função, não se julgou necessário, de-

pois da sua admissão, tirá-lo do seu posto e isto porque sempre procurámos que os nossos quadros saíssem de entre os melhores elementos. É correcto escolhê-los segundo este critério, mas exageramos neste sentido, procurando ter o máximo de comunistas.

Há ainda uma outra razão que nos conduziu a esta situação: muitas vezes os órgãos dirigentes, os órgãos e organizações do Partido, ao designarem um quadro para um posto importante, acharam mais fácil escolhê-lo entre os seus conhecidos: pegam numa lista de quadros comunistas que tenham à mão e, desejosos de evitar qualquer complicação, perguntam-se: «Para quê pôr um trabalhador sem partido num posto de uma tal responsabilidade, quando tenho uma lista de membros do Partido cujo passado conheço perfeitamente? Sei que, por todos os lados por onde passaram, cumpriram sempre as suas tarefas, que são honestos, etc.» E assim um desses comunistas é avisado, retirado do seu posto no sector comercial em Burrel, por exemplo, e colocado num ministério em Tirana. Foi assim que foram nomeados numerosos comunistas para postos de responsabilidade, enquanto que os sem partido, embora haja entre eles óptimos elementos, permanecem na base porque não são conhecidos. E é este modo de ver as coisas que está na origem do facto que para os aparelhos dos órgãos administrativos sejam nomeados mais comunistas que os necessários.

Além disso, também há comunistas, e isso é ainda mais perigoso, que se esforçam por encontrar um canto tranquilo, por assegurar um bom lugar, uma posição. Esses sabem lisonjear, tirar partido das circunstâncias para conseguir uma apreciação favorável, de modo que os chefes, directores e outros tenham uma boa opinião deles, tudo isto para poderem obter o posto por que anseiam. Eis outra das razões que

fazem com que tenhamos tantos comunistas nos aparelhos.

Há finalmente uma outra razão que impediu a formação de quadros saídos das fileiras dos sem partido: o facto de não inspirarem confiança. Ora esta atitude tem uma grande importância de princípio. Devemos preservar sempre o carácter revolucionário do nosso Partido, devemos sempre mantê-lo como um Partido de vanguarda que aplica verdadeiramente na sua prática o princípio marxista-leninista da estreita ligação com o povo, que não só deve declarar reconhecer, mas também aplicar concreta e totalmente.

Como é necessário trabalhar com os elementos sem partido? O marxismo leninismo ensína-nos que o comunista deve tratar o elemento sem partido de igual para igual, deve depositar nele uma confiança fraterna. Se um comunista não confia num elemento sem partido, este, por sua vez, não pode confiar naquele. É recíproco.

Lenine dizia que as relações entre os membros do Partido e os elementos sem partido devem-se caracterizar pela confiança mútua. A confiança dos comunistas em relação aos sem partido, cria a confiança dos sem partido em relação aos comunistas. Essa confiança cria-se pelo controle mútuo entre os comunistas e os sem partido no trabalho prático quotidiano. Isso reveste uma grande importância, camaradas, para nós como para qualquer outro partido.

O nosso Partido deposita, em geral, uma grande confiança nas massas do povo. E é porque deposita nelas essa confiança, não em palavras, mas sim nos factos, que lhes está estreitamente ligado. O povo viu que os comunistas verteram o seu sangue, fizeram grandes sacrifícios, que sempre lutaram com abnegação na defesa dos seus interesses. Assim, a confiança que deposita no Partido e nos comunistas é grande. Mas é indispensável que essa confiança das massas no Par-

tido seja preservada como a menina dos nossos olhos, pois representa a maior força do Partido. O nosso Partido sempre respeitou este princípio leninista, assim o Partido e o povo sacrificaram-se um pelo outro e uma mútua confiança os anima. Isto é claro e indiscutível. Para o Partido trata-se de preservar e de desenvolver ainda mais, nas relações quotidianas, nas relações individuais e nas relações de trabalho, esse grande princípio que triunfou no nosso país.

É no trabalho que se verifica a confiança dos comunistas em relação aos sem partido. És membro do Partido, tens o teu cartão do Partido, mas, para o merecer é preciso confiar no sem partido, que não tem cartão, mas que é um homem bom, um operário destacado, honesto, dotado de todas as qualidades. Posto isto voltemos ao problema das eleições. Haverá algum motivo para confiar num membro do Partido e não num sem partido, tão fiel ao Partido e ao povo como o primeiro, e que se lhe dizem: «Sacrifica-te pelo Partido» está pronto a fazê-lo? Mesmo que uma tal pessoa não seja admitida no Partido, porque lhe faltam algumas qualidades dum comunista, não deixa de merecer confiança e de aplicar fielmente a linha do Partido, é uma espécie de bolchevique sem partido. Um patriota sem partido está pronto a ir para onde o dever o chame. Está pronto a cumprir qualquer tarefa, por muito difícil que seja, não porque mantenha relações com este ou aquele comunista mas porque é a linha do Partido, e cumpre essa tarefa em nome do respeito que o Partido lhe merece.

Pode acontecer que algum diga: «Desculpem, mas é-me impossível. Não posso abandonar a cidade porque tenho a minha mulher doente, etc.». Neste caso, para um sem partido, é preciso levar em conta estes motivos, sem lhe retirar a confiança que nele se deposita. Com um comunista deve-se agir de outro modo. Quando invocar essas razões deve-se-lhe responder:

«Parte imediatamente, vai cumprir as tarefas que te deram, porque também no campo há mulheres doentes, mulheres grávidas, em toda a parte há homens que sofrem, e podes perfeitamente levar a tua mulher para um hospital, os hospitais foram feitos para isso. Será só em Tirana e nas grandes cidades que há doentes? E então nas montanhas?» É preciso ser severo em relação às justificações dos comunistas, porque os comunistas, como nos ensina o Partido, devem ser os primeiros em matéria de sacrifícios, e os últimos em matéria de pretensões.

A confiança para com as massas do povo deve afirmar-se e reforçar-se na prática. Essa é uma grande característica do nosso Partido, que deve ser preservada e desenvolvida. Devemo-nos esforçar por ganhar a confiança, mesmo de uma única pessoa, porque pouco a pouco é que o pássaro constrói o ninho.

Este grande amor entre o Partido e o povo tem a sua origem no sangue derramado. Os comunistas morreram e sacrificaram-se pelo povo, que viu neles os seus filhos e as suas filhas, os seus melhores elementos. Esta confiança deve ser preservada e desenvolvida por ambos.

O problema em questão não é o de saber quantos sem partido elegemos para os conselhos aos diversos níveis, mas o de saber como os utilizamos, como os mobilizamos para cumprir as tarefas que o povo lhes atribuiu, e isto, não só porque escolhemos poucos sem partido para esses órgãos, mas porque, mesmo quando os nomeamos, não os mobilizamos convenientemente. Gostei imenso da intervenção da camarada Nika Treska, presidente do Comité Executivo do Conselho Popular da cidade de Burrel, que falou sobre os bons contactos que existem entre os conselheiros e a massa dos eleitores para que os problemas sejam resolvidos com o povo. Essa é a justa via que o Partido deve seguir, e é assim que é preciso agir sem-

pre. Contudo todos sabem que não mobilizamos convenientemente nem os deputados, nem os membros do Comité do Distrito, nem os membros dos Conselhos Populares das aldeias; ora cometemos um grande erro não os mobilizando para os trabalhos de direcção do Estado e do controle da economia. São centenas e milhares dos melhores elementos do povo, e devem aprender prioritariamente a maneira de dirigir o Estado e a economia. É preciso ensiná-los a manterem estreitas ligações com as massas que os elegeram e a levar para os conselhos as vozes e as sugestões das massas, a dizer a verdade, tal como é, sem oportunismos. Os trabalhadores da administração são, de um modo geral, pessoas honestas, mas não se pode dizer que todos os trabalhadores da administração sejam idênticos, e é um facto que entre eles há também oportunistas, que querem manter o seu lugar, que lisonjeiam os seus superiores e que quando não conseguem cumprir as suas tarefas procuram escondê-lo.

Quando o conselheiro, eleito pelo povo, está estreitamente ligado às massas, leva ao conselho a voz das massas.

Mas terão os conselheiros capacidades para tal? Sim, e mesmo muitas outras. Então porque não utilizar efectivamente as capacidades dos conselheiros? Já indicámos por muitas vezes como é que os conselhos devem agir, mas é preciso reconhecer abertamente que não os mobilizámos como seria preciso, porque temos mais confiança nos homens do aparelho que nos conselheiros eleitos pelas massas. Resulta disto que os aparelhos dos comités executivos dos conselhos de distrito contam hoje com 120 a 130 pessoas, ou seja tanto quanto os ministérios quando os «desbastámos» no fim de 1965, enquanto que num único distrito, só a secção de agricultura conta com 15 a 20 pessoas, a do ensino com duas dezenas, etc. E, já que temos tantas pessoas nos aparelhos,

pergunta-se: o presidente do Conselho Popular, o vice-presidente do Comité Executivo, o chefe de secção ou o secretário do Partido do distrito, para que precisaremos desses conselheiros? Os conselheiros são eleitos, muito bem, basta que venham de três em três meses ao conselho, prestam-se-lhes contas, organiza-se com eles uma reunião solene, apresenta-se-lhes um relatório das actividades, e é suficiente.

Camaradas, estaremos no bom caminho agindo assim? Não é a primeira vez que o Partido se pronuncia sobre a necessidade de mobilizar os conselheiros. Sublinhou-o desde há muito e aconselhou-nos sobre como devemos agir com eles. Os conselheiros são os representantes do povo, são os seus eleitos. O Partido, o Estado e o povo dão o direito a cada deputado, quando verifica que algo vai mal na rede comercial por exemplo, ou quando os seus eleitores se queixam de práticas de favoritismo, de ir ele próprio controlar o trabalho no comércio, ou se é operário numa fábrica, bastando-lhe prevenir o director pelo telefone que nesse dia vai controlar alguns postos de venda. É o Partido que lhe ensina a viver deste modo e o director tem o dever de não lhe opor nenhum obstáculo, mas, pelo contrário de lhe permitir que vá onde for necessário para melhor cumprir a sua função de deputado. Assim, dois ou três deputados (falo não só dos deputados à Assembleia Popular, mas também dos eleitos para os Conselhos Populares de distrito) poderão perfeitamente substituir vinte ou trinta funcionários do aparelho do Comité Executivo. Onde trabalham estes deputados? Um pode ser sapateiro, o outro trabalhar numa marcenaria e o outro numa fábrica, etc. Todos são representantes do povo. São homens da produção, homens da classe operária e, logo, se forem mobilizados poderão realizar um grande trabalho.

Falamos do controle da classe operária, mas julgo que até agora essa questão foi um pouco esquecida.

Ora o controle da classe operária significa que a classe operária se levanta e ajuda o Partido na aplicação de uma directiva. O Partido não pode viver sem a classe operária, do mesmo modo que a classe operária não pode conseguir vitórias nem avançar sem o Partido. Ambos devem colaborar estreitamente.

A classe operária quando vê que o Partido agigantou demasiado o seu aparelho chama a sua atenção e mostra-lhe que comete um erro; previne-o de que não necessita de um aparelho tão grande, e que é necessário diminuí-lo porque todos esses funcionários vivem e comem à custa da classe que produz. E o controle operário depois de ter estudado a situação, conclui que, onde havia, por exemplo, 22 empregados, 5 são suficientes, dos quais dois comunistas e três sem partido, para cumprir o mesmo trabalho. Destes, a classe operária exige que cumpram melhor a sua tarefa, e, simultaneamente, responsabiliza-se por fazer posteriormente um novo controle no mesmo local, para lhes mostrar o melhor modo de trabalhar e, se cometerem erros, para os corrigir. Todos sabem perfeitamente que quando a classe operária faz ouvir a sua voz, desaparece o burocratismo enquanto que, quando se cala, este surge.

O controle da classe operária faz aplicar as directivas do Partido e assegura a sua justa execução; também, perante este controle, todas as justificações que alguns não hesitam em usar para não ir do centro para os distritos, ou da cidade para os campos (porque têm a sua casa, ou o seu filho ou filha na escola, etc.) desaparecem por completo. É certo, tem a sua casa, o seu filho ou filha na escola. Mas, e o povo? e o Partido? e o trabalho? São essas tendências pequeno-burguesas que o controle operário deve atacar constantemente e, na minha opinião, parece-me que actualmente o controle operário descura um pouco as suas funções e está mal organizado na prática.

Devemos dar à classe operária o poder que lhe pertence: é isto que o Partido nos ensina. Quem detém o poder na Albânia? A classe operária. Lenine ensina-nos que é preciso introduzir no poder mais elementos da classe operária, do Partido ou elementos sem partido. Também isso é uma forma de controle operário. Este controle nasce da luta para a aplicação da linha do Partido. Quando as coisas correm mal no comércio, porque castigar uma simples vendedora e não o director que está à cabeça da secção? Que faz, como organiza o trabalho? Como controla e ajuda os seus subordinados a cumprirem as suas tarefas?

Por vezes, encontram-se directores que, quando vem o controle operário dizem: «Ah, sede bem-vindos camaradas operários, as vossas críticas são justas». Não basta reconhecer apenas em palavras a justeza das críticas dos operários, é preciso agir como os operários dizem, pois eles detectam perfeitamente os defeitos e as insuficiências, são vigilantes e não permitem as atitudes burocráticas. É preciso que os directores digam ao controle operário «Muito obrigado», que executem as suas recomendações, e que não seja permitido que depois deste controle os funcionários façam outro, adoçando as coisas, arranjando-as entre eles e contentando-se com uma observação num dossier pessoal. Pelo contrário, é preciso que se tomem todas as medidas para que, quando o controle operário volte, não encontre o mesmo estado de coisas, para que cada defeito ou insuficiência seja eliminado e a situação saneada. Caso contrário, os operários devem dirigir-se ao Partido e pedir-lhe que demita um director que aja assim, pois ele é a principal causa de que nada seja feito para melhorar a situação no seu sector; que seja castigado ou demitido. As recomendações dos operários devem ser executadas o mais depressa possível, pois elas fazem parte

do controle de classe. Senão, não há controle de classe mas sim palavras vãs.

Nunca se deve esquecer que é preciso prestar contas às massas populares. Falei-vos do controle operário e da maneira como é aplicado na Albânia, mas vejamos o que diz Lenine, e façamos como nos ensina:

Lenine disse que é preciso:

(...) «Não só reunir regularmente assembleias gerais para as massas operárias e camponesas, mas fazer todos os funcionários responsáveis fornecer relatórios da actividade diante das massas de operários e camponeses. Tais relatórios devem ser fornecidos sem falta pelo menos uma vez por mês para que as massas dos operários e camponeses sem partido tenham a possibilidade de formular as suas críticas às instituições soviéticas e ao seu trabalho. Devem apresentar esses relatórios não só os comunistas mas também todos os funcionários nomeados para postos de responsabilidade e especialmente nos serviços de reabastecimento e nos Conselhos da Economia Nacional (*).

Será que agimos como Lenine nos ensina? Não, não de uma maneira completa. Por exemplo, reduzimos a reunião geral de uma cooperativa à sua expressão mais simples, e substituímo-la pela representação e pela reunião da presidência. Mas é preciso não esquecer que a representação pode enganar-se, que pode entender-se com o presidente, pois podem ser nomeados para a representação pessoas que caiam nas boas graças do presidente da cooperativa ou do secretário do Comité do Partido, ou ainda, podem encontrar entre eles pessoas que sejam parentes da direcção. É por causa disso que é melhor fornecer o relatório perante toda a cooperativa e ensinar-lhe, como Lenine nos indica, a falar, a dizer a sua opinião. Tudo

(*) Lenine, Obras, tomo 42, pág. 307.

o que a direcção faz deve ser julgado pela massa, é perante esta que aquela deve responder pela sua actividade.

Algumas formas de relações existentes dão aos responsáveis a possibilidade de safar-se, e há mesmo alguns que julgam ser possível arranjar as coisas com o primeiro secretário do distrito. É pois indispensável que cada comunista, seja um responsável do abastecimento, um trabalhador dos serviços comunais ou qualquer outro, preste contas do seu trabalho às massas do povo uma vez por mês. As massas devem ter a possibilidade de dar a sua opinião sobre o modo como são servidas, abastecidas, como se comportam para com elas, de dar a sua opinião sobre todos os responsáveis e de julgá-los quando cometem erros, podendo decidir se os responsáveis devem ser mantidos ou não no seu posto, e expulsá-los se persistirem nos seus erros. Assim, quando um trabalhador ou um dirigente comete um erro nas suas relações com o povo, deve ser criticado e avisado para que não o repita. Se este género de reuniões se efectua periodicamente, da próxima vez deverá prestar contas às massas dos seus progressos, e vereis como depressa corrigirá os seus erros. Assim, o presidente da cooperativa, o director dos serviços comunais ou outros responsáveis devem fornecer, de tempos a tempos, relatórios às massas interessadas no seu trabalho, devendo-lhes mostrar como trabalharam, e, depois, será a vez das massas se pronunciarem sobre eles. Quando esta prática for observada de um modo periódico, se se verifica que alguém não corrige os seus erros, o povo poderá dizer-lhe: «Aconselhei-te uma, duas vezes, agora só te resta abandonares o lugar!». Assim, se todos souberem que dentro de um mês deverão prestar contas perante as massas, reflectirão sobre o seu trabalho e esforçar-se-ão por trabalhar melhor. Então poderemos dizer que o controle da classe ope-

rária se exerce efectivamente e que é verdadeiramente eficaz.

Mas há casos em que se é criticado por algumas tarefas mesmo que tenham sido bem desempenhadas. Falou-se aqui da forma como o próprio povo fixou as bolsas de estudo. Quando se age assim resolvem-se as coisas correctamente, e ninguém tem nada a dizer. Contudo, pode aparecer algum descontente, que afirma que não lhe foi feita justiça. Julgando que o Partido ignora como se agiu, faz uma tentativa na esperança de conseguir alguma vantagem injustificada, julgando que, como estamos numa democracia, mesmo se não conseguir os seus fins, nada tem a perder. A prática que foi seguida na atribuição das bolsas foi democrática. É preciso encontrar práticas semelhantes, se possível, para cada problema, e que não sejam apenas os aparelhos administrativos, por exemplo, o chefe da secção do comércio, que tomam as decisões, porque quem não estiver interessado na solução de um problema pode lisonjear esse funcionário, ou mesmo enviar um presente para a sua casa, tomates ou doces, uvas ou peras, na esperança de que este o aceite e que se sinta assim obrigado a esconder a sua roupa suja. Mas perante o povo não se pode agir assim. O povo não quer ouvir falar dessas práticas, e quando vê que alguém não age como é devido dá-lhe o merecido castigo.

Vejamos o que o Partido diz sobre o problema dos quadros. O Partido recomendou que antes de nomear qualquer pessoa se consultem as massas. Se é preciso designar um director devemo-nos dirigir primeiramente ao colectivo dos trabalhadores e perguntar-lhe: «Camaradas, quereis tal pessoa como director?» Mesmo actualmente, há casos em que se faz esta pergunta, mas de uma maneira puramente formal, porque, de facto, só se pergunta a opinião das massas quando a decisão já foi tomada. Primeiramente pergunta-se à

pessoa interessada se a mudança lhe convém ou não, depois decide-se o assunto no seio do organismo do qual a pessoa está dependente, em seguida fala-se aos quadros, e finalmente, quando tudo está acabado fala-se aos operários para lhes perguntar se estão ou não de acordo em ter tal pessoa como director. Mas é preciso não agir assim, a decisão só deve ser tomada depois de se pedir a opinião dos operários, e nunca sem antes se ter obtido o seu consentimento sobre a escolha do candidato, sem os ter encorajado a darem a sua opinião diante de todos sobre a pessoa que vai ser o seu novo director, e a dizer tudo o que sabem sobre o candidato, se lhes parece ou não apto para o posto de director. Durante essa reunião haverá um debate e uma ampla confrontação de ideias, e quando a grande maioria tiver dado o seu acordo sobre a escolha de uma pessoa, então, e apenas então, se procederá à votação. Este modo de escolher os quadros é o mais democrático. É só depois deste trabalho que a candidatura proposta deve ser examinada com base no curriculum vitae que é apresentado ao órgão de que essa pessoa depende, mas a esse curriculum vitae é preciso acrescentar tudo o que os operários disseram sobre esse candidato, é preciso que a opinião dos operários não permaneça letra morta, mas que seja inserida no curriculum vitae do director. Só aqueles que trabalham e vivem dia e noite com alguém o podem conhecer perfeitamente. Um quadro duma fábrica ou duma instituição não pode, do seu gabinete, conhecer bem um candidato.

Talvez alguém diga: «Esperem, as coisas não podem ser assim. Há regras». Deve-se-lhe responder: «Sim, há regras, mas não há regras melhores do que as que acabamos de expor, são as regras mais revolucionárias, mais justas, mais democráticas, e não têm nada de burocrático». Quando se discute a nomeação de um quadro numa reunião de massas, o secretário da

organização de base do Partido deve comunicar ao Partido o que foi dito a propósito desse quadro na reunião de massas; é preciso não esconder nada ao Comité, a fim de que o curriculum vitae do interessado esteja conforme à realidade e que todas as decisões sejam justas e objectivas.

Também é preciso consultar as massas sobre a pessoa proposta quando se trata de eleger um conselheiro. Nestas ocasiões todos têm o direito de dar a sua opinião e de apresentar o candidato que lhes pareça mais indicado, mostrando às massas os seus bons e os seus maus lados. Depois, outros podem completar o quadro das suas qualidades, ou sublinhar alguns defeitos da pessoa proposta que foram silenciados. Estes defeitos não constituem necessariamente um impedimento à eleição dessa pessoa, mas é preciso conhecê-los para que se possam corrigir. Um terceiro pode em seguida propor uma outra pessoa que lhe parece estar melhor adaptada à função, e por aí adiante. Depois de uma larga discussão a candidatura é votada.

Eis um procedimento regular e democrático, que nos é bastante útil, pois assim as pessoas serão seleccionadas minuciosamente e não se permitirá que se introduzam na direcção pessoas que não o mereçam. Visto que todos os cidadãos do nosso país têm o direito à palavra, pode acontecer que alguém proponha um candidato cujo passado não é exemplar. Nesse caso, qualquer pessoa, comunista ou patriota sem partido, desde que conheça a pessoa proposta, tem o dever de explicar na reunião quem é essa pessoa, de dar a conhecer os erros do seu passado, de explicar que a pessoa proposta não é honesta. Assim, convida os participantes na reunião a recusar esse candidato e a eleger um outro conselheiro, ao mesmo tempo que critica severamente o proponente dessa candidatura, por ter tentado que um tal homem fosse

eleito para o Conselho. É parte da luta de classes, luta que não permite que os reaccionários se aproveitem da nossa democracia. É uma luta para defender constantemente os interesses do povo e do Partido.

A democracia, quer do Partido quer fora das suas fileiras, deve ser correctamente compreendida. Antes de mais, é preciso compreender que o fundamental é convencer as pessoas politicamente. A convicção política não existe à partida, não cai do céu, constitui todo um processo, forma-se por um trabalho político junto dos homens, na justa linha do Partido. Inculcar-se-lhes-á esta convicção explicando-lhes pacientemente, sempre com boa vontade, de um modo marxista, uma, duas, três ou quatro vezes, e depois de uma forma severa se não o compreenderem. Mas a mais dura severidade deve existir em relação ao inimigo de classe. O problema das convicções políticas está estreitamente ligado à democracia. Se procuramos a verdadeira democracia devemos procurar politicamente os homens. Senão só restaria recorrer ao cacete, e isso o Partido não o permite, pois segue sempre a via da persuasão, a via da democracia.

Alguns procuram especular com a democracia e aproveitar-se dela para favorecer os seus interesses estreitos ou os seus caprichos pessoais. Recebi uma carta de alguém, um operário, de facto, que me pede para satisfazer os seus caprichos pessoais. Mandou-me uma carta queixando-se de que o contra-mestre da sua fábrica, quando se cruzou com ele um dia ao ir para o trabalho, não lhe deu os bons-dias. Não contente com ter ficado furioso com ele porque não o saudou, vem queixar-se a mim de que não se tomaram medidas contra este contra-mestre. Vê-se claramente que este homem disparata. Se o contra-mestre não o saudou, que importância pode isto ter ao fim e ao cabo? Pode ter acontecido que o contra-mestre estivesse distraído nessa altura, e será isso um mo-

tivo para que o castiguemos? Eis como nas nossas fileiras pessoas como este operário apresentam sobrevivências pequeno-burguesas pronunciadas, que ultrapassam o normal. Um homem como este pensa em vingar-se em vez de se dirigir ao contra-mestre amigavelmente e de lhe perguntar porque é que não o cumprimentou, de falar com ele para eliminar todo o motivo de rancor e fortalecer assim a sua amizade. Em vez de agir assim, recorre a todos os meios para levar a sua avante e vai mesmo até ao ponto de me escrever uma carta. Eis o que é abusar das formas justas, democráticas, da nossa ordem social.

Neste sentido, devemos prestar a máxima atenção à defesa da nossa legalidade, que é uma justa legalidade marxista-leninista. Mas também esta legalidade deve naturalmente ser bem compreendida e bem aplicada. A legalidade no nosso país é uma legalidade justa. As nossas leis defendem os interesses do povo e são elaboradas com a participação do povo. No decurso das lutas que conduzimos para a aplicação das nossas leis esforçamo-nos por educar os homens, por os preservar dos erros, dos males do passado, das sobrevivências ultrapassadas.

Contudo, verificamos que no nosso país se comete um bom número de crimes, nomeadamente contra o patrimómio socialista. Também neste sentido há que conduzir um grande trabalho ideológico e político, e deve ser conduzido pelo Partido, pela juventude, pelos pais, etc. É preciso prestar muita atenção à juventude, sobretudo nas grandes cidades, onde se produzem um certo número de fenómenos lamentáveis, tais como o roubo, etc., pois no campo as coisas são diferentes. De qualquer modo, devemo-nos sempre esforçar por inculcar, sobretudo na juventude, uma disciplina consciente, sem nunca permitir o liberalismo e o anarquismo, combatendo-os firmente.

O que acabo de dizer, é preciso aplicá-lo, mas, como disse, os aparelhos não devem entravar o trabalho, mas pelo contrário colaborar nesse sentido. É preciso lutar nos aparelhos contra os que criam a burocracia, os que não permitem que o povo fale livremente, criticar os que se enganam e cometem erros.

O burocratismo deforma e entrava uma verdadeira informação. Mesmo no Comité Central, por vezes, não nos chegam as informações reais de que tanto necessitamos. De que espécie de informações necessitamos? Será do lado burocrático e formal das coisas que nada significa? Não, não queremos nem a burocracia nem o formalismo, muito pelo contrário, combatemo-los, mas infelizmente nem mesmo o Comité do Partido é constantemente posto ao corrente dos problemas que preocupam as organizações de base.

O Comité do Partido está muito interessado e tem necessidade de saber, por exemplo, como reage a organização de base da cooperativa de uma aldeia a tal ou tal problema, como luta, se há discussões, críticas e autocríticas, etc. Quando se examina um problema, uma pessoa pode emitir uma opinião, uma outra não concordar, outra criticar tal maneira de agir e propor uma melhor, outra criticar uma tal medida, etc. Mas, que é que o Comité do Partido do distrito fica a saber destes debates? Muitas vezes é simplesmente informado de uma maneira formal que «houve uma reunião da organização do Partido da aldeia de Shoshaj, por exemplo, na data prevista, que se examinou tal ou tal problema e que se chegou a tal ou tal resultado», que se informa, mas sem nada dizer sobre o modo como se desenrolou a reunião, sobre as opiniões e os pontos de vista que aí foram expressos. Não camaradas, julgo que o Comité do Partido estaria mais interessado na forma como se desenrolou a reunião, como decorreram as discussões nessa reunião da orga-

nização da aldeia de Shoshaj, sobre o problema considerado, e que gostaria que lhe fosse exposto em detalhe que tal pessoa levantou tal problema, outra criticou a primeira por ter assim agido, que outras duas se opuseram a esta crítica observando que não se baseava em justas posições de Partido, o que deveria ter sido feito de outro modo. Uma tal informação sobre o desenrolar da reunião permitirá ao Comité do Partido ver se se trata de uma organização verdadeiramente militante, activa, que afastou todo o torpor, e de se convencer que essa maneira de tratar os problemas é a mais correcta. O Comité deve ser informado da forma como lutam e reagem os comunistas da base, das suas capacidades e da sua energia, do modo como compreendem o marxismo-leninismo, a democracia, a crítica, etc.

Está aí, camaradas, o combate do nosso Partido para a defesa da sua justa linha, e é sobre essa luta constante que se deve apoiar cada uma das suas organizações, mesmo na altura das eleições do Partido. É desta luta que sairá quem deverá ser o novo secretário da organização quando das novas eleições se o precedente não se desempenhou bem das suas tarefas, quem deve ser o novo presidente, etc. São esses os problemas importantes da vida interna do Partido, que revestem uma importância vital mesmo para a sua direcção que é constantemente revitalizada pela base. Agindo assim, vós, os camaradas da base, dinamizareis constantemente a direcção. São precisamente esses lados da vida interna das organizações que se devem dar a conhecer à direcção, pois esses são os problemas que necessita de conhecer e não os aspectos formais.

Como se apresentam as coisas de facto? Há muitos camaradas que têm medo de informar a direcção destes aspectos importantes da vida interna das organizações do Partido, para que a direcção não se inquiete

e se interrogue «O que é que se passa afinal de contas em Shoshaj?». Não camaradas, se informais o Comité do Partido da forma que acabo de vos expor, isso ajudá-lo-á, e ele compreenderá que nada de inquietante se passa em Shoshaj, mas muito pelo contrário, compreenderá que aí se desenvolve uma animada vida do Partido, que se dá um confronto de ideias, e que ao fim e ao cabo as decisões que os comunistas tomam fazem-no unidos como um só homem, independentemente das posições tomadas durante as discussões, e das opiniões diversas que aí se confrontaram. É perfeitamente normal. Pelo contrário, todo o modo diferente de agir é anormal, não está na linha marxista-leninista do Partido. Se se verifica que em Shoshaj não há um confronto de ideias e que, durante um longo período, a organização conhece uma calma enganadora, é então que o Comité do Partido do distrito deve inquietar-se, reflectir seriamente nas razões dessa situação, concluir que há alguma coisa que não vai bem e dar toda a atenção à reanimação dessa organização. Há camaradas que pensam de maneira diferente e dizem: «O facto de haver calma prova que há unidade, logo que a situação é normal». Não camaradas, nas organizações do Partido a situação só é normal quando há debates, quando há críticas e autocríticas, quando se manifestam diferentes opiniões a respeito do trabalho, quando se fazem propostas, sugestões, etc., em resumo, quando a vida está em plena ebulição.

Mas é preciso compreender de uma forma correcta a maneira como a vida deve estar em ebulição nessas organizações. Mesmo que alguém se oponha à linha do Partido, deve exprimir a sua opinião diante dos comunistas, isto será melhor para o Partido, pois este saberá com quem conta. É bom que um indivíduo diga o que tem na cabeça e que não o guarde para si. Se alguma vez isso acontecer (alguém opor-se

à linha do Partido), então todos os outros se lançarão sobre ele, decididos a defenderem essa linha. Esclarecer-lhe-ão as ideias ou chamá-lo-ão à razão, depende dos casos. Também a luta no Partido é uma luta vital. Por causa disso é preciso não esquecer, camaradas, que essa luta tem uma importância imensa.

Porque é que eu digo isto? Digo-o porque é preciso manter o nosso Partido militante e não entorpecido, é preciso que não seja um Partido dócil em relação a certas pessoas, mas sim um Partido obedecendo às suas directivas gerais, um Partido obedecendo à teoria que é preciso compreender e assimilar e para cuja aplicação é preciso conduzir uma dura luta, pois estas directivas e esta teoria constituem os seus fundamentos. Isso quer dizer que o Partido deve ser militante, pois caso o não seja poderemos ver produzirem-se graves fenómenos, indo mesmo até manifestações de oposição à classe operária.

Ouçamos o que Staline diz sobre isto:

«Que acontecerá se o próprio Partido começar, de uma maneira ou de outra, a opor-se à classe, violando as bases das justas relações com a classe operária, violando as bases da confiança mútua?

Será tal caso possível?

Sim, é-o.

E é possível:

1) Quando o Partido começa a apoiar a autoridade que tem nas massas, não sobre o seu trabalho e sobre a confiança das massas, mas sobre os seus direitos «ilimitados».

2) Quando a política do Partido è manifestamente errada, e este não quer admitir nem corrigir o seu erro.

3) Quando a política do Partido é justa em geral, mas as massas ainda não estão prontas a seguir essa política, quando o Partido não quer nem sabe esperar para dar assim às massas a possibilidade de

se convencerem, pela sua própria experiência, da justeza da sua política, e esforça-se por a impor às massas» (*).

Permiti que faça uma pequena observação sobre esta citação: o Partido tem direitos, mas o seus direitos, não são ilimitados, não pode agir como muito bem quer. O Partido tem o direito de fazer o que o povo quer, o que a classe quer, o que as leis lhe permitem, o que está conforme à sua linha marxista-leninista, não tem o direito de agir fora destes limites. Se ultrapassam estes limites, então o Partido e os comunistas agem segundo uma linha incorrecta.

O Partido bolchevique, enquanto Lenine esteve vivo, nunca cometeu erros. Depois, na época em que à cabeça do Comité Central se encontrava Staline, algumas coisas foram deformadas pelos burocratas, mas os princípios fundamentais da linha do Partido não foram atingidos. Estes princípios só foram violados depois da sua morte, quando a direcção do Partido e do poder foi usurpada pelos revisionistas krutchevistas.

Na Albânia, a situação desenvolve-se de uma maneira completamente diferente. O nosso Partido sempre foi prudente e permaneceu na justa via. Contudo, indivíduos isolados terão podido cometer erros, mas estes erros não eram do Partido ou da sua linha. Assim, por exemplo, numa cooperativa agrícola de Tirana, o secretário da organização de base do Partido ordenou que se fizesse uma busca em todas as casas dos camponeses sem excepção, para descobrir quem tinha roubado algumas azeitonas da cooperativa. Quem deu o direito a este secretário de ordenar que se fizesse uma busca casa por casa? Ninguém! Esse acto foi um grande insulto para o povo, e esse funcionário

(*) J. V. Staline, Obras, edição albanesa, tomo 8, págs. 48-49.

especulou assim com o nome do Partido. Segundo as leis do nosso Estado ninguém pode entrar na casa de uma pessoa sem a sua permissão. Nem o Partido nem a lei permitem proceder a uma busca em casa de quem quer que seja fora das regras fixadas. Só se pode entrar na casa de um cidadão munido de um mandato de busca, e este só poderá ser entregue se há provas concretas de que se cometeu um roubo ou um crime. Só então se podem dar ordens à polícia para fazer uma busca numa casa. E, contudo, alguns camaradas comunistas, sem aprofundar a questão, sem pensar no assunto, e partindo da ideia incorrecta que o Partido pode permitir-se tudo, fazem uma busca em todas as casas de uma aldeia só porque uma ou duas pessoas roubaram alguns quilos de azeitonas. Autorizar tais actos arbitrários, baseando-se no princípio incorrecto de que o Partido pode permitir-se tudo, conduz à via que Staline indicava, aquela em que «o Partido procura apoiar a sua autoridade não no trabalho ou na confiança das massas, mas nos seus direitos ilimitados».

É preciso ter bem consciente que há limites para os direitos do Partido. O nosso Partido, desde que está no poder, fez leis, estabeleceu regras, que ninguém pode violar, mas se é o Partido a violá-las, comete um grave erro, pois cria uma situação em que o Partido se apoia sobre a sua autoridade absoluta, sem a basear no povo. Opor o povo ao Partido é uma via incorrecta, assim o nosso Partido nunca permitiu e nunca permitirá tais violações, tomará sempre severas medidas contra todos os que assim ajam, sejam quem forem.

Um cooperativista de Elbasan escreve-me uma carta cujo conteúdo é verdadeiramente muito triste, Entre outras questões, pergunta até quando a organização do Partido da cooperativa de Shirgjan continuará a cometer erros como o que fez ao ordenar aos cooperativistas que vendessem ou abatessem todo o gado que criavam no terreno junto da sua casa. E o autor da carta espanta-se: «Como é possível agir assim?». Nós próprios, inicialmente, não acreditávamos que se pudesse ter dado uma tal ordem, e enviámos pessoas para confirmarem a notícia. E qual foi o resultado desse controle? Pois bem, essa ordem tinha sido dada pelo Comité Executivo do Conselho Popular do distrito, pelos burocratas da secção da agricultura. E quando se lhes perguntou porquê, responderam que tinham pensado que, visto que essa cooperativa estava destinada a tornar-se uma cooperativa de tipo superior, todo o gado guardado em recintos particulares devia, segundo os seus espíritos confusos, ser ou vendido, ou abatido. E esse cooperativista estava tão farto desses actos, manifestamente contrários à linha do Partido, que chegou a pontos de me escrever pessoalmente. Devido a essa ordem, os membros da cooperativa tinham vendido 880 das 2047 cabeças de gado que possuíam. Quando o povo compreendeu que essa ordem não era justa, levantou-se e pediu contas ao Comité Executivo, que tinha agido contrariamente à linha do Partido. E o povo tinha razão.

Tais ordens dadas em nome do Partido, mas que de facto se opõem à sua linha, são falsas e perigosas. Poderemos permitir a essas pessoas que cometam tamanhos erros? Não, nunca, caso contrário oporíamos o Partido às massas. Assim, quem quer que aja contra as directivas do Partido, contra as massas, deve ser enviado sem hesitação para o seio do povo, para o meio das massas, e dizer-lhes que se enganaram, que não foi o Partido que agiu assim, mas os burocratas; deve pedir desculpas às massas, e pedir ao Partido que lhe forneça abrigo e trabalho nos campos, e se a cooperativa em que trabalhar tiver leite e carne, que beba e coma, e se não tiver, que espere até que haja.

E põe-se a pergunta: qual a origem destas ordens e destas directivas injustificadas? É sempre o burocratismo. Assim, para que tais fenómenos nunca se repitam, é preciso lutar com a máximo vigor contra o burocratismo e os burocratas que cometem estes erros reclamando-se do Partido. Estes homens são contrários aos interesses do povo, são contrários à linha do Partido, a pontos de fazerem o homem do povo perguntar-se: «Até quando continuará o Partido a enganar-se?» Não camaradas, não foi o Partido que cometeu estes erros, não foi o Partido que deu ordem para vender ou abater o gado dos recintos pessoais, mesmo quando se trata de cooperativas que devem tornar-se de um tipo superior.

É certo que uma directiva em vigor recomenda que se reduza o número de cabras, mas é preciso fazê-lo de uma maneira correcta. Reduzir-se-á o número de cabras porque elas danificam os campos, e o rendimento que produzem é mínimo, mas não se deve reduzir o seu número até que não possam ser substituídas por gado mais produtivo. Esta redução deve ser feita gradualmente e com a máxima atenção, para que as crianças não fiquem sem leite. Agir-se-á de igual modo com os carneiros, ainda que, como se sabe, não se tenda a suprimi-los, porque conservaremos, mesmo no futuro, uma certa quantidade de gado miúdo, para atender às nossas necessidades em lã e em carne, e sobretudo porque estes animais são úteis ao consumir certos alimentos que não podem ser utilizados pelas outras espécies de gado, e transformam-nos em bens materiais.

Eis as recomendações do Partido. Então porque compreender de um modo incorrecto estas directivas? Se um instrutor for à base e explicar mal a directiva, então o comunista deve dizer-lhe: «Não estou de acordo com o que acabas de dizer, porque, para mim, a directiva do Partido é clara. Os estatutos das cooperativas das zonas de montanha permitem-me que guarde no meu recinto pessoal uma vaca e dez cordeiros, enquanto que tu vens dizer-me que os abata, mas não executarei a tua ordem». E se se modificarem os estatutos nunca tal se fará sem antes se ter recolhido a opinião dos cooperativistas das montanhas de Mati e de toda a Albânia. Sobre tais assuntos, como sempre, o Partido inquirirá a opinião das massas. Quando se julgar o momento oportuno para se reduzir o número de cabeças de gado, então consultar-se-á o campesinato das cooperativas. Se este julgar que ainda não chegou o momento de o fazer porque a cooperativa ainda não consegue abastecer regularmente de leite os seus membros, então não se fará qualquer redução nesse gado.

O Partido nunca pode ir contra os desejos do povo. Quando a sua justa linha não é compreendida, nunca se deve impor a sua aplicação. O Partido deve continuar a explicá-la pacientemente às massas, não deve precipitar-se, opor-se ao povo.

Staline ensina-nos sobre isto:

«Mesmo o maior Partido pode ser apanhado desprevenido, mesmo o maior Partido pode desaparecer se não tira as lições da História, se não aumenta cada dia mais a disposição combativa da sua classe. Ser apanhado desprevenido é sempre muito perigoso, camaradas, ser apanhado desprevenido quer dizer ser vítima dos imprevistos, ficar em pânico face ao inimigo. Ora o pânico conduz à derrota e à queda» (*).

É preciso ter sempre em conta estes ensinamentos de Staline no nosso trabalho no Partido. Pode acontecer que o Partido se oponha à classe e seja apanhado desprevenido, isso pode acontecer não só a um grande, mas também a um pequeno Partido. A catástrofe que Staline tinha previsto mesmo para um

(*) J. V. Staline, Obras, edição albanesa, tomo 11, pág. 68.

grande Partido, quando se deixa apanhar desprevenido, quando não tira as lições da história, realizou-se infelizmente na União Soviética depois da sua morte. A combatividade do Partido Bolchevique de Lenine e Staline era insuficiente. Esta combatividade, segundo o nosso Partido, é assegurada quando se dá uma grande importância a certos problemas, mesmo os aparentemente pequenos. Devemos ser extremamente vigilantes neste ponto. Quando o Partido vê enfraquecer, num dado momento, a sua preparação para o combate, é apanhado desprevenido pelo inimigo de classe. Foi assim que apareceu na União Soviética o revisionismo moderno, que representava o elemento burocrata, corrompido, hostil ao marxismo-leninismo, às revolucionárias normas leninistas do Partido, esse elemento que se tinha introduzido no Partido, e aí se tinha camuflado.

A experiência histórica que Staline nos ensina a ter sempre em conta, podemos vê-la no Partido Bolchevique, que se encontrou desarmado diante do revisionismo moderno, precisamente porque negligenciou no seu trabalho o apoio de massas. Staline já tinha previsto o que pode acontecer a um Partido que, sob pressão dos aparelhos burocratizados se apoia sobretudo nos seus direitos «ilimitados». Não julgueis que este desvio se deu repentinamente. Não! Deu-se aqui todo um processo, um processo regressivo ao longo do qual, a coberto da grande autoridade do Partido, as normas revolucionárias se burocratizaram e esclerosaram, como acontece com as artérias dos velhos, a que a esclerose cria graves perturbações, e pode provocar bruscamente uma apoplexia. A tragédia que ocorreu na União Soviética prova que o Partido Bolchevique era como uma maçã, exteriormente sã, mas internamente apodrecida. «O verme» que roeu o interior do Partido Bolchevique foi o burocratismo, a esclerose, a violação das normas leninistas, e tudo isto a coberto do nome e da autoridade do grande Partido de Lenine e Staline.

As pessoas que se lançam neste processo de degenerescência esforçam-se por utilizar no seu próprio interesse o prestígio do Partido, e, hipocritamente, por invocar altaneiramente o seu nome. Mas é fácil reconhecer aquele que glorifica sinceramente o Partido, e aquele que, sob esta máscara, procura elogiar a sua própria pessoa. Encontram-se também entre essas pessoas algumas que foram encarregadas de um trabalho do Partido e que invocam constantemente o Partido. Mas, porque o fazem? Fazem-no para dar importância à sua própria pessoa. Batem no peito dizendo que são «enviados do Partido», dando assim a entender que é preciso pensar duas vezes antes de falar com eles, que é preciso escutá-los e agir como eles dizem. São atitudes próprias de burocratas, nefastas e contra-revolucionárias. Essas pessoas têm tendência para minimizar os seus defeitos e os seus erros, dissimulá-los se possível, para que não se lhes preste atenção. Mas de quem os escondem? Escondem-nos dos que lutam para evitar esses erros, dos que se esforçam por os detectar e denunciar, por os criticar e tomar medidas para os corrigir sem demora. São precisamente essas pessoas que os burocratas temem.

A linha do Partido é a linha da classe operária. Reflecte as aspirações e os esforços desta para realizar as suas tarefas através da luta e do trabalho comuns. Esta linha é melhor compreendida na prática, e são o Partido, a classe operária e as massas que a forjam. Quem quer que ignore um destes factores desvia-se da linha. Os que se desviam da linha têm precisamente tendência para ignorar estes factores, esforçam-se por sair do controle do Partido, das suas normas e das suas regras, procuram esconder-se detrás da autoridade do Partido, dizendo orgulhosamente: «Eu sou a autoridade!» Esses homens em vez de me-

ditar sobre as observações que as massas lhes fazem. procuram dissimular os seus defeitos, tomam constantemente a palavra para não dizerem nada de importante, exigindo simultaneamente que sejam ouvidos, sob pretexto de que só eles dizem a verdade. Para dissimular os seus erros, para evitar as críticas esforçam-se por se identificar com o Partido a fim de salvaguardar a sua própria pessoa, e de escapar à crítica. E quando sentem que vão ser criticados, afirmam que «não se deve criticar o Partido», «que o Partido é infalível», etc.

Esta atitude tem o grande perigo de engendrar o receio à crítica. Numa aldeia do distrito de Kruja os membros do Conselho Popular do distrito foram a casa de uma camponesa e degolaram a cabra que esta criava no quintal da sua casa sob pretexto de que este animal ultrapassava a norma permitida pelos estatutos da cooperativa. A verdade é que esta camponesa não pertencia à cooperativa, mas guardava no quintal que a cooperativa lhe tinha dado mais gado do que aquele a que os seus membros tinham direito. O modo de agir desta camponesa não era evidentemente correcto, mas, em vez de recorrerem à persuasão, os «enviados» do Partido foram como bandidos a sua casa e degolaram a cabra sob os seus olhos, dizendo-lhe que era uma ordem do Partido. Quando é que o Partido ordenou que se agisse assim? Nunca. Foi um grande erro, que é imputável a algumas pessoas investidas de poder, mas nunca ao Partido. São tais actos arbitrários que fazem nascer o medo da crítica. Estes actos têm a sua origem na concepção incorrecta de alguns, detectada por Staline, segundo a qual o Partido se apoia sobre os seus direitos «ilimitados». Assim as pessoas pensaram : «Visto que o Partido pode fazer tudo o que quiser, como posso criticá-lo? O Partido tem todos os poderes, e se digo uma palavra, esmaga-me.»

Estes comportamentos incorrectos são contrários à linha do Partido. Se estes casos são tolerados e se multiplicam, camaradas, se se permite àqueles que julgam que o Partido tem direitos ilimitados de agir livremente, produzir-se-á então o que se produziu no Partido Comunista da União Soviética; veremos aparecer actos arbitrários, sanções a torto e a direito, sob pretexto de defender o Partido, de «preservar a sua autoridade». De facto, os actos arbitrários tendem a separar o Partido das massas, a desarmá-lo e a enfraquecê-lo e, finalmente, a liquidá-lo. O nosso Partido nunca poderá esquecer e deverá sempre ter em conta o que Staline previu que aconteceria a um Partido apanhado desprevenido. O nosso Partido é um Partido forte, um Partido que preserva as suas normas como a menina dos seus olhos, que luta e lutará constantemente por preservá-las. Contudo, aparecem tendências negativas aqui e ali, em alguns burocratas ou em pessoas imaturas. É preciso combater a fundo essas tendências antes que se desenvolvam, é preciso corrigi-las a todo o custo o mais depressa possível.

Para concluir, queria sublinhar que continuaremos a avançar sem hesitar na nossa justa via marxista-leninista, tal como foi definida pelo VI Congresso do Partido, e isso, antes de mais, para consolidar e reforçar o Partido. Precisamos de estudar atentamente as directivas desse congresso. É preciso reforçar constantemente o nosso trabalho quotidiano, e para isso precisamos de guiar-nos por essas directivas e pelos outros documentos do Partido, que constituem um grande tesouro de experiência acumulada. Esses materiais permitem-nos compreender ainda melhor a teoria leninista sobre o Partido e a teoria falaciosa, dita comunista, dos revisionistas modernos sobre o Partido, que não passa de uma teoria visando a liquidação do Partido e da ditadura do Proletariado.

Como o sabeis, depois da traição dos revisionistas soviéticos e dos seus lacaios, o movimento comunista marxista-leninista internacional lançou-se numa dura luta de morte contra eles. O nosso Partido está à cabeça dessa luta que deve conduzir até ao fim. Assim, no nosso país é indispensável que o exército e o povo estejam armados e que conheçam a arte militar. Mas nós, os membros do Partido e todo o povo, ao mesmo tempo que nos armamos militarmente, devemos também e sobretudo armar-nos dessa arma invencível que é a teoria marxista-leninista. Essa teoria encontramo-la na longa e rica experiência militante do nosso Partido. É por isso que devemos considerar a manutenção de uma vida animada e revolucionária nas nossas organizações de base e nos nossos comités de Partido, a todos os níveis, como uma das nossas mais importantes tarefas. Se cuidarmos prioritariamente da preparação ideológica e militante do nosso Partido, se tivermos uma clara visão das coisas e estivermos bem armados, nunca seremos apanhados desprevenidos, mas, pelo contrário, estaremos sempre na vanguarda, no lugar de honra na luta contra o inimigo de classe, do interior como do exterior, contra o imperialismo e o revisionismo, até à vitória final.

A vida animada e militante nas organizações de base e nos comités do Partido, a luta comum, revolucionária, dos eleitores e dos eleitos, o trabalho dos aparelhos do Partido, a luta comum de todo o Partido seguindo as normas revolucionárias da democracia e do centralismo democrático, são outras tantas condições de uma importância vital que é preciso realizar lutando sem hesitação e sem servilismo.

O servilismo é irreconciliável com a natureza do comunista, onde quer que trabalhe, no centro ou na base. Os eleitos para a direcção em todos os níveis, foram-no pelos eleitores, mas as duas partes, eleitos e

eleitores, devem colaborar e lutar para a aplicação da linha do Partido, sem hesitações e sem servilismos uma em relação à outra. Uma tal colaboração revolucionária elimina toda a hesitação, todo o servilismo e todo o medo de quem quer que seja. Só assim se pode defender o Partido, a sua linha marxista-leninista. Uma tal atitude é um poderoso golpe que o nosso Partido assesta na ideologia reaccionária, burguesa, imperialista, anti-marxista e revisionista.

Os revisionistas de toda a espécie combatem astuciosamente as normas do Partido leninista. O seu fim é liquidar o Partido marxista-leninista, para que o imperialismo e o capitalismo triunfem e a classe operária seja derrotada. Os revisionistas atacam por todos os meios o leninismo, os princípios da edificação do Partido e as suas normas, que o tornam militante, vivo, e fazem dele a vanguarda da classe operária. Os revisionistas Italianos vão mesmo até à mentira descarada pretendendo que Marx não teria defendido a criação de um Partido da classe operária e dando a entender que Lenine teria deformado as ideias de Marx. Assim, os revisionistas, embora se oponham a Lenine, fazem-no prudentemente, camuflando o seu ataque contra o leninismo.

Mas os factos desmentem as suas asserções. A Liga dos Comunistas, organizada por Marx e Engels, foi um Partido do proletariado. Em muitos dos seus escritos debruçaram-se em particular sobre a necessidade de organizar o Partido Comunista para guiar a classe operária. Isso os revisionistas não o podem negar porque é claro como água. Por outro lado, os revisionistas retomam exactamente as velhas acusações contra Staline, pretendendo que não só Staline se teria desviado das ideias de Marx, mas que as teria deformado; abrindo assim o caminho ao burocratismo e a outros males.

Todos nós conhecemos a história do Partido Bolchevique e a teoria leninista sobre o Partido e os seus princípios, sobre o centralismo democrático, sobre a disciplina e todas as suas outras normas, princípios e normas sem os quais um verdadeiro Partido marxista-leninista não pode existir, sem os quais a revolução não pode desenvolver-se nem o proletariado estabeleçer a sua ditadura. A correcção desta teoria no seu conjunto foi demonstrada pela história.

Qual é afinal de contas o objectivo dos revisionistas actuais? Procuram retomar e propagar algumas teorias que Lenine combateu sem piedade na sua época. Segundo eles, a classe operária no Ocidente teria atingido um tal grau de desenvolvimento que não seria necessário que fosse enquadrada, organizada e submetida a uma forte disciplina. Segundo eles, a linha do Partido, o seu papel de guia, reduz-se, contrariamente ao que diz Lenine, a nada. Segundo os revisionistas, as células do Partido nas fábricas dos capitalistas, poderão desempenhar hoje um certo papel com vista à elevação do nível de vida dos operários, apenas no plano das reivindicações económicas e não no plano das reivindicações políticas. Tais teorias e muitas outras foram esmagadas por Lenine no seu tempo. É por isso que a propaganda dos revisionistas modernos e dos outros inimigos do socialismo é dirigida contra o marxismo-leninismo e tem por objectivo desviar da via da Revolução e do socialismo a classe operária e as massas trabalhadoras, conduzidas pelo Partido.

No nosso país, independentemente dos defeitos que possam manifestar-se no trabalho, a linha do Partido está baseada em princípios leninistas; as directivas são elaboradas, aplicadas e verificadas através da fusão Partido-classe, Partido-povo, de acordo com as teses e a teoria leninista sobre o Partido. O nosso Partido está em pleno e incessante desenvolvimento revolucionário e luta constantemente para encontrar novas formas e novos métodos, um novo estilo, sempre melhor e mais revolucionário. Também para o futuro isso constitui a garantia da justa linha marxista-leninista do nosso Partido.

ÍNDICE

A Conferência Nacional de Estudos Sociais ... 9

Para o Constante Reforço no Campo dos Estudos Sociais do Trabalho (Ramiz Alia) 13

Discurso de Abertura da Conferência feito pela Camarada Nexhmije Hoxha, Directora do Instituto de Estudos Marxistas-Leninistas junto do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia 33

Sobre Algumas Características da Revolução na Albânia (Ndreçi Plasari) 45

A Ulterior Revolucionarização da Vida do País e Certas Questões da Teoria e da Prática do Socialismo (Foto Çami) 79

Sobre Certos Problemas Actuais da Luta Contra o Revisionismo Moderno (Fiqret Shehu) ... 121

Sobre Algumas Questões do Desenvolvimento das Forças Produtivas e do Aperfeiçoamento das Relações de Produção no Processo da Edificação Integral do Socialismo (Hekuran Mara) 163

As Massas Edificam o Socialismo e o Partido Consciencializa-as (Enver Hoxha) 201

QUE FAZER?

CADERNOS MARXISTAS-LENINISTAS

SEM TEORIA REVOLUCIONÁRIA
NÃO HÁ MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO

2.° Número à venda

3.° Número: a sair brevemente

SEDE PROVISÓRIA:

RUA DA FÉ, 26, 2.° — LISBOA-2

Composto e impresso na Beira Douro, Limitada
para Edições Maria da Fonte
Lisboa, Julho - 1975
5.000 ex.